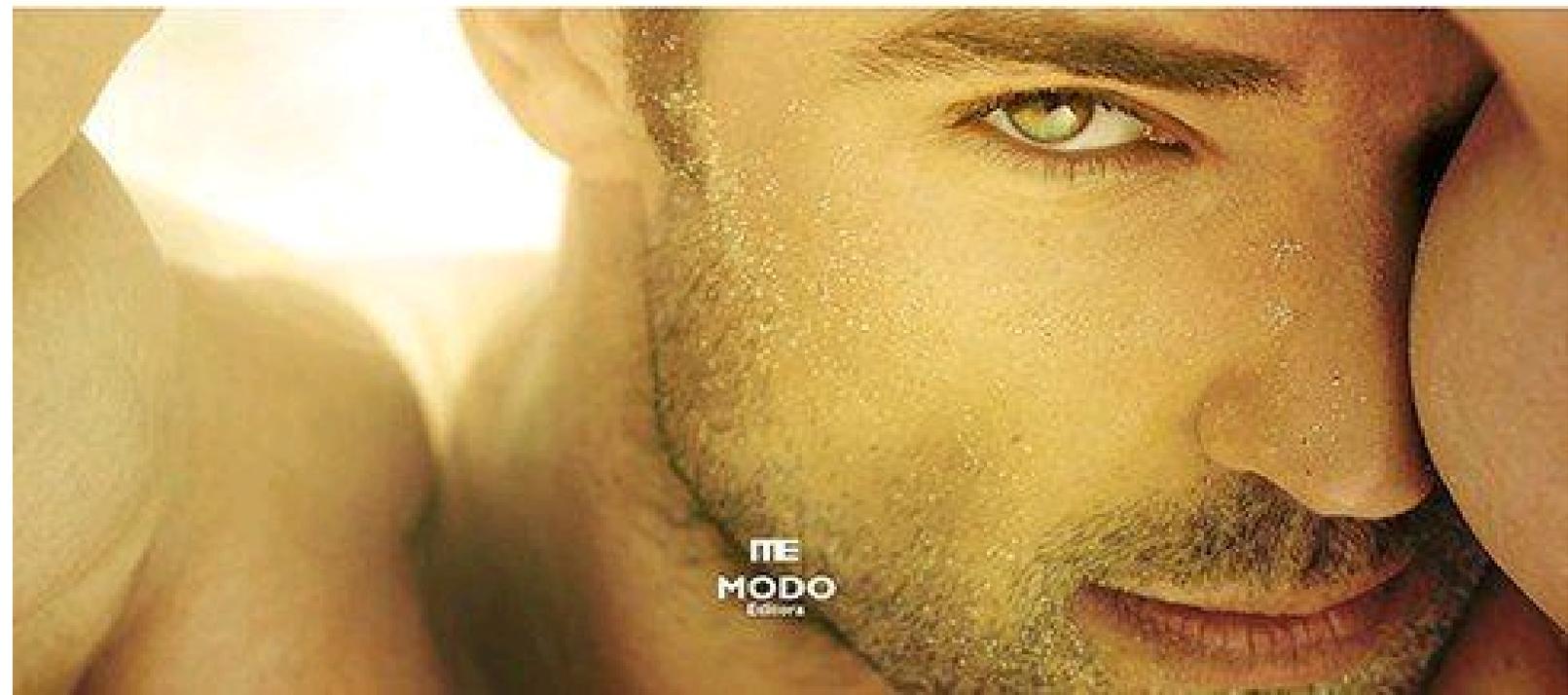




acontece que eu
te amo

E D N A G U E D E S



ME
MODO
Editores

Edna Guedes

**Acontece que eu
te amo**

**MODO Editora Tradicional
2013**

Aos amigos que me apoiam, em especial àquela que disse que não sou boba, apenas tenho o espírito jovem. Ao meu marido que mesmo não sendo o seu tipo de leitura, me apoia e me incentiva. E à minha filha linda e muito amada, eterna fonte de luz e inspiração. Amo vocês!

Dedico este texto a todos aqueles que gostam de ler e voar nas asas da imaginação de nós simples autores, fabricantes de fantasias.

Edna Guedes

"O amor não tem idade; está sempre a nascer."

Blaise Pascal

Índice

PRÓLOGO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

EPÍLOGO

PRÓLOGO

O toque de suas mãos em minhas costas me deixava em êxtase, assim como seu cheiro. Ele era lindo, estava mais do que encantador. Amava senti-lo junto a mim, a maneira como nossos corpos se encaixavam; eu delirava de paixão, de desejo por ele. Eu queria que ele me abraçasse ali, me beijasse e me levasse para um lugar onde só nós dois pudéssemos ficar, mas isso não iria acontecer.

2002

Capítulo 1

Nós estávamos apressadas na fila do caixa da loja de departamentos, onde comprávamos doces e chocolates para levar ao cinema. A sessão já ia começar quando eu, Lara e Cíntia corremos pelos corredores do shopping, logo após haveremos pagado as compras. Como eu sempre fui mais lenta, fiquei para trás. Era a estreia de um filme com Tom Cruise que eu adorava. Não corria, mas andava apressada, tentando equilibrar as compras e ainda me concentrar na tarefa de parar para comprar a pipoca e o refrigerante, enquanto as meninas corriam para guardar um lugar na fila e pegar o melhor assento. Acabei esbarrando de frente em alguém que não me vira andar rápido em sua direção. Não consegui ver a pessoa com a qual esbarrara, apenas olhar o estrago no chão. A pipoca derramada, a metade do único refrigerante que sobrou, pois a outra metade caíra em cima de mim e em meu oponente. Eu fiquei com a roupa toda molhada e uma fera. Só me vinha à cabeça o pensamento de que, quando a roupa molhada enxugasse, eu ficaria toda pegajosa. Só me faltava agora ter formiga no cinema. Enfim, bradei com o culpado de tudo; pelo menos eu achava que era o único culpado.

— Você está cego? Por que não olha por onde anda?

— Calma! Eu compro outra pipoca para você, menina!

— Eu não estou brava por causa da pipoca, estou brava pelo banho de refrigerante que você me fez tomar. Vê? Agora vou ficar toda pegajosa no cinema. Mal vou conseguir me concentrar no filme.

— Se com essa idade você já está com problemas de concentração, imagino quando estiver mais velha. E eu não sou o único culpado, foi você quem correu em desatino ao meu encontro, me dando um banho. Se você não queria que isso acontecesse, por que, então, não fez implante de mais um braço ou nasceu polvo? Carregar livros, bolsas de supermercado, bolsa a tiracolo e pipoca com refrigerante com apenas dois braços só podia dar nisso.

— Você é muito engraçadinho! Vá ao oculista, tá na cara que você está cego.

Ele me olhou, sorriu e respondeu com a maior calma do mundo:

— Se eu estivesse cego não a teria visto na loja de departamentos.

— Você me viu lá? – perguntei, espantada, porque eu o havia percebido também. Achei que ele nunca olharia para mim. Eu estava no corredor dos dvds procurando alguns clássicos para minha coleção. Eu queria o filme com o Dustin Hoffman e Anne Bancroft, *A primeira noite de um homem*.

Minha mãe já havia me falado sobre o filme, o qual assisti e classificou apenas como bonzinho, bobinho, mas a música era boa, *Mrs Robinson* com Simon & Garfunkel (ah, como eu queria um Mr. Robinson!). E foi a primeira vez que eu encontrei os olhos *dele*. Eram verdes e cor de mel ao mesmo tempo, não soube distinguir de imediato, apenas que eles me hipnotizaram com seus cílios espessos e sobrancelhas grossas, que lhes faziam uma moldura perfeita. Ele vestia um costume cinza escuro e, enquanto falava ao telefone, tinha na outra mão o dvd que eu estava procurando. Senti vontade de perguntar onde ele o havia encontrado, mas para não atrapalhar sua conversa, que parecia ser importante, preferi só me conformar e tentar procurar o filme na internet. E ele também olhou para mim, porém pensei que não tivesse me notado realmente, que houvesse sido apenas por reflexo, em alguém estando próximo a ele ou em seu caminho para pedir passagem, mas ele me viu e agora eu sabia.

— Vi sim, lógico!

— Então está me seguindo?

Meu Deus; imediatamente percebi como fui estúpida. Ele apenas sorriu diante daquela minha pergunta idiota. Se soubesse o que eu estava pensando, iria correr de mim achando que sou completamente insana. Estava na cara que ele não me seguia. Que mico! Ainda sorrindo com minha pergunta infantil, ele negou, mas disse que se precisasse, me seguiria para sempre. Notei que havia ficado vermelha, pois senti um calor terrível invadir meu corpo. Então, ele me ajudou a recolher os livros que haviam caído e me levou até a porta de entrada do cinema. Ofereceu-se para pagar outra pipoca e refrigerantes. Dessa vez eu iria andar devagar.

Seu olhar me hipnotizou ainda mais quando vi que existia algo mais por trás daquilo tudo. Senti que algo havia mexido comigo, não me encantei apenas pela beleza dele ou por ele aparentemente ter o mesmo gosto por filmes clássicos que eu, mas, naquele momento, eu quis saber onde encontrá-lo novamente, seu nome, sua idade, onde e com quem morava, seus desejos, se ele tinha alguém... Queria saber qual a sensação do toque de suas mãos em minha pele, em meu rosto, o gosto de seus lábios. Na verdade, me senti atraída por ele, queria saber tudo. Sei que tenho namorado, mas foi mais forte do que eu. Ele me passava segurança e atitude, e parecia um homem de caráter e personalidade fortes. Não era como os meninos que eu estava acostumada a conviver. Soube, naquele momento, que seria muito ruim se eu não voltasse a encontrá-lo um dia. Enquanto ele falava, permaneci calada, apenas admirando seus lábios e sua boca. Confesso que não ouvi nada do ele perguntou, se gritou comigo, se brigou ou se foi carinhoso. Foi quando ele estalou os dedos à minha frente para me chamar de volta de meus devaneios.

— Eu sou Guilherme e você?

— Lu... Luíza. – respondi gaguejando.

— Então, Luluíza, posso pegar o número do seu telefone? Acho que vou ter que processá-la se

essa mancha em minha roupa não sair.

Eu realmente não sabia o que falar. Meio que no automático, peguei um pedaço de papel e escrevi o número, entregando-o eu suas mãos, sentindo um tremor percorrer todo o meu corpo com o toque suave da ponta de seus dedos nos meus, como se fosse uma onda de choque. Então ele se despediu de mim e disse que me ligaria.

Entrei na sala de cinema e lá, Cíntia e Lara, ainda espantadas com o acontecido, me bombardearam com perguntas, e embora não houvessem voltado em momento algum para me ajudar, queriam saber de tudo, perguntando todos os detalhes.

— O nome dele é Guilherme. Pediu meu número de telefone e disse que vai ligar para eu pagar o prejuízo da roupa dele, se tiver.

— Prejuízo? Que prejuízo que nada! Isso é balela. Ele disse quando vai ligar?

— Não.

— Você não perguntou?

— Não.

— Por que não, Lu?

— Porque não. Sabe, fiquei tão surpresa com o que aconteceu que não tive ação.

— Ele é lindo!

— Eu sei.

— Você é poderosa, amiga. Um gato daquele interessado em você. Ele parece mais velho.

— Nem tanto.

— Uns 25 anos ou mais, eu acho.

— Não sei... talvez menos.

— Você o achou bonito?

— Sim.

— Você já o havia visto antes?

— Não. Quer dizer, sim.

— Qual é, Luíza, você vai ficar respondendo apenas *sim e não*?

— O que vocês querem? Eu não sei o que falar. Ele me surpreendeu pedindo meu telefone, eu dei, disse meu nome, ele disse o dele e foi isso, depois entrei aqui para ver o filme. O que vocês queriam que eu dissesse? Eu estou aqui com vocês e, além disso, eu tenho namorado, lembram?

— Nossa! Se um cara lindo daquele pedisse meu telefone eu jamais iria ver o filme.

— E nem eu, Lara! Eu iria conversar com ele.

— Mas o que vocês querem que eu faça? Ele não me convidou para conversar, tampouco se ofereceu para ver o filme, que, aliás, já vai começar. Ele só pediu meu telefone e mesmo assim para

cobrar o prejuízo. E eu errei, não devia ter dado. E agora me deixem em paz!

— Calma! Não está mais aqui quem falou.

— Vamos assistir ao filme?

— Nossa! Ela fica de mau humor rapidinho, né?

— Não estou de mau humor, só não tenho o que falar pra vocês. E, por favor, meninas, nada de comentar sobre o acontecido na frente do Rodrigo. Eu não devia ter dado liberdade àquele cara.

— Não esquentá, Luíza. Você não deu liberdade, apenas expandiu seus horizontes. Parece-me que o Guilherme é um cara muito maduro para querer algo sério com uma menininha virgencinha, purinha e santinha como você.

— Você é uma bruxa, Cíntia!

— Só agora você descobriu? – e sorriu, mostrando as unhas como se fossem garras monstruosas.

Com o término do filme, fomos fazer um lanche e nos divertir no shopping. Tiramos fotos e aproveitamos o tempo juntas, e bem mais tarde voltamos pra casa.

Perto das dez horas da noite, após um banho relaxante, me lembrei de ligar o telefone e foi mais ou menos uns dois minutos depois que ele tocou e eu atendi. Era Rodrigo.

— Luíza, meu amor...

— Ah! Oi, Rodrigo, tudo bem?

— Eu liguei pra você a tarde inteira e seu telefone estava desligado. Liguei para a sua casa e ninguém atendeu. Onde você estava? – Rodrigo era sempre muito controlador e isso me irritava.

— Só lembrei de ligar o celular agora. Fui ao cinema com Lara e Cíntia. E você, o que fez?

— Só trabalhei. Que filme vocês assistiram?

— Um filme de ação com Tom Cruise, lógico!

— Você tem sorte por eu não sentir ciúmes do Tom Cruise. Você é mesmo fanática por ele, hein?

Bom, amanhã passo aí pra gente se ver.

— Tudo bem. A que horas?

— De manhã bem cedo. Como é quinta-feira véspera do feriadão, estou pensando em irmos a Porto, que tal? Meus pais irão também. Ficaremos num hotel lá e só voltaremos no domingo.

— Por mim, tudo bem. Vou pedir logo permissão à D. Marina para ir. Ela vai bronquear, mas eu a ganho no papo.

— Por que você acha que ela vai te dar uma bronca? É só dizer que meus pais e irmãos irão também. Você sabe o que eu acho disso, não é?

— Eu sei, Rodrigo, mas ela é minha mãe e não gosto de aborrecê-la. Ela é minha melhor amiga, nós contamos tudo uma à outra.

— O que questiono é a cisma dela comigo. Já namoramos há mais de um ano e eu nunca forcei você a nada. Querendo ou não, você também me mantém celibatário, mas isso não vai durar para

sempre, um dia seu corpo sentirá necessidades que sua cabeça irá discordar. A gente tem que falar sobre isso.

— Mas eu não quero falar agora. Estou cansada e pretendo dormir.

— Então tá, como você quiser, Lu. Nos vemos amanhã. Beijo, amor.

— Outro.

Eu namoro Rodrigo há pouco mais de um ano e gosto dele, mas sei que não o amo. Ele é um rapaz legal, bacana, seguro de si, sabe o que quer, é bastante maduro, mas falta alguma coisa nele para eu me sentir bem.

No começo, eu vivia encantada com o fato de ele ser mais velho do que eu. *Como um carinho de 24 anos vai se interessar por mim?*, eu pensava. Então aceitei namorá-lo. Ele nunca insistiu comigo para transarmos, mas eu penso sempre nisso todas as vezes que nossos carinhos tomam um rumo mais íntimo, pois sei que não é com ele que eu quero transar a primeira vez.

Minhas amigas vivem me chamando de idiota, mas eu não me importo. Quero que seja especial, com o cara que eu vou amar e me lembrar para o resto de minha vida, mesmo que eu não esteja com ele. Rodrigo é inteligente, amoroso, mas ando mesmo pensando em terminar o namoro. Sei que não devo ficar com ele só porque não existe mais ninguém, um dia vou ficar adulta, vou ter meu trabalho e ele, o dele. Tenho certeza de que ele não irá me esperar para sempre, nem deve. Entretanto, o que me aconteceu hoje no shopping foi surpreendente.

Eu já havia visto Guilherme no departamento de dvds e depois na fila para pagar as compras, antes de esbarrarmos na porta do cinema. Até sorri pra ele, mas acho que ele não viu, ou talvez eu tivesse pensado em sorrir, mas não o fiz. Porém, admito que senti um arrepio muito estranho quando o vi, aqueles olhos verdes me olhando, os cílios espessos demais; seus ombros largos, sua altura. Senti-me dominada, indefesa. Depois que dei o número do meu telefone, foi que vi a bobagem que havia feito, porque agora espero ansiosa por sua ligação.

Meu Deus! Já são oito horas e ainda estou na cama. Mamãe não me acordou. Sei que ela não gosta da ideia de eu ir com Rodrigo para Porto, por isso me atrasa assim. Eu até a entendo, escuto sempre seus conselhos sobre sexo, sobre cuidados, mas o que ela não sabe é que eu não me sinto preparada ainda para isso. Às vezes quero dizer a ela que fique tranquila, que não vou transar com Rodrigo nem tão cedo, aliás, nem vai ser com ele a minha primeira vez, mas como sou meio sádica, deixo-a louca. Ai ai, minha mãe. Eu a amo tanto e ela não faz ideia do quanto gosto de enlouquecê-la com meus pensamentos pirados.

Após o banho, desci para evitar mais atrasos.

— Bom dia, minha mãezinha linda! Leu meu bilhete? Eu vou à praia com o Rodrigo, sabia?

— Bom dia, amadinha! Li sim e não gostei da novidade. Não é justo, dona Luíza! Você tem que

me pedir permissão primeiro.

— Não esquentá, dona Marina! Eu não vou fazer nada disso que a senhora está pensando e que tem tanto medo. Ah, e para sua tranquilidade, os irmãos e os pais dele também irão. Ficaremos num hotel, tá? Só voltaremos no domingo à noite, portanto relaxe, Dona Marina, serão só dois dias e meio sem minha agradável companhia.

— Eu sei de tudo isso, Luíza, a mãe dele me contou. Você sabe que eu até me esforço para gostar do Rodrigo, mas torço para que ele um dia caia em si e namore uma moça da idade dele. E tem mais, acho aquela mãe dele muito liberal, muito louca, sou mais reservada e não gosto dessas liberalidades. Temo que um dia você se deixe levar pela opinião dos outros, que faça as coisas só por influência das amigas, de gente mais velha. Você sabe que, no fundo, namorar com um rapaz mais velho não é tão salutar assim. Ele tem outras expectativas, filha, outros objetivos. Se você namorasse um rapaz da sua idade seria melhor, vocês cresceriam juntos.

— A diferença de idade não tem nada a ver, mamãe. Mesmo sendo cronologicamente mais jovem, às vezes a pessoa é bem mais madura do que muito adulto por aí. Então relaxa, eu sei me cuidar. E não pretendo fazer nada que não estiver a fim. Agora vou preparar minha malinha, tá? Amo você, dona Mamá!

— Eu também, meu tesouro, te amo muito mesmo.

Após o café da manhã, fui arrumar a bolsa com as coisas que iria levar e, ao acabar, ouvi a buzina do carro de Rodrigo.

Desci rapidinho as escadas e o encontrei no portão. Ele é lindo, pena que eu não sou apaixonada por ele. Os cabelos são o que eu mais gosto nele, sem falar sua altura. Adoro homens altos, e Guilherme era ainda mais alto do que Rodrigo.

Ele me abraçou apertado e me beijou rápido nos lábios. Enfim, é um feriadão e quero aproveitar, afinal de contas, depois do semestre atribulado que eu tive na universidade como caloura, mereço um descanso assim.

Nós fomos sozinhos no carro dele. Eu pensei que iríamos com mais alguém, tipo a irmã ou algum irmão de Rodrigo, mas, para minha surpresa, ele disse que só iríamos eu e ele, pois seus pais haviam desistido, assim como os irmãos, e decidiram ir para Porto Seguro e não para Porto de Galinhas como pensei inicialmente. Na hora, não gostei muito de saber disso, pois, involuntariamente, eu havia mentido para minha mãe. Faltam dois meses para eu atingir a maioridade, mas, até lá, ainda sou menor e, mesmo se já fosse maior, não gosto de mentir. Portanto, não é uma questão de idade, e sim de princípios.

Chegamos ao hotel quase duas horas e meia depois, pois o trânsito estava terrível, e lá, a surpresa foi ainda maior e pior. Ficaríamos no quarto que fora reservado anteriormente aos pais dele. Como haviam desistido, Rodrigo achou que eu não me incomodaria em ficar com ele. Me incomoda sim!

Ai, que raiva! Isso sim me tirou do sério.

— Rodrigo, já não foi suficiente eu ter que mentir para minha mãe, mesmo que involuntariamente, dizendo que seus pais viriam a essa viagem, e cá estou eu, sozinha com você?

— Relaxa, amor. Você só faz o que quiser.

— Eu sei que só faço o que quiser. Mas eu não gostei da surpresa.

— Você quer voltar pra casa agora?

— Engraçado você! Não vou enfrentar novamente esse engarrafamento dos infernos. Eu fico, mas vou logo avisando, odiei a surpresa!

— Você briga por tudo, Luíza.

— Eu brigo por tudo?

— A gente nem conversa sobre sexo porque você não permite. Toda vez que a gente excede no carinho você foge de mim, e o pior, nem quer conversar sobre isso. Eu respeito o fato de você ter seus medos, mas, puxa vida, não querer conversar, colocar os pontos nos is, dialogar, chegarmos a um acordo, isso já é demais.

— Você não quer conversar sobre transarmos, você quer é me tratar como seus processos, sempre procurando as brechas da lei para poder aplicá-la melhor a seu favor.

— Estou colocando as cartas na mesa, Luíza. Entendo que você ainda seja menor, daqui a dois meses será maior de idade, mas você sequer aceita conversar comigo. E é só isso o que eu quero.

— Então você só tem esperado minha maioridade chegar para evitar embaraços com a lei, é isso? Está bem, então, vamos conversar. O que você quer falar?

— Eu não quero evitar embaraços judiciais, eu quero apenas me relacionar mais intimamente com minha namorada. Ei, eu tenho necessidades físicas também, sabia? Eu não sou mais criança, e você também não é. Eu só esperei esse tempo todo para que você amadurecesse e não por receio de ser confundido com um corruptor de menores. Você está me julgando muito mal, não pensei que pudesse pensar isso de mim.

Ele está certo, sempre fujo do assunto e estou sendo pior do que infantil; idiota é a palavra adequada.

— Desculpe-me, Lu. Por favor, me perdoa. Eu não queria gritar com você. Eu te amo. Eu devia ter sondado sobre isso antes, mas me sinto tão inseguro com você. Parece que você está sempre me afastando. Quanto mais eu me aproximo, mais você me repele.

— Rodrigo, eu gosto de você, acho mesmo que a gente deveria ter conversado antes e sei que a culpa foi minha, mas não quero fazer nada precipitado ou porque minhas amigas me pressionam. Fui infantil demais, mas é que não gosto de pressão.

— Eu sei, amor. Eu só vou fazer o que você quiser, quando quiser, no seu tempo.

— Rodrigo... Eu...

— Shhh! Eu espero.

Fui sincera com ele e falei das minhas inseguranças, que ainda não me sinto madura o suficiente para o sexo, mas não disse toda a verdade. Eu só quero transar com alguém quando realmente sentir que o outro será o escolhido, seja quem for, e não é o Rodrigo.

— Você tem medo de que eu só queira transar com você e que vá te ignorar depois? Isso, além de ser antiquado, sequer passou pela minha cabeça.

— De jeito nenhum! Na verdade, quem pensa isso é minha mãe.

— Você fala tudo para ela?

— Quase tudo. Ela é minha melhor amiga. Por exemplo, eu não falei ainda que passaremos o feriadão todo sozinhos. Quando ela souber, vai ter um chique daqueles. E eu a entendo...

— E o que ela diz sobre nós?

— Sobre nós, nada especificamente. Ela diz que eu tenho que ter maturidade pra fazer as coisas, pensar bem antes para não me arrepender. Às vezes, ela fica paranoica e a gente meio que briga, mas depois fica tudo bem.

— Luíza, você me ama?

— Por que você está perguntando isso?

— Eu quero saber. Eu penso em nós dois no futuro, Lu. Nós dois juntos, casando, formando nossa própria família. Eu sei que você é muito jovem ainda, tem que se formar na faculdade, trabalhar, não irei impedi-la de fazer nada, mas quero saber se você algum dia pensou em ficar comigo no futuro.

— Eu não sei, Rodrigo. Como você disse, eu ainda sou muito jovem, casamento não está no meu vocabulário ainda.

— Eu sei disso, mas é que, às vezes, eu penso que vou te perder e eu não quero isso.

Eu sabia que ele tinha razão em seus temores, eu realmente não me sentia preparada para pensar em ficar com ele, casar e formar uma família.

Nosso primeiro dia e Porto não foi lá dos melhores, mas, mesmo assim, depois que conversamos e fizemos as pazes, almoçamos e fomos dar um passeio de lancha, mergulhar, o que levou a um fim de semana muito tranquilo, sem brigas, apenas um casal de namorados se divertindo.

À noite, na hora de dormir, ele improvisou uns edredons no chão para que eu pudesse dormir sozinha. Não achei justo ele ficar no chão e o chamei para a cama. Era grande o bastante para ficarmos lado a lado sem nos tocar, e assim foi. Ele era mesmo um cavalheiro, um príncipe encantado, pena que eu não era sua princesa.

Resolvemos voltar no domingo no fim da tarde, pois queríamos evitar o congestionamento do trânsito da segunda-feira. Depois que Rodrigo me deixou em casa, tomei banho, desfiz minhas malas

e fui ouvir todas as perguntas que minha mãe tinha para fazer. Lógico que eu não queria ouvir os sermões dela naquela noite. Outro dia, quem sabe, eu falaria que fui sozinha com Rodrigo e não com os pais dele. Nem quero imaginar o que ela diria quando soubesse.

Eram sete horas da manhã quando acordei, indo de imediato procurar estágios no jornal. Eu havia colocado na cabeça que, quanto mais cedo procurasse, mais chances teria de conseguir estágios na área de jornalismo, apesar dos conselhos dos professores afirmando que “*estágio no início, vocês só serão peões e não aprenderão nada*”. Encontrei uma vaga no jornal e enviei meu currículo. Ainda iria fazer o segundo ano de curso, mas, como a vaga oferecida não limitava o período, resolvi me arriscar. Entretida com a procura de estágios, atendi ao telefone que tocava ao meu lado e não reconheci quem estava do outro lado da linha, mas era uma voz grave e doce.

Era Guilherme! O mesmo Guilherme que não saía da minha cabeça de vento durante todo o feriadão.

— Pronto!

— Posso falar com Luíza?

— É ela.

— Sou eu... Guilherme. Lembra-se de mim? Sua vítima do shopping?

— Lembro sim. Mas a vítima fui eu. – Meu coração disparou só de ouvir aquela voz.

— Sério? Eu tive muito prejuízo e estou te ligando para resolvermos esse problema. Meu costume está manchado e o perdi totalmente.

— Ah, então a culpa é da lavanderia. Se fosse competente, teria tirado a mancha... Mancha de que mesmo?

— Uma mancha enorme de algo que tinha em você e não sei se quero que saia. Que bom ouvir sua voz. Tão suave, tão infantil. Pensei que fosse de uma irmãzinha sua.

— Sou filha única...

— Estou me sentindo meio atrapalhado, mesmo assim quero aumentar minhas chances.

— Chances de que?

— De te ver de novo.

— O mundo não é tão grande.

— É verdade, mas não quero mais demorar tanto para te encontrar novamente.

— Como assim demorar?

— O tempo de sua existência é o tempo em que não havia te encontrado ainda, e para mim isso foi muito custoso.

— Mas eu não existo há muito tempo!

— Para mim foi como uma eternidade. Você é tão linda que chego a me sentir um criminoso por isso. Eu estou me sentindo um garoto... meio ridículo, meio bobo. Apesar de ter todos os motivos

contrários, preciso encontrar você novamente, Luíza.

— Er... eu queria muito, Guilherme, mas não posso. Existe alguém e espero que você não me julgue mal por isso. É melhor a gente não se falar mais. Eu não quero magoar ninguém, nem você, nem eu mesma. Isso é muito complicado. Por favor, não me telefone mais. Eu fui imprudente, não foi legal eu ter feito isso.

— Calma, Luíza. Eu não vou julgá-la, quem sou eu para fazer isso. Agora eu tenho certeza de que sou um tolo... Mas não paro de pensar em você.

— Eu também não, porém é melhor não andarmos em terreno tão perigoso... Talvez a gente só se machuque, eu ...

— Vê? Você também não. Então nem podemos ser amigos?

— Acho que não.

— Eu prometo que não tento nada. Só conhecer você, ser seu amigo. Farei de tudo para você se divertir. Eu a escutarei sempre que você precisar de um ombro amigo, pago a pipoca no cinema, vou às compras com você...

— Então é essa a sua tática? Ser engraçadinho?

— Consegui? Eu faço o que posso. Confesso que estou enferrujado, ou então é você que está me deixando todo enrolado mesmo. E aí, não está interessado em minha amizade? Prometo que sou fiel igual a um cãozinho. Você não tem amigos?

— Tenho, claro!

— Por que não, então? Você tem medo de não conseguir ser minha amiga?

— De jeito nenhum! Aliás, eu não tenho medo de muitas coisas. Mas, por favor, não telefone mais...

— Tem certeza de que não quer que eu ligue mais para você? E o meu prejuízo? Eu posso te processar.

— Tenho sim. Acho que você não vai me processar por conta de uma mancha na roupa que nem deve ter sido tão grande assim.

— Mas é uma roupa de muito valor sentimental. É um bem infungível.

— Infungível? Não me diga que é um costume de seu falecido pai?

— Uau! Você me pegou. Eu nem pensei nessa possibilidade, inventar que era do meu pai. Até porque meu pai ainda está vivo. Bem argumentado, mocinha!

— Então... Não vou pedir para que você não me ligue mais, vou deixar isso com o destino. O que tiver de ser, será.

— Então tudo bem, só me resta arcar com o prejuízo, mas apenas por enquanto, pois pretendo ter uma conversinha com esse tal de destino.

E desligou.

Capítulo 2

Sem aula, fui almoçar no shopping Recife, o mesmo onde encontrei Guilherme pela primeira vez. Eu também queria dar uma forcinha ao destino, pois o cara não me saía do pensamento. Eu só o vi uma vez e tudo o que sei sobre ele é o seu nome e o quanto sua voz é linda, suave, lenta, máscula, me transmitindo segurança.

Após o almoço, voltei pra casa e liguei para Cinthia. Falamos bastante, pedi desculpas por ter sido tão grosseira no cinema, explicando que ela havia me provocado, e ficamos em paz novamente. Conteí que eu e Rodrigo ficamos sozinhos durante o feriadão em Porto. Ela ficou curiosa para saber se havia rolado alguma coisa entre nós e eu disse que não. Ela ficou um tanto quanto decepcionada, mas me entendeu.

Ela e Felipe já tinham um relacionamento íntimo há um ano. Eu não aprovava muito, no entanto, como não se tratava de mim, só me restava entender. Eu disse que também tenho minhas necessidades físicas, porém não quero fazer unicamente por este motivo, quero que seja por amor. Parece-me que ela entendeu, e disse que só fez com Felipe porque sabe que o ama demasiadamente.

Eu nunca entendi esses amores demasiados. Acho exagerados! Eu nunca falei para o Rodrigo que o amarei para sempre. Nem mesmo o amo agora, portanto não posso mentir, dizer isso jamais. Gosto muito dele, é verdade. Ele faz com que eu me sinta segura, mas não é apenas isso o que quero. Eu nem sei muito bem o que quero, só sei que não quero ficar com alguém por segurança, estabilidade.

— Mas, Luíza, se você não sente amor por Rodrigo, por que ainda está namorando ele? Não acha que é perder o seu tempo e o dele?

— Não sei o que acontece comigo, acho que tenho medo de nunca encontrar alguém que me ame.

— Você diz que se excita com ele. Nessas horas não tem vontade de ir até o fim?

— Tenho sim, mas quando penso que não será por amor, bloqueio geral. Ele é carinhoso demais, o beijo dele é gostoso, mas não é apaixonante. As mãos dele são macias, perfeitas, sabem bem o que fazer, mas não é amor. É só curiosidade, necessidade física. E se eu for até o fim sei que irei me arrepender.

— Eu te entendo. Acho que se eu não amasse o Felipe, também não teria transado. Então, amiga, se você não para de pensar no Mr. Robinson do shopping, deveria procurá-lo. Você não salvou o

número do telefone dele em sua agenda? Liga pra ele.

— Isso nunca. Eu não posso trair o Rodrigo assim. E se o tal Mr. Robinson não me quiser e só tiver sido galante para me impressionar?

— Tá doida, amiga? Por que ele iria apenas querer te impressionar? Ele é um homem feito, Luíza, um cara que obviamente sabe o que quer. Se ele te ligou é porque se interessou.

— Talvez ele seja um daqueles caras que só goste de garotinhas para exibir para os amigos ou seduzir e contabilizar na carteirinha.

— Quem sabe? Você nem deu chance a ele para se explicar, foi logo desligando o telefone, pagando esse mico terrível de dizer a ele que tem namorado e não sei o quê. Você é muito doida, Lu.

— Eu sei. Você não faz ideia dos micos que paguei quando nos esbarramos lá no cinema! Eu perguntei se ele estava me seguindo. Que vergonha quando ele disse que não.

— Você viaja hein, Luíza!

— Eu sou louca mesmo!

Duas semanas depois, recebi um telefonema a respeito do currículo que mandei me candidatando à vaga de estágio no JR. Alguém do departamento de recursos humanos me orientou a ir até lá a fim de fazer uma entrevista. Fiquei super feliz, seria minha primeira entrevista para um estágio e ainda no segundo ano. Marquei para o dia seguinte, às 15 horas.

Chegando lá, fui entrevistada por uma psicóloga e por um gerente júnior no departamento de pessoal. Fui informada de que iria começar pelo caderno de esportes. *Xiiii! Eu nem tenho um time, mas tudo bem, eu aprendo*, pensei. Começaria no dia seguinte às 16h e sairia às 20h todos os dias. Adorei, claro! Comuniquei sobre o estágio à minha mãe e ao Rodrigo, e, mais tarde, quando estávamos juntos, conversamos sobre o que eu sempre evitava. Estava mais do que na hora de resolver essa questão.

— Ah, Rodrigo, estou tão feliz por ter conseguido esse estágio. Estou ansiosa para trabalhar com o jornalismo.

— Minha futura jornalista linda! Quando você estiver na TV eu vou dizer: “olha lá, minha esposinha linda!”.

— Er... Eu não penso nisso ainda, Rodrigo. Eu nunca pensei... quero dizer... eu ainda nem tenho dezoito anos. Entrei praticamente agora na universidade, meu caminho é longo...

— Eu sei de tudo isso, amor. Só quero que pense em nós no futuro. E quero que você pense em outra coisa também. Sei que disse que não iria pressioná-la, mas é algo que já está beirando o ridículo. Quero que você se sinta segura comigo. Pensei em darmos o próximo passo no nosso namoro.

— Você quer dizer... sexo?

— Eu só quero que você faça o que tiver vontade, Lu. Mas também quero que vislumbre a ideia de nós fazermos amor.

— A gente pode tentar...

Ele me beijou carinhosamente no rosto e, em seguida, aninhou-me em seu peito. Assim permanecemos até ele ir embora: em silêncio e meditativos. Eu pensava no que acabara de dizer a Rodrigo, que “iria tentar”. Imaginava porque havia dito aquilo se sonhava em fazer amor com alguém que realmente amasse, e não com alguém por quem eu apenas sentisse atração física. Era como se estivesse desistindo de minhas opiniões, de minhas convicções.

Na manhã seguinte, fui à faculdade e contei a novidade do estágio às amigas. Como as aulas terminaram cedo, deu tempo de passar em casa rapidinho, tomar um banho e trocar a roupa. Escolhi um figurino discreto: uma calça de alfaiataria azul marinho, uma blusa de cetim rosa claro e, de joia, só usei relógio. Cabelos presos, pois estavam longos demais, além do que, também queria passar uma imagem séria e não a de uma menininha que não sabe nada da vida. Tive medo de não ser levada a sério, por isso logo no primeiro dia fui com o aspecto mais sóbrio.

Peguei um táxi e fui para o estágio.

De pronto, fui apresentada ao mais famoso jornalista esportivo do jornal, cujo nome era Joaquim Tavares. Ele me deu umas dicas para entender melhor sobre futebol e me perguntou para qual time eu torcia. O homem sorriu por eu não ter time, mas disse que era até melhor assim, pois dessa forma eu poderia ser imparcial como o árbitro deveria ser. Perguntou-me também com qual esporte me identificava. Respondi que gostava de basquete e vôlei, mas que como estava ali para aprender, iria estudar até jogo de bolinha de gude; queria saber tudo sobre esportes. Ele sorriu, disse que gostou de minha comparação. O primeiro dia passou e os demais foram melhorando cada vez mais.

Embora a universidade e o estágio me tomassem muito tempo, eu ainda pensava em Guilherme. Estava com raiva do Senhor Destino, que não o havia colocado novamente em meu caminho.

Comemorei meus dezoito anos com minha mãe e alguns amigos, numa reunião íntima. Eu não era chegada a badalações. Depois da reunião em casa, Rodrigo me convidou para sairmos e comemorarmos sozinhos o meu aniversário, segundo ele, para eu presenteá-lo.

Eu havia feito uma promessa a ele e estava em dívida. Tentei, mas não consegui. Não era capaz de separar o desejo físico dos sentimentos reais que eu tenho por Rodrigo. Ele fez tudo conforme havia dito: criou o clima especial e me levou a um lugar bonito, romântico. Sei que ele ficou frustrado, mas também me prometeu que só faria o que eu quisesse. Depois de todo o circo armado, todos os preparativos, eu não consegui. Foi a primeira vez que ficamos nus na frente um do outro. Nossa, como ele era belo! Seu corpo era perfeito, viril, cheiroso, Rodrigo era muito carinhoso.

Ele me beijou gentilmente e eu não sentia nada e, no momento em que ele colocou o preservativo e

me deitou na cama, eu disse NÃO.

— Tudo bem, meu amor. Eu não vou te forçar. Mas percebe o que você faz comigo?

— Eu não queria fazer isso com você, eu queria ser capaz de ir até o fim.

— Você já pensou em procurar um psicólogo? Talvez seja algum bloqueio sério que você tenha, talvez medo de sexo.

— Eu só não estou preparada, Rodrigo.

— Eu te amo, Luíza. Confie em mim.

Rodrigo é especial, mas não estou apaixonada. Sinto-me mal por, a cada toque seu, pensar em Guilherme. Só não sei por que não tomo uma atitude quanto a isso, pois, ao contrário do que disse à Cinthia, guardei sim o seu número de telefone.

Tudo estava indo rotineiramente bem no estágio até que um dia, a pedido de Joaquim Tavares, me dirigi ao departamento pessoal para saber a respeito das diárias e das passagens aéreas que ele receberia para ir trabalhar fora do Estado, e me mandou procurar o diretor administrativo. Joaquim Tavares era uma figura! Ele tinha cerca de 45 anos, bonito, viúvo e sem uma namorada. Possuía dois filhos, cujas fotografias novas vivia mostrando a todos. Quando havia essas viagens, ele sofria por ter de ir e deixar os filhos nas mãos da irmã, que sempre o ajudou desde a morte de sua esposa, há três anos.

Carla Chaves, a secretária, me encaminhou até o diretor para me explicar o que Joaquim deveria fazer para se reportar ao financeiro. Ela era jovem, tinha ainda uns 35 anos, loira, possuía boa articulação no falar e sabia expressar-se, mas eu senti uma certa tensão nela ao me levar à sala do diretor. *Nossa, ele deve ser um terror, todos aqui estão um tanto quanto nervosos*, pensei. Eu não tenho medo de ninguém, respondo à altura uma grosseria, mas não quero perder o estágio, parecia que trabalhar ali deve ser muito ruim. Por fim, a secretária pediu que eu entrasse, pois o “Doutor Sobral” iria me receber.

— Pode entrar, Luíza, Dr. Sobral irá receber você agora.

— Obrigada.

Sentindo a tensão dela, espontaneamente fiz o sinal da cruz e pedi proteção a Deus para que nada desse errado naquele momento. Era um desafio que eu tinha que enfrentar, pois, aparentemente, o homem era uma fera. Senti-me jogada aos leões. O.k., Luíza, vamos enfrentar a fera. Deus me dê forças para não falhar. Ufa! Abri a porta e ele estava sentado de costas na cadeira, falando ao celular via auricular, e, ao sentir minha presença, foi virando devagar. Ele usava um paletó cinza de risca de giz, uma camisa branca e uma gravata prata, tinha o cabelo bem penteado e exalava masculinidade. Mesmo com cavanhaque, percebia-se sua boca carnuda, o nariz reto e fino, aqueles olhos verdes com suas sobrancelhas e cílios espessos, inconfundíveis... Ele parou com a mão no ar ao encontrar-me diante dele. Falava muito educadamente ao telefone com alguém, talvez uma namorada? Eu não

conseguia acreditar no que via à minha frente. Eu estava ali, paralisada, boquiaberta. Era o Senhor Destino nos colocando frente a frente. Ele se aproximou devagar, ainda falando ao telefone, e eu continuava ali, de pé, surpresa com o que via. O homem falou por mais uns 30 segundos e se despediu. Tirou o auricular, caminhou em minha direção e me fitou por um momento que mais pareceu uma eternidade. Eu fixava aqueles olhos verdes ou cor de mel, não sei, nunca sabia, não conseguia pensar em nada. Senti-me hipnotizada por aquela boca, por aqueles olhos, por aquele homem. O “doutor” Sobral era o meu Guilherme, o mesmo no qual não parava de pensar desde que vi no shopping, há alguns meses.

— Boa tarde! – tremendo, nervosa, foi tudo o que eu consegui falar.

Ele não disse nada. Apenas tocou meu rosto com o dorso da mão, fez o contorno dos meus lábios com os dedos, segurou meu rosto e, me deixando dominada e sem forças para falar qualquer coisa, me beijou. O beijo era macio, tornando-se urgente e profundo a cada segundo. Ele me puxou de encontro ao seu corpo, eu sentia suas mãos em minhas costas, sua respiração ofegante, sua pressa. Eu correspondi, esquecendo-me totalmente de onde estava e o que havia ido fazer. Era como se nossos corpos houvessem sido separados por uma vida e, agora que tinham se reencontrado, se reconheceram e se tornaram imantados. Nós realmente não medimos as consequências do que poderia acontecer depois que parássemos. E se alguém tivesse entrado ali e nos flagrado? Eu apenas abraçava sua cintura por dentro do paletó aberto, eu também queria beijá-lo, aproximá-lo de mim. Meu Deus, o que eu estava fazendo? Ele era meu superior, eu estava ali para falar com o diretor administrativo do jornal, não podia estar fazendo aquilo. No momento em que ele parou de me beijar nos lábios e começou a beijar meu rosto, apenas para retomar o fôlego, me distanciei repentinamente de seu corpo. Ele me olhou, assustado, como se tivesse saído do transe, como se tivesse se libertado de um espírito que o havia possuído e o obrigado a beijar-me daquela maneira.

— Desculpe-me, Luíza! Eu não sei o que deu em mim, eu fui dominado por um desejo louco de te beijar... Meu Deus, parecia um sonho você aqui na minha frente.

— Eu... eu... não sei o que dizer. Eu não podia ter feito isso. Eu vim aqui falar sobre a viagem de Joaquim Tavares... Estou estagiando no jornal e agora... hoje...

— Eu sei, eu sei. Como eu poderia imaginar que você é a estagiária de jornalismo da qual todos falam?

— Estão falando de mim? O que estão falando de mim? — Eu tinha horror que falassem mal de mim, sentia-me injustiçada, por isso cometia cada mico!

— Não é ruim. Nada! Apenas que é bem jovem e muito inteligente. Madura demais para a idade, a mascote dos jornalistas. Preciso me distrair, pensar em outra coisa, apesar de não querer parar de beijar esses lábios macios. Eu queria tanto te encontrar...

E de repente, ele assumiu uma postura completamente diferente, mudando do sedutor para o executivo, colocando as mãos no bolso como se quisesse esconder sua excitação.

— Vamos ao que interessa: a viagem. Falemos sobre coisas que não me permitam repetir o que acabei de fazer. Quais as dúvidas sobre a viagem de Joaquim Tavares que a trouxeram até aqui?

Eu não conseguia mais me concentrar em nada do que ele falava, e acho que Guilherme também estava se esforçando ao máximo para explicar quais as coordenadas que Joaquim deveria tomar. Terminadas as explicações, pedi licença e me dirigi até a porta para sair, quando ele se aproximou e eu dei um passo para trás.

— Calma, eu não vou te beijar novamente. Pelo menos não aqui. Quero apenas conversar com você. Você tinha razão afinal de contas, o mundo não é tão grande. Então, agora posso te ligar? Você ainda me deve o pagamento da conta da lavanderia.

— Eu já disse que a lavanderia não era boa.

— Então vou ser direto, não tenho tempo a perder criando cantadas que nem sei se servirão. Eu preciso te ver. Você não me deu uma chance antes...

— Eu ainda tenho namorado. Eu não podia ter te beijado.

— Tudo bem, mas você gostou... Você me beijou de volta. E se o fez, é porque também queria.

— Eu não sei o que me deu para ser tão inconsequente assim. Desculpe-me também. Eu não quero passar a imagem errada. Foi uma surpresa pra mim.

— E que bela surpresa.

— Sinto muito. Eu não posso... Não podemos. Você tem um cargo aqui... Eu sou uma estagiária, não quero me prejudicar nem atrapalhar sua vida. Isso aqui é um recinto laboral. — Meu Deus, que mico eu estava pagando. Onde diabos fui achar essas palavras? Ele parecia se divertir com isso.

— Recinto laboral? Parece minha avó falando. Você não precisa ser formal comigo.

— Eu não vou me comportar mais dessa maneira. Não quero que nada atrapalhe o meu trabalho na empresa.

— Eu não estou reclamando — disse ele cinicamente.

— Se terminamos, Dr. Guilherme, eu vou voltar ao trabalho.

— Se é assim que você quer, Luíza, pode se retirar.

— Obrigada e com licença, senhor. — Eu saí correndo dali, daquele ambiente e da tentação que eu estava sentindo. Eu queria que ele me pegasse pelo braço e me puxasse de volta, me beijasse, me despisse, me amasse. Sinto-me uma cretina pensando nisso sendo que ainda namoro Rodrigo.

Meu Deus! Era um tormento me lembrar dos últimos trinta minutos na presença de Guilherme, que loucura! Eu não conseguia parar de pensar no que houve, me questionar. Como eu pude me entregar ao beijo dele daquela maneira? Agora vai ser praticamente impossível tirá-lo do meu pensamento.

Estou no trabalho, sou comprometida, ele também... quer dizer, eu acho que ele tem namorada, um homem como aquele não poderia estar sozinho.

Luíza, definitivamente você é louca! Disse a mim mesma. Passei os três últimos meses tentando esquecer aquele homem, sua voz ao telefone, aqueles olhos verdes, aquele sorriso, tentando me conter para não telefonar para ele e, hoje, no trabalho, esse homem me beija dessa maneira louca, cheia de desejo, paixão.

Trabalhei até tarde naquele dia, quase enlouqueci, havia muito que fazer. Ainda era cedo para pegar o transporte do jornal, mas, para voltar pra casa de ônibus, era tarde. Eu me sentia cansada demais, ainda estava tendo aulas e iria acordar cedo no outro dia. Decidi pegar um táxi. Ao descer à porta da minha casa, a surpresa não parou. Guilherme havia me seguido de carro e parou logo atrás de mim, descendo do veículo como um louco.

— Você tem que me escutar.

— Você é louco? Você não pode me seguir até minha casa dessa maneira.

— Eu sou louco, sim. Eu estou louco desde o dia em que te vi naquele shopping. Não paro de pensar em você um só instante. Eu mal consigo trabalhar, só fico pensando em você.

— Ah, mas vai ter que conseguir, meu caro.

— Hoje percebi que você sentiu a mesma coisa que eu quando me viu. Eu não estou sozinho nessa. Você também está atraída por mim.

— Eu já disse a você que tenho namorado. Eu não pensei em você... eu...

Ele puxou meu rosto e me beijou de forma desesperada. Eu correspondi de início, mas não podia permitir isso, não podia ir adiante com essa loucura e, num raio de sensatez, me debati, eu não me permitiria ser controlada dessa maneira. Eu fugi daqueles braços, daquele abraço, daquele beijo.

— Quem você pensa que é?

— Você gostou!

— Eu não gostei nada!

— Você sentiu o mesmo que eu.

— Você está completamente maluco! – E fiz menção de entrar em casa.

— Espera, Luíza!

— Eu não posso, você é meu diretor.

— Sou apenas um homem que se encantou por você desde a primeira vez em que a viu.

— Eu tenho que entrar em casa... Por favor, não faça mais isso. Eu tenho que me resolver primeiro.

— Luíza!

— Não... Eu não posso. Não é certo! Não é justo! Por favor, Guilherme... vá embora.

Me virei para entrar em casa, porém voltei e o beijei novamente. Ele respondeu ao gesto ávido de

desejo, apertou meu corpo contra o dele, mas, quando quis me soltar, ele permitiu. Então entrei correndo, não podia me permitir ouvir tudo o que ele tinha a dizer, pois tinha a certeza de que suas palavras seriam exatamente aquelas que eu desejava ouvir desde o dia em que o conheci. Nunca imaginei que fosse me apaixonar por alguém assim, de repente. Ele é um homem vivido, lindo, um homem maduro. Eu sou apenas uma menina recém-saída da adolescência, idiota. Eu não gosto de me sentir insegura. Se eu fosse leviana, me jogaria em seus braços e saciaria meu desejo, mas havia Rodrigo e não posso magoá-lo dessa maneira.

Quando entrei, o relógio já marcava mais de meia-noite, e minha mãe não estava em casa. Ainda bem, pois não seria bom que ela tivesse me visto com Guilherme.

Minha mãe era juíza e trabalhava como louca, por isso merecia se divertir um pouco. Meu pai e ela se separaram quando eu ainda era criança. Ambos haviam se casado quando minha mãe ainda era muito nova, por isso sua preocupação quanto a mim e a Rodrigo. Ela me dizia para namorar bastante, amadurecer e depois casar, se eu quisesse. Ela não havia encontrado alguém depois do divórcio, o que era uma pena, pois era ainda tão bonita e jovem.

Depois de um banho, vesti o pijama e fui ver alguns noticiários na internet, já que na TV não estava passando nada interessante, e eu tampouco conseguia me concentrar. Por fim, meus olhos venceram e eu adormeci.

Os dias no estágio estavam ótimos. Pensei que fosse cruzar com Guilherme pelos corredores, mas isso não aconteceu. Joaquim também não me pediu para resolver questões referentes à sua viagem, assim eu poderia seguir tranquila com meu estágio e meu aprendizado. O que eu queria? Guilherme era um homem ocupado e não podia ficar se expondo pelos corredores como um funcionário comum, afinal de contas, ele era um dos diretores do jornal e não tinha tempo para isso. Mas foi bom que as coisas transcorressem dessa maneira, assim não me perco dos meus objetivos.

Finalmente eu entendo o que é querer alguém e não ter medo de ir até o fim. É um sentimento incrível. Loucura, desejo, paixão, frio na barriga, coração acelerado, ansiedade. Estou sentindo o que todos falam. Tudo o que faço é pensando nele, do vestir até a maquiagem; penso nele o dia inteiro. Eu sabia como encontrá-lo, era só ter coragem. Apenas uma vez o vi de longe a falar com Joaquim. Ele sorria, tinha o sorriso mais lindo do mundo. Havia tirado o cavanhaque, o que lhe dava uma aparência mais jovem, embora este o deixasse sexy. Ele limitou-se a me cumprimentar com um leve aceno de cabeça. Eu correspondi ao gesto de maneira polida, mas acredito que fiquei com “cara de paisagem”, eu sempre ficava assim. Guilherme era mais discreto, sabia sê-lo, me olhava e me tratava como a qualquer um ali dentro. Ele tinha fama de ser muito duro, por vezes até grosseiro, mas todos eram unânimes em dizer que era bastante profissional, competente e muito inteligente, e que merecia ter o cargo que tinha. Cogitavam até o fato de que ele se tornasse, no futuro, um dos presidentes do

jornal.

Capítulo 3

As férias da universidade estavam chegando e o que me restaria era apenas o estágio. Joaquim Tavares estava se preparando para o acontecimento do ano: a copa mundial. Nossa! Que legal! Ele iria para a Coréia do Sul e Japão a fim de acompanhar os jogos da copa. Quando recebi a notícia, fiquei muito feliz, afinal de contas, Joaquim poderia aproveitar e realmente tirar férias, ficar longe. Mas muito mais feliz fiquei quando o homem me disse que queria me levar junto. Não acreditei. Meu primeiro estágio e já iria viajar com o jornal, às expensas deles? Eu iria causar inveja a muitos outros funcionários e falei dessa preocupação a Joaquim. Ele me disse para ficar tranquila, pois eu não era a única que viajaria junto dele. Mais dois jornalistas nos acompanhariam, portanto seríamos quatro no total, fora a equipe técnica.

Enlouqueci de alegria com o fato. Eu iria à Coréia do Sul e Japão! Joaquim perguntou se minha mãe permitiria, pois sabia que eu havia recém “saído dos cueiros”, que era como eles me chamavam, dentre outros apelidos carinhosos, devido ao fato de eu ser a mais jovem do setor de esportes. Eu brinquei e disse que fugiria caso ela não deixasse. Era uma oportunidade única para mim e tenho certeza de que ela não me impediria. Providenciei tudo o mais rápido possível: renovação do passaporte, roupas, dinheiro extra para levar etc. Rodrigo foi quem não gostou muito da ideia e até pensou em me acompanhar na viagem, mas, àquela altura do campeonato, não encontraria hotéis próximos nem ingressos para os jogos, enfim, teve que se contentar em ficar no Brasil assistindo aos jogos pela televisão.

Vou passar um mês inteiro na Coréia do Sul e Japão. Isso iria ser muito enriquecedor para meu trabalho e para meu futuro como jornalista. Portas iriam ser abertas para mim e eu poderia até mesmo decidir o que queria fazer como jornalista: se esportiva, se política... Na verdade, quero aprender e não perderia essa oportunidade por nada nesta vida.

No dia do embarque rumo à Copa, minha mãe me levou ao aeroporto. Lá, lhe apresentei Joaquim Tavares, e ela logo simpatizou com o homem, pois ele era bastante carismático, principalmente ao dizer que tomaria conta de mim...

— Não se preocupe que eu tomo conta de Luíza como se fosse minha filha. Meus filhos ficarão com minha irmã, mas eu levo uma comigo. A equipe que irá conosco é muito responsável, o diretor que irá, além de responsável, é um dos melhores, apesar de ser ainda tão jovem. Também é muito meu amigo. Deixe-me apresentá-lo. Guilherme, venha aqui amigo.

Eu ainda não havia visto que ele estava atrás de mim, pois chegara um pouco atrasado, ou fui eu quem estava tão eufórica que não o percebi. Ele se aproximou de nós e Joaquim apresentou-o à minha mãe. Eu não conseguia falar nada, como de praxe. Ele mal me olhou, tratou-me de maneira formal, realmente como sua funcionária.

— Guilherme, esta é a mãe da minha mascote, Marina Arcuri.

— Muito prazer, senhora.

— O prazer é meu. Mas você é tão jovem ainda.

— Não tão jovem, dona Marina, já tenho meus 31 anos. – Assim eu soube sua idade.

— Pois se disser que tem vinte e cinco, todos acreditam.

— Obrigado, senhora. Aliás, a senhora me parece tão familiar. Talvez eu a tenha visto em outra ocasião.

— Sabe, eu senti a mesma coisa. Você me parece bem familiar também. Mas deixa pra lá, eu já não tenho mais tanta memória assim.

— O que é isso, a senhora também parece muito jovem.

— Obrigada, meu querido. Você é realmente encantador e sabe como agradar a uma senhora.

— Eu estava dizendo à Marina, Guilherme, que você, apesar de jovem, é bastante responsável.

Também disse a ela que não tema por sua filha. Se depender de nós, nada irá acontecer de ruim à Luíza, a trataremos como nossa filha.

E as apresentações seguiram bem descontraídas, era a primeira vez que eu via Guilherme tão falante e descontraído ao lado de Joaquim. Eles realmente pareciam amigos. Joaquim já havia me falado isso, mas eu sempre me perguntava como era possível que um cara tão jovem, sem filhos e experiências com casamentos, era capaz de lhe dar tantos conselhos. Certa vez, Joaquim me disse que, apesar de Guilherme ter aquela cara durona, tinha um coração grande, era um rapaz de muito boa índole, de boa família e bons valores. Era um amigo com o qual podia contar sempre.

A viagem transcorreu bem, assim como as conexões. Chegamos à Tóquio uma semana antes do início da copa, para que houvesse tempo de instalar os equipamentos, providenciar o credenciamento e os crachás junto ao comitê, posicionar os fotógrafos, saber onde nós iríamos trabalhar e como chegar ao local, quais os estádios e a divisão da equipe.

Para minha surpresa, Joaquim, como coordenador chefe da equipe, falou que eu iria trabalhar com as notícias e com os fotógrafos. Ele sabia que a fotografia era uma das minhas paixões e me deu essa oportunidade. Disse-me também que eu iria para a apresentação direta ao vivo para o site do jornal. Isso fez com que eu ficasse nervosa, mas ele disse que eu já havia visto como se fazia e esperava que eu tivesse aprendido, me “ordenando” a deixar a timidez e o medo de falar em público de lado, que jogasse tudo isso aos leões, e assim prometi fazer.

Tínhamos sempre algumas horas de folga após o fim do dia. E, ao fim do quinto dia, Joaquim nos deu a noite livre. Disse que podíamos fazer o que quiséssemos. Como eu não conhecia nada nem ninguém, preferi ir ao quarto e tomar um banho, pois o tempo estava muito quente e eu ficava impaciente com falta de banho. A temperatura era alta. Em Recife faz calor, mas aquela parte da Ásia também não ficava atrás.

Enfim, troquei de roupa, desci até a recepção e perguntei se haviam guias de turismo disponíveis. Fui informada de que havia, estavam apenas esperando que um grupo maior se formasse, mas que, assim que eu terminasse o meu jantar, poderia esperar a van que nos levaria a um passeio noturno.

Eu não via Guilherme desde o dia em que chegamos, acho que ele sequer ficou no mesmo hotel que nós, e isso me decepcionou. Acredito que ele tenha caído em si, visto que eu não tenho graça e desisti de mim. Sou uma idiota, namoro um rapaz maravilhoso que não amo e, ao mesmo tempo, não tenho coragem de correr atrás do que quero.

O passeio noturno pela cidade foi muito proveitoso. Foi apenas um *city tour* rápido, depois eu tentaria fazê-lo melhor. Voltei pouco mais das onze da noite e o calor que sentia era infernal. Eu não imaginava que ali pudesse fazer tanto calor e isso estava me afetando de verdade. Eu sentia todo o meu corpo quente, como se estivesse com febre. Sentia uma tontura terrível e um enjoo de matar. Tentei me lembrar do que comi no jantar e, de acordo com minha memória, nada demais. Todo o meu estômago remoía, senti que não iria aguentar chegar ao quarto, correr para o banheiro e poder despejar tudo de ruim que estava me causando tamanho desconforto. Abaixei-me diante da porta do quarto sem conseguir sequer abrir a porta. Me encolhi toda, escondi o rosto entre as pernas e permaneci ali me contorcendo de dor. Eu não tinha consciência de quem se aproximou de mim, apenas senti que alguém pegou o cartão de minha mão para abrir a porta e me carregou nos braços para dentro do quarto, trancando-a atrás de si. De imediato, o ar condicionado fora ligado e fui jogada debaixo do chuveiro em água fria corrente. Eu me sentia realmente fraca e sem forças. O mal estar era grande, o embrulho no estômago, a tontura, um calor infernal, sentia meu rosto em brasa. Mesmo fraca, consegui chegar à bacia do banheiro e ali despejei tudo o que estava causando aquelas voltas todas em meu estômago. Meus cabelos eram sustentados pelas mãos de alguém. Após vomitar tudo o que me causou náuseas, o meu benfeitor lavou meu rosto e eu já pude sentir o corpo relaxando, a temperatura baixando, o queimor já não me acompanhava mais e a dor se esvaiu. Desde tenra idade, todas as vezes em que eu vomitava, ficava frágil e debilitada logo em seguida, só queria dormir. E, como em minha infância, naquele momento eu só queria deitar e não sentir mais nada do que havia sentido. Então ele me pegou no colo e me colocou na cama, com o quarto já frio, me cobriu o corpo e tirou a roupa molhada, deixando-me apenas em roupas íntimas, e, em seguida, enxugou meu rosto com uma toalha. Que calor dos infernos! E que tipo de comida eu comi que me fez tão mal?

Eu sentia a presença do meu salvador, mas pensei que era apenas minha imaginação. Cerca de uns trinta minutos depois, eu estava lutando para não dormir de vez, despertei e me dei conta de que havia alguém ao meu lado com o corpo encaixado ao meu. Imediatamente me desvencilhei daquele corpo que me acariciava os cabelos. Com o meu movimento, ele abriu os olhos e me encarou, surpreso. Era como em meus sonhos, ele deitado ali, ao meu lado, prendendo-me junto a si, protegendo-me dos males do universo. Ah, Guilherme, eu sou louca por você!

— Desculpe-me, eu não tinha certeza de que era realmente você, eu...

— Tudo bem. Não se preocupe. Eu não vou machucar você.

— Eu não quis dizer isso. Você me ajudou...

— Você está se sentindo melhor? Quer que eu chame um médico? Por que bebeu tanto? E o que comeu? Você não está acostumada com esse tipo de comida e pode ter uma infecção se comer qualquer porcaria ou tudo que passar à sua frente, não sabia?

— Eu ... eu ... eu não bebi, eu não bebo, e também não comi tanta porcaria assim.

— O que você comeu é o que quase te matou. Nunca vi uma pessoa vomitar tanta porcaria assim, de uma vez só, como você fez.

— Eu não comi porcaria!

— Só pensei que, talvez, isso pudesse causar transtornos e não seria nada agradável cuidar de adolescentes irresponsáveis.

Senti muita raiva ao ouvi-lo me chamando de irresponsável. Resolvi engolir esse sapo e me livrar de sua presença perturbadora.

— Obrigada, então. Eu já estou melhor agora, não precisa se preocupar mais...

— Você quer que eu vá embora?

— Você não quer?

— Eu preciso ir.

— É melhor. Da última vez em que ficamos sozinhos...

— Você pensa naquele beijo ainda? – havia certo cinismo em seu rosto ao me fazer essa pergunta.

— Eu não ia dizer isso.

— Nem precisa dizer. Está estampado... Você não para de pensar, não é? – um sorriso ainda mais sarcástico invadiu-lhe o rosto.

— Nada disso! Quer saber? Obrigada por ter me ajudado. Agora pode ir, já estou melhor. – Eu não queria falar sobre aquele beijo, porque simplesmente não parava de pensar nele, de desejar mais e mais...

— Eu pensei que você fosse mais corajosa.

— Eu não sou uma covarde.

— Uma medrosa?

— Tampouco. — Eu era uma medrosa sim. Estava prestes a me jogar em seus braços se ele não saísse dali imediatamente e isso me aterrorizava, apesar da máscara de segurança que eu exibia.

O cinismo e o sarcasmo deixaram seu semblante e ele saiu do quarto batendo a porta atrás de si. Eu corri para tomar um banho frio, no intuito de relaxar o corpo um pouco mais.

Saindo do banho com menos calor, depois de ter escovado os dentes e retirado todo o azedume da boca, ouvi que alguém batia à porta com força e corri enrolada na toalha para abrir e ver quem tinha tanta urgência. Deparei-me com Guilherme parado, de cabeça baixa. Levantando os olhos e mantendo-os fixos em mim, ele entrou, fechando a porta atrás de si. Aproximou-se e suavemente me beijou. Conquistador, o beijo começou pelo meu rosto, meu nariz, percorreu meus lábios com a ponta de sua língua e eu permaneci parada, apenas esperando que ele me possuísse, pois já havia me dominado. Lentamente ele foi me levando para a cama e seus lábios foram sedentos e urgentes junto aos meus. Eu retribuí com a mesma intensidade. Ele puxou o meu pescoço nu e soltou os meus cabelos. Coloquei meus braços em volta do seu pescoço, abraçando-o com força, nossos corpos separados apenas pelas roupas de Guilherme e por minha toalha, ambos ansiando por estarem unidos um ao outro. Abri os botões de sua camisa. Senti os pelos do seu peito desnudo em minhas mãos. Ele tirou a camisa e continuamos a nos beijar, num ritual de carícias recíprocas; não queríamos parar, não tínhamos força para parar. Senti sua boca descendo pelo meu pescoço e seus beijos delicados me fazendo delirar de desejo com os mamilos totalmente enrijecidos. Ele tirou a toalha que estava em volta do meu corpo e, olhando-me nos olhos, voltou a beijar-me os lábios. Me enlouquecia a cada movimento que fazia com a língua em meus seios; percorreu minha barriga com seus dedos macios, mordiscou-me a pele, respirou profundamente, cobriu meu corpo novamente com a toalha e voltou aos meus lábios. Senti um misto de tristeza e frustração. Ele não me queria, pensei.

Ele aninhou seu rosto em meu pescoço e ali permaneceu por um instante, me beijando. Permaneci imóvel na cama e ele se jogou para o lado, mais calmo. Naquele momento, senti vergonha por ter me oferecido daquela maneira e ele haver me rejeitado, então me cobri completamente. Eu não queria estar ali, queria que tudo tivesse sido apenas um sonho ruim, eu estava muito envergonhada com tudo aquilo. Eu não sabia o que dizer ou o que pensar, estava tudo muito confuso. Mas eu tinha que falar alguma coisa, eu queria que ele fosse embora e me deixasse sozinha. As lágrimas ameaçavam escorrer pelo meu rosto e eu não queria que ele me visse chorar.

— Por favor...

— Você quer que eu vá embora, é isso?

— É.

— Luíza... eu a desejo muito. Você não faz ideia do quanto estou me esforçando para não possuir

você.

— Mas?

— O problema sou eu. Você é linda! Perfeita. Eu não posso. Não tenho esse direito.

— Guilherme, nos conhecemos de uma maneira muito estranha, depois nos reencontramos, e nunca me pareceu que você não me queria.

— Luíza! Você é uma menina. Eu cometi um terrível engano. Eu não deveria ter ido atrás de você. Eu sou bem mais velho do que você e, por esse motivo, acredito que você só esteja se sentindo atraída por mim. É uma situação nova e até entendo que é excitante, também nunca me senti atraído por uma menina tão jovem. Eu não sou mais um garoto inconsequente. Eu quero alguém por inteiro e você é tão menina ainda, não é justo exigir isso de você agora, estamos em estágios diferentes de vida.

— Eu não sou uma menina. E não quero você apenas como uma experiência, não o vejo como rato de laboratório.

— Luíza, é melhor que não aconteça nada entre nós. Eu não tenho direito de querer você.

— Mas eu quero. Cansei de ser a *virgencinha* que serve de chacota para as amigas.

— Sendo tão sincera dessa maneira você não está ajudando em nada, criança.

— Não diga que sou criança! Por favor, Guilherme... – e levei minha mão ao seu rosto num gesto de carícia e súplica.

— Agora não, Luíza. É muito cedo ainda, menina linda. Você tem muito que viver e aprender... Acredite em mim. Eu não quero que você faça algo do qual poderá se arrepender depois.

Eu não sabia o que dizer. Fiquei parada diante dele, o coração acelerado, o corpo em êxtase. Só consegui me levantar e fugir para o banheiro. Queria morrer ali. Estava sentindo muita vergonha. Ele batia na porta e me chamava para conversarmos, mas não respondi. Queria que fosse embora. Agora só me restava encontrar a melhor maneira de encará-lo novamente em um outro dia, o que seria muito difícil para mim. Quando ouvi a porta do quarto se fechando, finalmente saí do banheiro e me deitei. Tentaria dormir e, ao acordar, procuraria levar o dia como se nada tivesse acontecido.

Encontrei Joaquim no café da manhã. Conversamos um pouco e ele me prometeu que iríamos fazer um *city tour* ao final do dia. Combinamos de ir todos juntos, seria mais divertido e poderíamos compartilhar a experiência. Os dias se passaram muito rapidamente, o Brasil já havia sido classificado e agora era certo que ficaríamos até a final da Copa. Depois daquela noite bizarra, eu via Guilherme quase todos os dias, nos cumprimentávamos, mas eu sempre evitava ficar sozinha com ele. Numa noite, bem tarde, ele bateu à porta do meu quarto. Abri apenas para dizer que não queria falar com ele, não tinha o que falar. “*Mas, por que?*”, ele me perguntou. Retruquei: “*Porque não quero, você tem razão, eu sou uma menina, não é assim que você me vê?*” Na verdade, eu estava com muita vergonha do que havia acontecido. Em outra oportunidade, eu abri e o deixei entrar. Era

loucura, eu podia afirmar com toda a certeza do mundo que estava apaixonada por aquele homem. Eu o amava. E não mais fechei a porta para ele. Tínhamos encontros furtivos no meio da noite e só nos beijávamos, conversávamos sobre nossas vidas e era como se fôssemos namorados, duas pessoas se conhecendo. Quando nos excedíamos em nossos beijos e carícias, quando nos víamos excitadíssimos, ele saía e me deixava pronta e ofegante. Até então eu acreditava que ninguém havia percebido nossa troca de olhares, mas não foi como pensava. Certo dia, no café da manhã, Joaquim me perguntou diretamente sobre o que estava havendo entre eu e Guilherme. Engoli em seco. Eu não sabia que havia deixado rastros sobre meus sentimentos por ele.

— Não está havendo nada entre Guilherme e eu, Joaquim. Mal nos falamos.

— É exatamente por isso que eu percebi. Vocês mal se falam, mas seus olhares dizem tudo. Eu já vi esse brilhaço no olhar, Luíza. Eu já fui jovem como você e também já me apaixonei antes. Você não me engana, menina. Você está apaixonada pelo Guilherme?

— Não, Joaquim... eu...

— Não pense que sou tolo, querida. Não sou cego. Eu vejo o jeito que ele olha para você.

— Não é verdade. Não posso interferir na maneira como ele me olha. Talvez nós apenas nos olhemos porque não nos suportamos ou, sei lá, talvez ele me ache uma idiota mimada e voluntariosa, e eu o ache um velho decrépito e arrogante. – Eu tinha que mentir para Joaquim.

— Velho decrépito e arrogante? De onde você tirou essa ideia de que ele é velho e arrogante?

— Do próprio Guilherme. Ele se acha tão maduro, tão adulto. Para ele, as outras pessoas são infantis, mimadas, imaturas, idiotas. Então chego à conclusão de que isso acontece porque ele deve ser realmente um velho decrépito.

— Meu Deus! As coisas estão piores do que eu pensava. O que está havendo entre vocês que eu não sei? Não me diga que vocês estão se encontrando às escondidas, como amantes? Vê-se logo que você está apaixonada por ele, isso é inegável. Mas, veja só, eu disse à sua mãe que cuidaria de você como se fosse minha filha e é o que vou fazer. Você não sabe nada da vida, menina. Eu não quero que sua mãe me culpe por algo que não é do meu conhecimento, embora, aparentemente, esteja acontecendo bem debaixo do meu nariz. Guilherme é um amigo muito caro para mim. Ele é um rapaz muito responsável, maduro, você é menina, é imatura. Os relacionamentos não são fáceis e Guilherme não merece sofrer ainda mais. Será que aquele maluco não aprendeu a lição?

— Eu não estou entendendo.

— E não sou eu quem vai explicar. Eu vou ter uma conversinha com ele.

— Por favor, Joaquim, não fale nada com ele. Não está acontecendo nada entre nós. A gente se detesta, é isso o que está acontecendo.

— E você acha que eu acredito nisso? Agora entendi porque você está aqui.

— Tire isso da cabeça, Joaquim. Não tem nada acontecendo. Eu só tenho a agradecer a você pela oportunidade de estar aqui. Eu não quero me prejudicar...

— Você não entendeu, agradeça a ele. A ideia de trazê-la na viagem foi do Guilherme.

— Ideia do Guilherme?

— Sim, ideia dele. No começo, eu não entendi, mas agora, depois que os observei quando estão próximos um do outro, percebi tudo. Escute aqui, eu não quero ver meu amigo sofrendo de novo. Ele já passou por muita coisa antes e agora que está curado, não merece sofrer novamente. E você, criança, trate de crescer, está me entendendo?

Eu só queria saber por que Joaquim disse que Guilherme já sofrera antes. Quando estávamos juntos ele parecia muito bem.

E a copa terminou. Brasil campeão. Uma parte da equipe já havia voltado. Retornamos dois dias depois. Apesar de haver avisado que a van do jornal me levaria em casa, minha mãe e Rodrigo foram me buscar no aeroporto. Rodrigo não foi nada discreto, beijou-me na frente de todos, me deixando constrangida diante dos colegas e também porque pensei em Guilherme me vendo ali, com Rodrigo, e talvez se lembrando dos encontros maravilhosos às escondidas que tivemos e dos momentos de paixão que partilhamos. Ele jamais acreditaria em meus sentimentos e, pior, ainda pensaria que eu era uma leviana por haver dito que romperia o relacionamento com Rodrigo e ele me aparece ali. *“Eu vou resolver a situação com Rodrigo, não posso mais namorá-lo depois do que houve entre nós.”* Ele se manteve calado e eu pensei que a ele pouco importava, ele não me queria mesmo.

Joaquim se despediu da minha mãe e me informou que eu não precisaria trabalhar naquela semana, apenas na próxima, folga de sete dias para todos nós. E como se não bastasse Rodrigo haver me beijado publicamente, ainda falou que era ótimo saber dessa folga, pois tinha planos para nós dois. Joaquim fez cara de paisagem e brincou, comentando: *“Ah, o amor dos jovens!”* Mas a expressão de Guilherme não era das melhores e isso me animou. Nitidamente, eu podia ver seus dentes trincados, pois seu maxilar se mexia convulsivamente. Seu olhar era frio e até um pouco cruel para Rodrigo e para mim também. Mesmo assim, cumprimentou minha mãe e Rodrigo, e foi embora de maneira nada educada, na verdade, com certa arrogância.

Capítulo 4

Duas semanas após o retorno da viagem, eu não mais havia visto Guilherme e Joaquim não mais me mandava procurá-lo para resolver qualquer problema. Ele não me procurava e eu só esperava.

Eu andava praticamente gelada com relação a Rodrigo, não aguentava mais ter que continuar a namorá-lo simplesmente porque não conseguia romper. O fato era que sempre que eu tentava fazer isso, ele fugia da conversa.

Numa sexta-feira, Rodrigo combinou um programa comigo, me pegaria no jornal, iríamos ao cinema e depois jantaríamos fora. Ele parecia mais animado do que quando viajei. Eu não sabia que ele estava tramando, sabia apenas que, em minha cabeça, já não o considerava mais meu namorado, eu estava evitando-o ao máximo, sempre dizendo que estava muito cansada, mas dessa vez eu iria acabar com essa história toda.

Fomos a um restaurante italiano – ele sabia que a comida italiana era a minha favorita. Então dei início à sessão de tortura que eu iria passar – é torturante você dizer ao outro que não o ama e que quer romper o relacionamento. Eu tinha que aproveitar a oportunidade e falar de uma vez, me sentia intimidada, nunca havia feito isso antes e não fazia ideia de como começar.

— Rodrigo, preciso falar com você sobre algo que me incomoda bastante já há algum tempo...

— Eu também, Luíza. Eu tenho algo importante pra dizer...

Pensei que ele iria tomar a iniciativa de terminar e me animei com a ideia, não iria me sentir desprezada, seria melhor partir dele.

— Fui nomeado Promotor do Estado no interior, na verdade, em Salgueiro, e assumo na próxima semana, então não quero perder tempo. Eu preciso de você perto de mim, do seu apoio, da sua luz, e só vejo uma maneira para que isso aconteça. Eu a amo tanto, Luíza, que nem sei como seria ficar sem você, principalmente depois de ter vencido a batalha por um bom emprego e de finalmente conseguir me estabilizar na vida... Enfim, Luíza, o que eu quero dizer, o que eu quero saber é... Você quer casar comigo? Não quero prejudicar seus estudos, quero que você se forme, trabalhe, vou apoiá-la em tudo o que quiser fazer, mas quero construir uma família com você.

Eu não sabia o que falar, o que pensar, não conseguia sequer piscar os olhos. Não conseguia formular uma frase, pensar em palavra alguma. Meu Deus, eu não queria mais continuar com ele, como eu poderia me casar com ele? Ele sabia que eu não tinha tanto amor por ele assim, por que estava me pressionando dessa maneira? Eu não podia aceitar aquilo.

— Então, Luíza... fala alguma coisa, diz que sim.

— É muita responsabilidade para mim. Mesmo você dizendo que eu posso seguir minha carreira,

é uma enorme responsabilidade cuidar de uma casa, de uma família, eu... eu...

— A gente aprende a cuidar junto, a gente cresce junto.

— Rodrigo... eu...

— Luíza, eu te amo! Não sei mais viver sem você. Por todo esse tempo eu quis ter um futuro brilhante, uma carreira de promotor para poder dar a você tudo o que merece, ajudá-la a realizar seus sonhos, estar sempre ao seu lado no seu sucesso. Eu sempre quis me fazer primeiro para poder levantar você. Eu tenho consciência de que você é jovem demais, eu mesmo sou muito jovem também, tenho apenas 25 anos e acho que já consegui muito, não? Sei que tudo está acontecendo muito rápido, mas, juntos, iremos alcançar nossos objetivos.

Diante desse pedido, ele pegou minha mão direita e colocou um anel enorme no dedo anelar. Era um lindo anel, mas era pesado demais para mim. Eu não conseguia suportar a carga de seu peso, todas aquelas palavras. Ele mais parecia uma algema.

— Eu não posso.

— Luíza, você está com medo agora, mas no futuro você vai ver que foi a melhor decisão que tomou na vida.

— Eu não quero, Rodrigo.

— Eu não acredito nisso. Você está com medo, eu entendo...

— Não, Rodrigo. Estou sendo sincera. Estou não só recusando seu pedido de casamento, como também rompendo nosso namoro.

— O que está acontecendo, Luíza? Estou tentando ignorar sua frieza comigo desde sua volta.

— Não está acontecendo nada. Agora me leva pra casa.

Rodrigo me levou para casa e manteve-se em silêncio por todo o caminho. Diante do portão, disse algumas palavras desagradáveis, mas preferi ignorar. Ele estava magoado.

— Amanhã conversamos com mais calma.

— Eu falei sério, Rodrigo. Estou rompendo com você. Não quero casar com você.

— Quer dizer que eu perdi todo esse tempo com você? O que deu em você, Luíza? Logo você, uma frígida. Deveria agradecer aos céus por eu querer casar com você. Meus pais tinham razão. Você não serve mesmo para mim. Suas atitudes só mostram o quanto você é estúpida.

— É bom saber o que você realmente pensa sobre mim. Não sou obrigada a ouvir suas ofensas.

— Você é quem me ofende com sua recusa. Você é mesmo uma qualquer, não está à minha altura.

Um dia, quando você estiver sozinha, velha e sem emprego, irá se arrepender de ter dito não para mim.

Ouvindo todas aquelas ofensas, preferi entrar em casa. Que coisa mais desagradável!

— Boa noite, Rodrigo! – E ele não me respondeu.

Entrei e subi para o meu quarto correndo. Minha mãe me questionou sobre o que havia acontecido

e eu disse que depois contaria. Naquele momento, só queria esquecer o que houve, e não seria fácil. Eu não tinha interesse em conversar sobre aquele pedido de casamento ridículo, muito menos sobre as ofensas desnecessárias.

Tomei um banho e demorei mais do que o normal debaixo do chuveiro, queria que a água levasse todos os meus pensamentos. Foi então que resolvi ir em busca do que quero, e o que eu quero é Guilherme.

Demorei a dormir naquela noite e, ao acordar, sentia-me exausta. Minha mãe disse-me sobre irmos a uma festinha, à noite, na casa de uma de suas amigas dos tempos da universidade. Eu não sentia a menor vontade de ir, mas seria melhor do que ficar em casa vendo TV.

— Mamãe, preciso falar com você sobre algo importante, mas não quero que se exalte, pelo menos não antes de ouvir até o fim.

— É séria essa conversa?

— Muito séria.

— Você não acha melhor conversarmos amanhã? Prometo ficar o dia inteiro com você, serei toda sua. É que hoje eu queria ir bem relaxada a essa festinha, é muito importante para mim.

— O que vai ter nessa festa?

— Nada, filha. Sílvia...

— Mamãe!

— Eu sinto vergonha de falar, meu amor.

— Isso tá me parecendo um encontro às escuras... É verdade?

— Não é às escuras. Ai, meu Deus... eu fico envergonhada, Luíza.

— Relaxa, mãe. Eu sempre quis que você encontrasse alguém.

— Você promete que não vai se chatear quando souber quem é?

— Ele é algum tipo de maníaco, alguém do tribunal que só fala aquelas coisas com termos jurídicos super prolixos?

— Não! É alguém que conheci... diferente. Eu gostei dele... Você verá, filha. Mas não é nada sério, estamos apenas nos conhecendo. Queremos ver no que vai dar.

— Tudo bem, minha mãezinha amada, você tem o meu apoio.

Sílvia era uma amiga da minha mãe dos tempos da universidade e uma advogada bem sucedida. A amizade delas nunca esfriara, elas sempre saíam juntas e faziam encontros com os amigos. Assim como minha mãe, Sílvia também havia se divorciado do primeiro marido, porém havia se casado novamente, ao contrário da minha mãe, que resolvera matar essa parte dela. Costumava dizer que havia se casado para ficar para sempre, mas como meu pai não havia sido muito legal com ela, resolvera dar o divórcio. Depois que isso acontecera, ela não tivera sequer um namorado e até hoje

estava solteira, embora ainda fosse jovem, com seus apenas quarenta e dois anos.

Eu gostaria muito que ela se apaixonasse novamente e que se casasse, ela merece, é a melhor mãe do mundo, companheira, amiga, divertida, realmente merece ser feliz. Eu era uma criança ainda, mas lembro-me perfeitamente de como tudo aconteceu, das brigas, do divórcio e, depois, da morte repentina do meu pai, que deixou sua amante com uma criança recém nascida.

Chegamos à casa de Sílvia. Ela continuava bastante jovem, exatamente como eu me lembrava. Ela e minha mãe não possuíam a mesma faixa etária quando se conheceram, ela era cerca de oito anos mais velha. Sílvia havia começado a cursar a universidade depois de casada e com filhos, mas ela e minha mãe tinham histórias parecidas e isso as uniu.

A casa era grande, tinha uma piscina e um jardim lindos. A reunião estava acontecendo no interior da casa, mas eu precisava sair um pouco para tomar um ar fresco, pensar no que estava acontecendo em minha vida. Sentei-me numa das cadeiras junto à piscina e permaneci ali pensando em Rodrigo, em Guilherme e no que havia acontecido na viagem, na maneira como nos tratamos depois, pensei em tudo. Minha vida dera uma reviravolta tremenda em tão pouco tempo.

Estava tão absorta em meus pensamentos que não percebi quando alguém se aproximou. Então o vi diante de mim, eu sentada e ele de pé, parecia bem mais alto do que já é. Fiquei surpresa com sua presença, parecia um sonho ele estar ali.

— O que você está fazendo aqui? - perguntou ele, aparentemente zangado.

E como não reajo bem às iras inexplicáveis, respondi com ironia:

— Eu posso perguntar o mesmo. O que você está fazendo aqui? Por outro lado, posso responder que “não é de sua conta”. Mas eu prefiro ignorar a pergunta e fingir que não estou ouvindo, tampouco vendo quem quer que esteja à minha frente. Não é melhor?

— Eu não sabia que você poderia ser tão malcriada e cínica. Entretanto, é perfeitamente compreensível, são arroubos da adolescência, afinal de contas, você não passa de uma criança mimada e provavelmente não aprendeu nada de educação e de boas maneiras.

— Escuta aqui... — comecei, me levantando da cadeira para enfrentá-lo por igual.

— Escuta aqui *você*, menina... — ele falou, segurando meu braço tão forte que quase me machucou. — Estou tentando ser polido com você, mas você não está facilitando, então tente ser educada, manear em sua rebeldia, pois não tenho paciência para aguentar pirralhas mimadas como você. Estou em minha casa e, que eu me lembre, não a convidei. O que aconteceu naquela viagem foi um erro e não pretendo repetir, portanto, pare de se oferecer para mim.

— Você deve estar completamente louco. Eu não vim me oferecer para você. Estou com minha mãe nessa reunião de amigas, portanto, a casa não é sua, é de Sílvia... Sílvia... So... Sobral... Deus! Ela é sua esposa? Não é possível!

Naquele momento, associei os sobrenomes. Meu Deus, ele era casado, mas sua mulher era mais

velha do que ele. Como pude me apaixonar pelo marido da amiga da minha mãe? Então era por isso que ele não podia ficar comigo. Por que Joaquim não me contou que ele era casado? Que maldade!

— De onde diabos você tirou a ideia de que ela é minha esposa? Sílvia é minha mãe!

— Mãe?

— Mãe. Assim como Marina é a sua. Você não sabia disso?

— Como eu poderia saber? Desde quando você sabia? Então é por isso que você não me procurou mais?

— Desde hoje. Então quer dizer que você sentiu minha falta? – indagou com certo pesar nas palavras.

— Não – menti. Não queria que ele soubesse a falta que estava me fazendo. Guilherme parecia diferente. Desde a viagem não conversávamos e pouco nos víamos. Eu só pensava nele e no vexame que passei ao querer que ele me fizesse sua mulher para ser rejeitada em seguida. E depois dos encontros que tivemos, quando eu pensava que finalmente iríamos nos acertar, ao voltarmos, nada aconteceu. Estávamos ainda pior do que antes. Olhávamo-nos fixamente até ele dirigir os olhos à minha boca e se aproximar, beijando-me os lábios como se estivesse sofrendo, como se algo lhe doesse por dentro com aquele gesto. Eu sentia a dor de seus sentimentos, como se doesse sentir desejo por mim, como se não pudesse, não devesse sentir aquilo, como se eu fosse um fruto proibido. Era tão diferente de quando ele esbarrou em mim naquela tarde no shopping, e depois quando nos reencontramos no jornal. Ele sentia pressa em me conhecer, falar comigo, ter-me em seus braços, e, agora, era como se estivesse arrependido, demonstrava interesse, desejo, mas não me queria mais. E como um turbilhão de sentimentos me invadiu, dessa vez fui eu que tomei a iniciativa de me soltar dele. Guilherme me abraçava forte, me levava de encontro ao seu corpo, eu sentia sua ereção, sabia que o excitava, ele me desejava e demonstrava isso em seus beijos ávidos. Contudo, apesar de todas as minhas emoções e o desejo de meu corpo, me desvencilhei dele e o deixei ali, sozinho...

— Se me quiser, será do meu jeito. Eu não nasci para ser comandada, tampouco para aceitar seus caprichos. Eu não sei o que você pretende com esses joguinhos de me atrair e me repelir. Só sei que não me dou pela metade, mas sim por inteiro. Ou você fica comigo ou me deixa livre.

— Não me provoque!

— Provocar você? Não aguenta que eu vire o jogo?

— Eu já disse, não me provoque, pirralha.

— Uma pirralha que você deseja, não é? Uma pirralha que sabe exatamente o que quer e não tem medo de querer, diferente de você, um senhor tão adulto, tão dono de si, não passa de um covarde medroso.

Ele nada respondeu, apenas pareceu surpreso com minha atitude, acho que me subestimou. Eu

brigo no mesmo patamar, sendo ele mais velho do que eu ou não.

Voltei para dentro da casa onde estava acontecendo a reunião e logo minha mãe me apresentou Sílvia, pois já fazia um bom tempo que não a via. Conheci também os filhos do primeiro casamento do atual marido dela, uma menina de doze anos que mais parecia uma mocinha e o menino. Ele, mais dedicado às coisas de meninos, queria apenas jogar vídeo game, pois estava bastante impaciente na presença dos adultos.

Em seguida, minha mãe apresentou-me aos filhos de Sílvia, pasme, para que diabos eu queria ser apresentada a Guilherme novamente? Já nos conhecíamos o suficiente até para ele me ver nua, literalmente. Minha maior surpresa foi saber que o encontro às cegas de minha mãe, que não era tão às cegas, era com Joaquim. Eu não havia percebido no dia em que embarcamos para a copa que eles já se conheciam através de Sílvia, que fora sua advogada em uma causa qualquer. Mais tarde minha mãe me contaria que, no dia do embarque, achou melhor não me deixar perceber que já existia algo entre ambos, pois eles não sabiam como eu iria reagir e isso poderia prejudicar o meu rendimento na experiência de acompanhar a copa *in loco*.

Que bom que o pretendente é Joaquim, pensei. Alguém com mais horizontes para conversar do que aqueles advogados, promotores e juízes que trabalham com minha mãe e que não falam de outra coisa senão de leis, direito líquido e certo, doutrina, jurisprudência, sem falar naquela linguagem prolixa e cheia de termos legais.

O que eu também não sabia era que Guilherme tinha um irmão mais velho. Este possuía uns 32 anos e era jornalista, correspondente internacional, tudo o que eu quero ser. Era muito bonito, solteiro e inteligente também. Diferente de Guilherme, ele tinha os cabelos loiros, mas os olhos eram verdes assim como os do irmão. Muito bem articulado, além do português, falava também inglês, espanhol e italiano. Era encantador, o genro dos sonhos de qualquer mãe.

— Tomás, minha filha Luíza. Ela cursa jornalismo e, assim como você, está se preparando para ser correspondente internacional, gosta de política...

— Oi, Luíza. Que bom que você já tem um foco. Essa área do jornalismo é realmente muito boa, é só para os inteligentes — falou Tomás em tom de piada. Segundo sua mãe, ele é o filho da alegria, ao passo que Guilherme é o da responsabilidade. Eles eram diferentes em tudo, mas ambos muito inteligentes e realizados profissionalmente embora tão jovens. Sorri e, naquele momento, percebi Guilherme me olhando de longe.

— E este, Luíza, é meu filho Guilherme. Lindo, não? Sua mãe me disse que você está estagiando no mesmo jornal onde ele trabalha. Você já deve tê-lo visto por lá.

— Sílvia, querida, você não faz ideia da coincidência, quando eu fui levar a Luíza ao aeroporto para viajar para a copa, conheci Guilherme. Não me lembrava mais de seu rosto, pois o havia visto quando ainda era um rapazote, embora o tivesse achado familiar. Até porque estudou tanto tempo nos

EUA e mudou demais. Voltou mais maduro, um homem feito, agora entendo porque você é tão orgulhosa de seus filhos, Sílvia. Ele é encantador e cuidou muito bem da minha filha no Japão. Inclusive tenho que te agradecer pelo tratamento que você e sua equipe dispensaram à minha Luíza. Sabe como é, tão jovem ainda, tive medo de que algo ruim pudesse acontecer a ela.

— Não há de que, Marina. Eu cuidei da Luíza como se fosse minha filha, não foi mesmo? – ele disse olhando-me com deboche. Ele gosta de provocar.

— Não foi necessário. Fui bem educada. Não precisava ter se dado ao trabalho. – Respondi em tom desafiador àquela ironia que me irritou profundamente.

— Você me parece arisca, Luíza! Meu irmão, ela não gostou de você tê-la tratado como criança, não seria melhor rever seus conceitos, pois, se olharmos bem, ela é uma linda mulher, não acha?

— Garotos! Assim vocês constroem a menina.

— Desculpe-me, Sílvia, mas não sou menina. E sabe do que mais, só vocês mesmo como mães nos olham assim, pois já cresci, não sou mais uma garotinha, inclusive até já fui pedida em casamento. Pois é, alguém já me vê como mulher e não como menina.

Naquele momento, eu vi a cara de espanto de minha mãe diante da notícia de que Rodrigo havia me pedido em casamento. Horror. Frustração.

— O que você está falando, Luíza?

— Isso mesmo, mamãe! Rodrigo me pediu em casamento e estou pensando em aceitar.

Eu não queria falar sobre o pedido de Rodrigo à minha mãe na frente dos outros, nem de Sílvia, que era sua amiga, mas não vi alternativa para que parassem de me encher o saco e de me chamar de criança. Também queria olhar nos olhos de Guilherme e ler sua expressão. Ele me lançou um olhar frio, de ódio, apenas apertando os olhos. Ele me odiou naquele momento, isso eu pude sentir. E confesso, me senti feliz, eu o havia acertado em cheio.

— Luíza, agora não é hora nem lugar de falarmos sobre esse absurdo. Você é apenas uma criança.

— Minha mãe me repreendeu naquele momento, mas eu estava com tanta raiva que revidei.

— Mamãe, será possível que vocês não viram ainda que eu já cresci? Concorda comigo, Tomás? Você mesmo disse que não sou criança, será que tenho seu voto aqui?

— Claro, Luíza. Você não me parece um bebê, pelo contrário, é uma mulher crescida, linda, e, querida, se você não tivesse esse seu pretenso noivo, eu mesmo me jogaria aos seus pés para que ficasse comigo.

— Tomás, pare com essas brincadeiras, acho que não é o momento. Luíza e Marina precisam conversar sobre isso e a hora e o local não são adequados. Filhos! Ah, os filhos!

Senti que havia estragado a reunião da minha mãe, não queria magoá-la, isso realmente não era assunto para se tratar ali, era só nosso, mas a vontade que eu tinha de irritar Guilherme naquele

momento me fez magoar as pessoas que amo. Conversei com Tomás quase a noite toda. Ele era muito agradável, divertido, inteligente, não me tratou como uma criança, contou-me sobre suas aventuras nos países do leste europeu e suas reportagens no oriente médio em tempos de conflito, como é trabalhar lá, a cultura do povo e o seu desejo de ir para outro país, mais especificamente para os EUA, uma vez que já havia estudado lá.

Ocasionalmente, Guilherme nos lançava um olhar, mas em momento algum se aproximou de nós. Sentia-me vigiada por ele, seu olhar de reprovação e irritação em cima de mim o tempo todo. Ele passou a noite conversando com uma mulher aparentemente mais velha do que ele, tinha seus quarenta e muitos anos. Eu não sabia quem era ela, mas pareciam ser íntimos. Ela se vestia muito bem para uma adolescente. Possuía um belo corpo, era bonita, mas a idade não combinava com a minissaia que usava.

Me entretive o máximo que pude à conversa de Tomás, ele realmente era divertido. Aproveitando o momento em que conversava com outras pessoas, fui até a sala de jogos onde antes estavam as crianças. A sala estava vazia, liguei a televisão e fiquei *zapeando* os canais da TV quando ele entrou.

— Estava me esperando?

— Claro que não!

— Eu acho que sim. Você disse no início da noite que brigaria comigo no mesmo patamar. Estou disposto a pagar pra ver.

— Você quer brincar comigo, Guilherme?

— Já vi que não estamos no mesmo nível, você tem que amadurecer muito ainda.

Ignorei-o.

— Eu não estou para brincadeiras, se é isso que você está pensando.

— Você vai casar com ele? Não faça isso.

— Por que não?

Respondi-lhe com uma pergunta e já estava saindo da sala quando ele me puxou pela mão e me beijou. Paixão. Desejo. Foi tudo o que senti naquele beijo. Correspondi, afinal de contas, eu o amava. Queria-o. Desejava-o.

— Você me deixa louco, menina.

— Eu quero você, Guilherme.

— Eu não devo.

— Por quê? Eu sei que você também me quer. Eu sinto.

— É loucura, você é quase uma criança.

— Eu não sou criança. O que aconteceu entre a gente antes... Eu esperei você me procurar... por que você...

— Você não faz ideia, Luíza... foi um erro. Eu...

— Não foi um erro.

E fomos interrompidos por Tomás, que chegou com alguns amigos. Não sei se ele nos viu juntos ou ouviu o que falávamos, de qualquer forma não me importava. Ele era tão mais leve do que o irmão. Iam jogar no vídeo game dos pequenos. Ele se divertia mais, parecia mais humano. Não levava as coisas muito a sério. Eu não via nada em seu olhar que denunciasse que já tivesse sentido raiva de algo ou alguém em algum momento da sua vida, ele era pura alegria. Eu gosto de pessoas assim, sempre pra cima, felizes.

Era isso o que faltava em Guilherme, mais leveza. Ele era o sério e radical demais, e isso o tornava pesado, mas eu o amava assim mesmo. Queria que ele deixasse de lado esses pensamentos tolos de que sou jovem demais para ele. Então saí da sala e voltei para onde minha mãe, Sílvia, Joaquim e outros convidados estavam. Guilherme não voltou. Até minha saída, não mais o vi, tampouco a mulher com a qual ele estivera conversando durante a noite.

Capítulo 5

Já passava das duas horas quando voltamos para casa. Para minha surpresa, mamãe ficou completamente muda, e eu, com medo, não iria provocá-la. Esperei que chegássemos em casa, seria muito mais prudente, uma vez que eu estava dirigindo. Era possível que ela se exaltasse e isso poderia me descontrolar, pois gosto de correr um pouco. Não aguentei aquele silêncio e comecei:

— Dona Marina, a senhora me perdoa?

Ela não respondeu.

— Por favor, mamãe, me perdoa, vai. Eu sei que errei em ter falado sobre o pedido de casamento do Rodrigo na frente dos filhos de Sílvia, mas vocês me irritaram profundamente com aquela conversa de que sou criança.

— Vou ser bem franca com você, Luíza: não quero que aceite se casar com Rodrigo. Não quero! Não vou permitir, está me entendendo? Fui clara?

— Mas, mamãe...

— Não! Eu sei que você já é maior de idade, mas não deixarei que estrague sua vida agora. Não vou permitir que cometa o mesmo erro que eu.

— A senhora não pode me dizer o que tenho que fazer ou não. A vida é minha, portanto tenho o direito de errar e acertar, se eu tiver que errar várias vezes para poder acertar, então que eu o faça sozinha. A vida é minha e sou eu quem tem que vivê-la.

— Não fale assim comigo, mocinha!

— Então não fale assim comigo também. Estou disposta a conversar, mas você só quer ditar suas regras, não quer saber como me sinto ou o que realmente quero. Você está decretando que não vai permitir que eu me case com Rodrigo sem nem ao menos saber o que penso a respeito de toda essa palhaçada.

— Você não quer se casar com ele?

— Não.

— E por que você disse aquilo?

— Porque vocês estavam me irritando ao me tratar como criança. Sem falar que aquele filho de Sílvia é detestável, sempre me chamando de imatura...

— E o que tem o filho da Sílvia a ver com essa história?

— Ele me trata como criança!

— É natural, ele é um homem feito, já tem seus trinta anos... O que tem isso de mais?

— Eu não sou criança!

— Mas você está agindo como uma. Sua atitude de me provocar na frente de todos, inclusive de Joaquim, só provou que você é uma criança, sua atitude foi infantil e desnecessária. Só não consigo fazer a relação entre o fato de Guilherme tratá-la assim e o pedido de casamento de Rodrigo, por acaso está me escondendo alguma coisa, Luíza? Você não está bem no estágio?

— Ih, mãe, não estou escondendo nada. Eu só fiquei com raiva e disse aquelas coisas, pronto!

— Agora me fale mais sobre esse ridículo pedido de casamento de Rodrigo. Quando foi isso?

— Ontem. Mas pode ficar tranquila, nós rompemos.

— E você está sofrendo com isso?

— Claro que não! Apenas não queria magoá-lo. Estou com medo agora, uma sensação de vazio.

— Você tem medo de não encontrar alguém que te ame no futuro? Você ainda tem a vida inteira pela frente, muitas experiências a aguardam.

— Eu sei de tudo isso, só queria que a senhora me desse um voto de confiança.

— Darei, meu amor. Só não quero que você esconda as coisas de mim.

— Eu não vou esconder, prometo. — Mas eu não contei sobre meus sentimentos por Guilherme.

Minha rotina era a universidade, as aulas e o estágio. Fazia um bom tempo que Guilherme e eu não tínhamos contato, nos víamos apenas algumas vezes pelos corredores do jornal, mas nos limitávamos a cumprimentos cordiais. A última vez em que nos tocamos foi em sua casa, na reunião de amigos de sua mãe. Percebi que seu semblante mudara, ele parecia preocupado com alguma coisa, como se algo muito grave houvesse acontecido a ele. Mas eu nunca iria saber. Às vezes, queria ser mais ousada e eu mesma tomar a iniciativa e seduzi-lo até que sucumbisse aos meus argumentos e entendesse que não há problema algum no fato de ele ser um pouco mais velho do que eu, constituíamos duas gerações se encontrando num ponto comum.

Voltei a sair mais com Lara, Pedro, Cíntia e Felipe. Certo dia, resolvemos dar uma volta juntos, fomos dançar e, para minha surpresa, encontrei Tomás. Ele divertiu a turma, todos gostaram dele. O homem havia dito que estava fazendo uma matéria sobre política, mas que retornaria à Europa dali a alguns dias. Por enquanto, estava aproveitando o tempo que tinha no Brasil para encontrar os amigos e divertir-se, já que lá só trabalhava, tinha pouco tempo para diversão. Eu realmente gostei dele. O momento constrangedor foi quando me perguntou sobre Guilherme. Eles eram irmãos e se davam muito bem, só não sabia que falavam sobre mim.

— Qual é mesmo o lance entre você e Guito?

— Lance? Como assim?

— Qual é, Luíza. Ele é o único que considera você uma criança, eu não. Você me entendeu. E eu percebi as fagulhas entre vocês naquela noite lá em casa. E confesso, vi o beijo. Melhor ter sido eu a Dona Sílvia ou Marina, não?

— Não tem lance algum. Seu irmão é cheio de preconceitos com relação à idade.

— Eu o entendo. Também ficaria ressabiado. O Guito já passou por tanta coisa e, agora, a situação que está vivendo anda muito difícil.

— E que tanta coisa foi essa que ele passou?

— Acho que ele é quem deve contar a você.

— Então não vou saber nunca. Ele não fala comigo.

— Vai sim. Vem comigo.

— Para onde?

— Calma, confie em mim. Vamos até o outro lado.

Saímos da mesa onde estávamos e nos dirigimos para a outra área da boate, passando por entre os casais que dançavam. Eu apenas o seguia, também dançando. Ele definitivamente era muito divertido. A pista de dança estava lotada de jovens como eu, como ele, dançando, se beijando, e ele, ora dançava, ora vibrava com os casais. Quando finalmente paramos, pude vê-lo sentado num dos sofás. Tomás simplesmente me levara para onde ele se encontrava. Guilherme estava sentado ao lado da mesma mulher da reunião na casa de sua mãe. Ela se chamava Marisa. Eram os amigos que Tomás mencionara antes. Guilherme havia ido por insistência do irmão, pois este reclamara que ele não saía, estava se tornando um velho muito chato e antissocial. Conversamos animadamente por alguns minutos e falei que estava ali na companhia dos meus amigos e que voltaria para junto deles. Tomás pediu a Guilherme que me acompanhasse para buscar meus amigos, assim poderíamos ficar todos juntos. Entendi que ele fizera isso para que pudéssemos ter ao menos um minuto sozinhos, mas esse minuto não foi tão proveitoso quanto eu queria. Fizemos a mesma travessia de volta por entre o amontoado de jovens dançantes.

— Então, você e seu noivo... Quando será o grande dia, para quando marcaram a data do casamento? Quero ser o padrinho.

— Os padrinhos não devem ser os amigos mais chegados?

— Mas eu faço questão de ser e comprar o melhor presente.

— Muito obrigada! É muita gentileza sua.

— Mas você não me falou a data. Quando será?

— Você está mesmo me perguntando isso? Você é mais infantil do que eu, sabia? – Mas ele não deu atenção ao que eu falei, como se não estivesse sequer ouvindo, me levou para o meio da pista de dança, quando os primeiros acordes de uma música começaram a tocar.

— Eu gosto dessa música, vamos dançar.

E ele me puxou para dançar antes que chegássemos aos meus amigos. A música que tocava era linda, romântica. Dizia um verso: *“quando a vi logo ali tão perto, tão ao meu alcance, tão distante,*

tão real...” Dançamos e eu sentia o seu perfume masculino, a loção pós-barba, tudo era muito inebriante. Por que ele fazia isso comigo? Eu sabia que Guilherme nutria algum sentimento por mim, mas precisava seguir adiante. O toque de suas mãos em minhas costas me deixava em êxtase, assim como seu cheiro. Ele era lindo, estava mais do que encantador. Amava senti-lo junto a mim, a maneira como nossos corpos se encaixavam; eu delirava de paixão, de desejo por ele. Eu queria que ele me abraçasse ali, me beijasse e me levasse para um lugar onde só nós dois pudéssemos ficar, mas isso não iria acontecer. Não percebi que a música havia acabado, estava de olhos fechados. Quando abri os olhos, notei que Guilherme me fitava com um sorriso apaixonado no rosto, mordida o lábio inferior e, lentamente, se aproximou de meu rosto e eu sabia que ele iria me beijar. Foi um beijo leve e rápido. Eu queria mais, queria me entregar mais, mas ele apenas me beijou, me olhou novamente e disse:

— Você me deixa louco, menina. Vou acabar fazendo uma loucura por sua causa. Eu te desejo tanto...

— Então sou sua. Tome o que é seu.

E de súbito disse:

— Onde estão seus amigos?

— Hã?

— Seus amigos. Não estávamos indo buscá-los? Vamos rápido, pois eu não tenho muita paciência para adolescentes barulhentos.

— Guilherme, por que você não vai para o inferno?

— Acredite, minha querida, eu já estive lá.

— Volte! Aqui definitivamente não é seu lugar.

Eu estava começando a achar que Guilherme era bipolar. Uma hora era delicado e carinhoso comigo. Segundos depois, irritadiço e mal educado. Já na área vip com meus amigos, nos divertimos bastante. Depois de algum tempo, me pareceu que ele havia se excedido um pouco na bebida, pois falava bastante, sorria, beijava a tal Marisa e só depois soube que ambos namoravam. Como isso era possível? Desde quando? Ainda há pouco, ele me beijou e me disse que eu o deixava louco, no quarto do hotel e em sua casa, onde ele mostrara muito bem o seu desejo. Surpreendeu-me ainda mais o fato de ela ser mais velha do que ele. Era a mesma situação que nós vivíamos: eu era a menina pra ele e ele, o menino para Marisa. E ele não via isso? Cada beijo que ele dava nela era como se uma faca estivesse entrando em meu peito, mas não demonstrei minha dor. Tomás percebeu, lógico, e me levou para dançar. Tentava a todo custo me alegrar. Até me diverti com ele. Queria tanto que fosse Guilherme comigo ao invés de Tomás. Olhar Guilherme beijando Marisa e fazendo carinho nela me doía na alma. Eu me sentia a pior das pessoas, pequenina. Era uma dor lancinante sofrer por amor, você pensa que vai morrer, na verdade, você quer morrer e, ao mesmo tempo, quer estar com a

pessoa amada ao seu lado, você quer que ela entenda que você a ama e que precisa dela para viver, para respirar, simplesmente não é possível existir sem ela. No entanto, eu tinha que sobreviver a tudo isso, o primeiro amor a gente não esquece, mas será que a gente lembra da dor de sofrer pelo primeiro amor também? Na hora de irmos embora, Tomás se ofereceu para me levar e eu agradeci, mas disse que preferia voltar com os meus amigos. Não sei como consegui sobreviver àquela noite! Decididamente, foi a pior noite da minha vida desde que conheci Guilherme, seis meses antes.

Na sexta-feira seguinte, antes de sair do estágio, recebi uma ligação de Tomás. Surpreendi-me, pois pensei que ele já havia voltado à Alemanha. Estava me convidando para sairmos no fim de semana, visitar um resort. Aceitei o convite porque já havia ouvido falar desse novo resort em Porto de Galinhas. Era muito bonito, puro aconchego, só não esperava a surpresa. Na recepção do hotel, pegamos a chave do quarto e ele disse que eu iria dividir o quarto com uma amiga sua. Não me importei, apenas achei estranho ter uma cama de casal enorme, pensei que haveria, ao invés disso, duas de solteiro. Eu não tinha problema algum em dormir com outra pessoa na cama, desde que fosse minha mãe e, mesmo assim, quando me implorava para ficar com ela. Com uma pessoa estranha, eu tinha que dar um jeito. Enquanto isso, ele me avisou que iria acomodar-se em seu quarto e dar alguns telefonemas para localizar uns amigos.

— É rápido, Luíza, é só o tempo de eu localizá-los, ok? Aproveite tudo ao máximo... Aproveite bem mesmo. Solte-se!

Eu achei aquilo muito estranho, por que eu deveria me soltar, aproveitar tudo ao máximo?

— Ah, e sua companhia de quarto está no banho, pelo barulho do chuveiro você já deve ter percebido — completou Tomás.

— É, eu imaginei. Tudo bem, Tomás, logo que ela sair, eu também vou tomar um banho enquanto você encontra o pessoal e, quando você estiver pronto, é só me chamar.

Enquanto minha companheira de quarto tomava banho, eu tirava as roupas da pequena mochila que levei comigo. Vi roupas da amiga de Tomás. O que estava diante de mim eram realmente roupas masculinas? De repente, me veio à cabeça um pensamento que de imediato foi confirmado quando Guilherme surgiu no quarto enrolado apenas em uma toalha. Ambos nos surpreendemos.

— Mas que diabos você está fazendo aqui?

— Eu quero saber o que *você* está fazendo aqui? Eu fui convidada por Tomás...

— Eu sabia! Aquele Tomás... Ele deveria se chamar Antônio.

— Vou até o quarto do seu irmão para falar com ele. Quero saber que tipo de brincadeira é essa.

— Que quarto? O quarto dele é este aqui!

— Mas ele está no hotel também, não está?

— Você é mesmo uma menina. Não percebeu a armação dele? Você acredita na bruxa velha que

oferece doces para João e Maria, é?

— Mas ele me chamou para conhecer o novo resort, para o qual iria trazer os amigos da Alemanha quando viessem de férias ao Brasil.

— Ele também me disse a mesma abobrinha sobre os amigos, e o fato de que o resort é novo foi a única coisa a respeito da qual não mentiu. Como fui idiota em acreditar naquele imbecil do meu irmão.

— Não me diga! O esperto também acredita em fábulas! Se você acha tão irritante minha presença, vou embora daqui agora.

— Acho uma ótima ideia.

Dirigi-me à porta e...

— Cadê a chave?

— Não está com você?

— Lógico que não!

— Desgraçado, filho da mãe! Estamos presos neste quarto? Essa não!

— Vou gritar! Quero sair desse quarto agora. Não suporto ficar perto de você um só instante.

Você me irrita profundamente.

— E isso é muito adulto, né? Se você gritar, vai nos colocar numa situação constrangedora, não percebe?

— Estou me lixando pra você. Qual é a intenção de Tomás?

— Eu sei quais as intenções dele. Mas isso não vai acontecer. Acho até que você participou dessa armação tola.

— Você é mesmo muito convencido. Por que eu iria querer ficar presa com você num quarto? Se enxerga, garoto! Você e seu irmão são dois malucos. A diferença é que ele é o louco feliz.

— Eu sou o maluco e você é a tonta que acredita na conversa de qualquer um. Uma pirralha mimada, sem experiência nenhuma e sem noção, que acredita em tudo e todos, em príncipe encantado, em histórias da carochinha.

— Não acredito na conversa de qualquer um, menos ainda em histórias da carochinha.

— Ah, não?! Então, se você não acreditou na conversa dele, como veio parar aqui? Por acaso você está interessada em meu irmão e está jogando seu charme para cima dele agora? Não é suficiente um noivo? Você só está me dando muito azar ultimamente, sabia? Desde que conheci você, nada de bom tem me acontecido. Você é um azarão em minha vida. E agora essa, desse louco do Tomás...

Eu não tinha o que dizer, apenas senti um nó se formando na garganta e meus olhos se enchendo de lágrimas. Eu sou o azar da vida dele? O que fiz de tão ruim para que ele dissesse essas coisas tão cruéis para mim? Por que tanta raiva?

— O que é agora? Vai chorar? Eu sabia, mimada, chorona...

— Eu sinceramente odeio você, Guilherme. Do fundo do meu coração, odeio você e quero que suma!

Ele se calou diante da minha declaração explosiva, então tentei me acalmar e engoli o choro para evitar que as lágrimas caíssem. Ele apenas sentou-se na cama e, muito calmamente, começou a falar:

— Droga! Eu... Desculpe-me, eu me exaltei com você. Assim como eu, você não tem culpa pelo fato do meu irmão ter aprontado essa pra nós dois. Pode ser?

— Eu só queria entender porque você me trata dessa maneira. O que eu te fiz de tão ruim? Eu nasci, é isso?

— Não. Você não fez nada. De certa maneira, a culpa é mesmo de você ter nascido. — Ele disse isso com um sorriso nos lábios. Fiquei confusa com aquela declaração e então ele continuou: — Luíza, você não tem culpa de nada, menina. Eu sou um tolo insensato que me apaixonei por uma criança linda como você. Isso me faz muito mal. Como pode?

— Você também está apaixonado? E o que aconteceu entre nós lá no Japão... Eu não entendo você. Por que, então, se afastou de mim?

— Eu não fazia ideia de que você fosse tão jovem. Você não tinha nem dezoito anos ainda. Me senti um tolo idiota caindo numa armadilha ainda pior que a outra. Você não sabe o que é ter trinta anos e, de repente, se ver apaixonado por uma garota cheia de vida, de sonhos, de objetivos, inteligente. Eu tive medo de não conseguir acompanhá-la. Você não faz ideia do quanto é linda, Luíza. O quanto me encanta olhar seu jeito de andar, como seus braços se movem. É lindo ver o brilho que o sol reflete em seu cabelo e o vento que bate nele. Outro dia, eu estava te olhando no estacionamento e vi você toda atrapalhada com a sombrinha, o vento forte e a chuva. Você não queria molhar os livros, eram os únicos aos quais protegia, mas suas tentativas para que isso não acontecesse foram em vão, o vento não permitiu que você fechasse a sombrinha. E lá se encontrava você, totalmente alheia a isso, estava linda. Uma menina vestida de mulher. Como eu tive vontade de ir até você e te abraçar, te beijar, ficar com você na chuva.

— Eu não tenho culpa de haver nascido depois de você. O que você espera que eu sinta ou diga depois de tudo isso que você me confessou?

— Você não tem culpa. Sou eu que não quero passar por tudo novamente. Não espero nada de você, apenas que siga seu caminho. Eu a amo, mas não quero que você se prenda a mim.

— Eu quero você, Guilherme.

— Não torne as coisas tão difíceis, Luíza.

— Eu quero um motivo válido para aceitar que você não pode ficar comigo.

— Eu não posso, Luíza. Não quero voltar à adolescência. Já tenho 31 anos. Ficar com você

significa ter que abdicar de uma vida adulta saudável e voltar a viver com irresponsabilidade e eu já passei dessa fase. Uma hora ou outra seu lado infantil vai aflorar e eu não sei se aguento essa.

Senti-me lixo. Por que viver comigo significa viver com irresponsabilidade? Eu não lhe era saudável, não o fazia bem? Então, por que dizia nutrir tais sentimentos? O que eu tinha de tão ruim que ele não podia me querer, me ter em seus braços, me fazer sua mulher? Senti um nó na garganta, parecia que eu iria parar de respirar, então me levantei e me dirigi ao banheiro, não iria permitir que ele me visse chorar, pois não queria dar a ele mais motivos para que pensasse que eu era uma criança, mimada, chorona...

Joguei-me debaixo da ducha forte e me deixei molhar. Era como se a água tirasse de meus pensamentos e de meu coração tudo o que eu havia ouvido há pouco, toda a tristeza que eu sentia, o desprezo. E eu chorei. Mais calma após o banho, vesti um roupão e voltei para o quarto.

Ele havia vestido uma roupa e estava de pé na varanda. Aproximou-se de mim e nada disse, apenas me abraçou e afagou meu cabelo molhado. E, mais uma vez, quis me entregar a ele. Joguei tudo para o alto e tomei a iniciativa, dessa vez, decidida a conseguir o que queria. Eu não iria permitir que sua covardia nos frustrasse. E o beijei e, meio trêmula, comecei a desabotoar sua camisa. Ele não me afastou. Eu o beijava e ele correspondia suavemente aos meus beijos. Então disse com firmeza:

— Eu sou sua. Pegue o que é seu.

— Luiza... isso é tão injusto. Você é tão menina... Você não sabe o poder que exerce sobre mim. Assim fica tudo mais difícil. Sua voz, seu corpo... Eu sou um louco...

— Viva a loucura!

Carinhosamente, ele me puxou para mais perto de seu corpo e senti suas mãos desfazendo o nó do roupão que eu vestia. Suas mãos deslizaram em meus ombros, jogando-o ao chão, e o tecido amontoou-se aos meus pés, deixando-me completamente despida de roupas e pudores. Abri sua camisa, depusitei suaves beijos em seu torso e subi em direção ao seu pescoço, queixo e à procura de seus lábios. Ele mantinha os olhos fechados, gemia com meus estímulos, proferiu algumas palavras sem sentido e me beijou com paixão. Me entreguei ao beijo com tanto desejo que me sentia sem forças. Jamais pensei que pudesse me sentir tão intensamente excitada por alguém. Então ele parou de me beijar, me olhou nos olhos e perguntou:

— Você tem certeza?

— Absoluta.

Guilherme voltou a me beijar e suspendeu-me nos braços, colocando minhas pernas em volta da sua cintura, me levando para a cama e me deitando delicadamente, como se eu fosse uma criatura mítica proibida de ser tocada. Cada toque de seus beijos em meu corpo era a descoberta de uma nova sensação. Meu corpo vibrava, eu não sabia que o centro da minha feminilidade fosse capaz de pulsar

daquela maneira. Sentia-me completamente úmida. Quando ele beijou meus seios e fez carinho com a ponta da língua, fui levada a uma outra dimensão. Nem em meus sonhos eu poderia imaginar o que estava sentindo agora com Guilherme. O prazer que experimentei foi tamanho que quase me fez chorar. À medida que ele descia, depositando beijos em cada pedacinho do meu corpo, eu ansiava por mais, pelo momento seguinte. Senti um pouco de vergonha quando seus beijos chegaram ao meu ventre. Pedi que ele parasse, mas ele me olhou e disse que eu ficasse calma e que relaxasse, sem pressa. Não consegui descrever o que senti quando a temperatura de sua língua se encontrou com o botão que ligava todas as minhas emoções, em movimentos ágeis de sobe e desce. Prazer. Apenas prazer. E, de repente, me senti saindo do próprio corpo, atingindo um êxtase tão grande que me fez tremer toda enquanto convulsionava de prazer. Soltei um grito gutural, que me fez duvidar da minha própria reação. Ele me olhou e sorriu. Retirou o restante de suas roupas e o que vi foi a perfeição da beleza masculina. O homem mais bonito que eu já contemplara na vida. Guilherme ficou completamente nu à minha frente, unindo-se a mim. Deitou-se ao meu lado, voltamos a nos beijar e senti-me excitada novamente. Eu queria mais, e foi quando ele se colocou em cima de mim e, delicadamente, separou minhas pernas, encaixando-as cada uma a um lado de seu corpo. Delicada e vagarosamente, me penetrou com movimentos leves, suaves. Era a primeira vez. Ele sabia. Quando ele aprofundou a penetração, senti um leve e incômodo ardor. Ele quis parar, preocupado em não me machucar, mas eu o incentivei a seguir adiante. E os movimentos leves foram tornando-se mais rápidos a cada estocada, e então chegamos a um clímax nunca antes imaginado. Eu o sentia derramar-se dentro de mim em espasmos, tremendo, suado, seu rosto completamente transfigurado. Era um orgasmo quase concreto. E com os batimentos cardíacos totalmente acelerados, ele jogou-se em cima de mim e assim permanecemos deitados, ainda colados um ao outro, totalmente extasiados de prazer.

Agora entendo o que dizem sobre fazer amor. Foi lindo! Maravilhoso. Senti-me amada, especial. Percebi que Guilherme, não importava a diferença de idade, era o homem de minha vida.

— Eu te amo. Sempre vou te amar. — Sussurrei ao seu ouvido

Já era noite quando acordei e senti o corpo dele junto ao meu. Fiquei aninhada em seu calor, era tão confortável ficar ali. Acho que o movimento do meu corpo o fez despertar e me amar novamente. Eu estava tão feliz que não conseguia dormir. Queria me manter acordada para ter certeza de que não era um sonho. Ele ainda dormia. Levantei-me, abri as janelas e fiquei sentada, olhando-o, admirando o homem a quem eu havia acabado de entregar meu corpo e meu coração. Nem acredito que passamos a tarde e a noite fazendo amor. Meu corpo doía em partes que eu nem imaginava existir. Quando ele acordou, esboçou um maravilhoso sorriso de satisfação. Penso que o fiz feliz também. Ele havia sido perfeito. Eu apenas o olhava, encantada. A vontade era de me jogar em cima dele e abraçá-lo, beijá-lo, mas eu não sabia como me comportar.

Ele se levantou, beijou-me no alto da cabeça, me abraçou e foi direto para o banheiro. Pude ouvir o barulho da pia, do chuveiro e, meia hora depois, saiu de lá barbeado, cabelos molhados, a toalha em volta do corpo. Retornou ao quarto e vestiu a roupa. A essa altura, eu não o olhava mais, sentia-me embaraçada com o seu silêncio, não sabia o que dizer. Eu temia ouvir o que ele tinha para falar, então fui tomar um banho em seguida. Acho que demorei mais do que o necessário, pois ouvi leves batidas na porta do banheiro. Saí após me vestir e me pentear. Ele havia preparado o café da manhã com o que tinha no frigobar.

— Não é grande coisa, mas acho que dá para acalmar nossa fome.

— É verdade. Estou faminta.

— Você está bem? Sente dores no corpo? Eu a machuquei?

— Estou bem, não se preocupe, você não me machucou. Estou feliz. Você foi perfeito.

Ele se calou. Não sei o que pensava, acho que temia me encarar, talvez para ele tivesse sido um erro fazermos amor. Enquanto eu meio desarticuladamente começava a falar, um tremor invadiu todo o meu corpo e eu não fazia ideia de como parar, ele segurou minhas mãos e seu olhar era doce encanto... E isso aos poucos me acalmou.

— Como eu disse a você, nós não precisamos ficar juntos para sempre, eu não quis que isso acontecesse para que você tivesse obrigações comigo.

— Luíza, eu não me sinto obrigado a nada. Eu também quis, te desejei desde o primeiro momento em que meus olhos encontraram os seus. E não me arrependi em momento algum. Você me entregou sua virgindade e entendo que isso seja muito importante para você.

— Eu queria que fosse especial. Com alguém especial. Queria que fosse com você.

— Eu não sou especial. A culpa é minha.

— Culpa de que? Eu não acho que foi um erro... eu não quero falar em culpa, não posso. Não há culpados. Só há espaço para amor, encanto, paixão.

— Mas não podemos ficar juntos, minha menina. – Ouvir aquilo foi como se um balde de gelo tivesse sido jogado em mim.

— E você vai me dizer o motivo?

— Eu erreí com você, me deixei levar pelo desejo, pela paixão. Mas você tem um perfume tão doce, tão inebriante, tão gostoso, irresistível, eu não pude evitar. Não foi correto, eu não queria prender você, magoar você. Eu me sinto um canalha por isso.

— Então não o faça. Não me magoe.

— Você é a última pessoa no mundo a qual eu iria querer magoar, mas, infelizmente, terei que fazer isso. Eu sempre fui um cara cômico das minhas responsabilidades, sempre procurei ser correto. Lógico que já caí em tentação, como agora... Meu coração não podia ter vencido.

— O que há de tão terrível assim, Guilherme?

— O que vou dizer, ninguém sabe ainda. De certa forma, acho que lhe devo isso...

Definitivamente, estou entre a cruz e a espada. Tomei uma decisão muito difícil, mas não posso voltar atrás, seria injusto.

— O que é, fala logo!

— Marisa está esperando um filho meu. E eu acho que tenho o dever de ficar ao lado dela, estar ao lado dela.

Meu mundo caiu por terra. Me senti como se tivesse sido atropelada por um caminhão. Não sabia o que falar, apenas me perguntava como era possível que tudo aquilo que havia sido tão perfeito pudesse acabar assim. Se ela não estivesse esperando um filho dele, as chances de ficarmos juntos seriam maiores, eu tentaria conquistá-lo e, assim, ele deixaria esse preconceito idiota de idade de lado e me amaria. Mas uma criança surgiu no meio dessa história toda. Uma criança era demais para mim, eu não teria como lutar contra um bebê. E, pela primeira vez, me senti tão desamparada, desejei estar perto de quem me amava, queria carinho. E chorei. Ele me abraçou e me acariciou, mas estava me dizendo não.

— Você é um hipócrita, Guilherme.

— Você tem todo o direito de dizer o que quiser de mim, minha menina.

— Você fica com essa história ridícula de que sou uma criança, que sou jovem demais, e um monte de bobagens, mas, no fundo, você não passa de um patético hipócrita, uma vez que, notadamente, você é bem mais jovem do que Marisa. Seu preconceito não existe. O que existe é o seu desamor por mim. Você nunca teve a intenção de ficar comigo, mesmo quando não sabia a minha idade, independente da existência de Marisa. Você é um cretino! Me apaixonei e você colaborou com isso. Você foi o único com quem desejei ir adiante, só com você senti que enfrentaria o mundo se alguém ousasse nos proibir de ficar juntos.

— Eu também me apaixonei por você! Não fiquei com você antes não apenas porque a acho tão jovem, tudo bem, você é bem jovem, mas isso não foi o mais importante. É verdade que eu não queria voltar a viver com insegurança, sem saber como realmente me comportar com você, não sei se a alcançaria.

— Eu nunca tive a intenção de andar à sua frente, queria estar ao seu lado. Eu não acredito em você, Guilherme! Você diz que me ama, que se apaixonou por mim desde a primeira vez em que me viu, então por que ainda estava envolvido com ela? Não entendo quando alguém diz que ama uma pessoa e vai casar com outra.

— Eu tenho uma história com Marisa.

— Que história? Me conta, quero entender.

— Essa é a última chance da vida dela de ser mãe. Ela quase sobreviveu ao câncer, Luíza!

— O quê?

— Ela teve leucemia, mas nunca se sabe se essas coisas se curam de verdade. E é verdade, não curam tão facilmente. Não posso abandoná-la agora.

— E ainda assim fez com que eu me apaixonasse por você, alimentando essa paixão mentirosa.

— Eu sou realmente um egoísta, mas posso explicar.

— Você não tem o que me explicar. Não quero saber de mais nada sobre você. Criei um príncipe e o idealizei unicamente em minha cabeça. Me apaixonei por alguém que eu criei, e não pelo verdadeiro ser que você é.

— Eu posso explicar, Luíza.

— Não. Você não pode explicar nada, Guilherme. Você não pode explicar porque foi atrás de mim naquele maldito dia no shopping, mesmo estando com ela; você não pode me explicar porque me telefonou, me assediou, me beijou lá no jornal e me levou naquela viagem.

— Começamos como amigos, ela tinha muitos problemas no casamento e, à medida que nossa amizade crescia, nos envolvíamos cada vez mais. Eu era tão jovem, sei lá, quando vi já estava com ela. Por causa desse envolvimento, tive problemas ainda maiores até nos deixarem em paz. Depois disso, o tempo foi passando, caímos na zona de conforto, percebemos que não nos amávamos. Marisa e eu já estávamos decididos a nos separar de uma vez por todas, o encanto havia passado, éramos apenas amigos novamente...

— Dane-se! Como você ousa dizer que eram apenas amigos se ela está grávida de você? Amigos com benefícios, é isso?

— Então te conheci e me apaixonei. Eu parecia um adolescente idiota jogando tudo para o alto querendo te conquistar. Coloquei-me no lugar dela, você não entende? Você sou eu no passado. Eu não queria ficar com você, me apaixonar e, no futuro, vê-la cair nos braços de alguém bem mais jovem.. Aproveitei que pensava assim e percebi que é melhor para todos nós.

— Como você é egoísta, Guilherme! Seus pensamentos são arcaicos e totalmente fora da realidade. Jovem, troca, futuro... O que me interessa é o presente.

— Eu sou egoísta, sim. Eu aceito tudo o que você quiser me dizer, mas me deixa contar tudo, me deixa falar de uma vez. Quando te liguei e você me dispensou, pensei que estava certa e eu, errado, não podia ir atrás de você sem resolver minha situação com Marisa. Mas aí os sintomas da leucemia estavam voltando, ela não queria mais se submeter a tratamento algum, tudo se complicou, você foi estagiar no jornal, nos encontramos, viajamos juntos, eu travava uma batalha grande comigo mesmo. Eu te queria quando, na verdade, não deveria, não podia te amar, mas quando decidi enfrentar meus preconceitos, apenas apoiá-la na doença, no mesmo dia em que voltamos de viagem, ela confessou

estar grávida... Por isso não te procurei mais.

— E você me julgou como você é.

— Luíza! O nosso futuro não nos pertence. Hoje você pode me amar, mas quem garante que, no futuro, você não vá se apaixonar perdidamente por alguém e não querer partir por pena de mim e ser infeliz, ou então partir de vez e me deixar infeliz?

— Pare, Guilherme! Você está me deixando com mais raiva ainda. Como você pode deixar de viver o presente por medo do futuro? Eu até aceito que a nossa diferença de idade agora seja um problema apenas cronológico. Mas na maturidade somos iguais, Guilherme. Daqui a dez anos estaremos no mesmo patamar, a diferença não existirá mais.

— A diferença não existirá mais? E o amor que você diz que tem agora, Luíza, sobreviverá? Nossa relação pode se tornar gratidão, costume, medo de dar passos diferentes.

— Você receia viver um relacionamento comigo por medo de que eu, porventura, faça o que você acha que está fazendo de errado com Marisa? Você me parece tão seguro de si no trabalho, Guilherme, e na vida pessoal você é tão fraco, tão covarde.

— Eu mereço tudo isso. Mereço que você me odeie. Mas você não sabe quanta coragem estou necessitando agora para dizer que Marisa está grávida e que tenho que abdicar de você, porém não queria que se sentisse presa a mim para sempre.

— Eu queria me sentir presa a você, Guilherme! Você não entende, não é? Você não entende que o que sinto é verdadeiro. Eu sei!

— Mas você não sabe o que pode acontecer depois. Confesso que realmente tive medo, medo de não conseguir te acompanhar e só me tornar um estorvo em sua vida.

— Eu não quero saber do futuro até chegar a hora. Quero viver o agora. Eu desejo você e não me interessa se você não vai estar comigo no futuro, será que não entende isso? Eu pretendo caminhar lado a lado e não atrás ou à frente de ninguém, eu já disse isso.

— Eu entendo, meu amor, mas eu não sou assim. Sinto que vou te amar para sempre, mas você ainda tem muito que viver, ficar com você seria impedi-la de aproveitar a vida, conhecer novas pessoas, ter novas experiências, nós estamos em estágios diferentes, já vivi isso que você está experimentando agora. Eu quero você livre sempre.

— Você foi impedido de viver tudo isso?

— De certa maneira, sim.

— Não foi, Guilherme! O fato é que você viveu todas essas experiências com uma só pessoa.

— Não, Luíza. Não aprendemos apenas com uma pessoa.

— Você é louco! Case-se com sua Marisa e seja muito infeliz.

— Com certeza serei.

— Você me enjoa, Guilherme.

— E eu te amo.

— Eu quero sair daqui. Estou sufocando.

— Por favor, não vá sem antes me perdoar.

— Não há o que perdoar, Guilherme, eu quis que acontecesse, não foi? Só queria que fosse com alguém do qual me lembrasse para sempre como sendo o escolhido, o especial, e por quem eu sempre sentisse carinho, mesmo que não estivesse comigo. Não sei se isso irá acontecer agora. Nesse momento, eu te amo muito, te amo como nunca amei ninguém na vida, meu primeiro amor, não consigo me ver com alguém que não seja você, mas não sei se será assim sempre...

— Por favor, Luíza... por favor, me perdoa, minha menina.

Ao clamar pelo meu perdão, ele se aproximou de mim, me abraçou e me beijou desesperadamente, e eu retribuí, ainda não estava pronta para esquecê-lo, para deixá-lo de lado, para desistir dele. Naquele momento, não queria me despedir, queria apenas sentir mais uma vez seu corpo junto ao meu, dentro do meu como se fôssemos um só corpo, uma só alma, eu o queria mais do que tudo. Eu o amava e ponto final. Desistir seria o mais sensato e eu o faria, mas não sem antes amá-lo mais uma vez e guardar na lembrança tudo o que aconteceu desde o primeiro dia em que nos vimos até aquele instante.

Após fazermos amor pela última vez, ele adormeceu com o corpo junto ao meu, a mão em minha cintura e as pernas prendendo as minhas. Senti-me sua propriedade. Ah, como seria bom se isso fosse possível! Tentei me desvencilhar dele, mas o que aconteceu foi exatamente o contrário, ele me prendeu mais ainda, colocou seu corpo sobre o meu e me amou novamente.

Nas primeiras horas da manhã, levantei-me, interfonei para a portaria e pedi que abrissem a porta. Eu poderia ter feito isso desde que ficamos trancados no quarto, mas não quis. Acredito que ele também não. Na portaria, me informaram que Tomás havia deixado a chave na noite anterior, informando que o casal que estava no quarto não queria ser interrompido, pois haviam colocado a placa de “não perturbe” na porta. O maluco do Tomás disse que o casal era seu irmão e sua cunhada. Questionei se realmente tinham acreditado naquela história; e se estivéssemos mortos? A recepcionista falou que era possível ouvir vozes vindas do quarto, e, em certo momento, as câmeras de segurança haviam nos flagrado na varanda “*namorando, se é que a senhora me entende.*” Entendi na mesma hora, claro! Eu tinha que sair dali o mais rápido possível, pois, se ficasse mais um pouco, não conseguiria ir. Sentia-me fraca, pensei que fosse morrer, meu corpo não obedecia à minha mente. Eu iria embora e não olharia para trás. Então, decidi deixar algo escrito num guardanapo em cima da mesa, esperava que ele visse. Eu queria feri-lo e escrevi: “*Esqueça que existo. Eu já o esqueci. Não me procure mais!*”

2010

Capítulo 6

Estava incrivelmente cansada naquela manhã. A cobertura do terremoto estava me deixando exausta. Fazia um bom tempo que eu não dormia mais do que duas horas. Só parava para tirar um cochilo.

Amava meu trabalho, mas merecia férias. Helena sentia minha falta, eu não podia abandoná-la dessa maneira, ainda bem que ela era uma criança inteligente, que compreendia meu trabalho, contudo não era justo.

Não é fácil criar uma filha sozinha quando se está em sua terra natal, muito menos em outro país. Eu não podia ter empregada vinte e quatro horas, isso era um privilégio dos mais ricos, diferente do Brasil.

Foi duro sair do país para morarmos nos Estados Unidos. No início, minha mãe ajudou bastante, ficando comigo quase o ano inteiro entre idas e vindas, mas ela não podia desistir de sua vida assim, principalmente agora que havia encontrado o amor novamente. Há oito anos, ela e Joaquim começaram um relacionamento e estão juntos até hoje. Ele foi meu maior mentor no jornalismo.

Saí do estágio logo depois do que aconteceu entre Guilherme e eu, ao me descobrir grávida dele aos dezoito anos. Não tinha isso em meus planos. Meu objetivo era terminar a universidade e trabalhar com o jornalismo, e assim o fiz. Em momento algum minha filha atrapalhou meus intentos, agora eu tinha ainda mais motivos para conseguir o que sempre sonhei. Foi mais difícil, é verdade, mas aqui estou.

Não contar a ninguém sobre minha gravidez e terminar o curso de jornalismo em São Paulo foi, na verdade, uma maneira de evitar a todo custo que Guilherme soubesse, acho que queria feri-lo mais do que ele me feriu.

Até hoje ele desconhece o fato de que possui uma filha comigo. A pior parte foi ter que pedir à minha mãe que jamais contasse a Sílvia o que aconteceu. Ela nunca soube que o pai de Helena é Guilherme. Ela sempre imaginou que fosse Rodrigo. Em sua cabeça, Rodrigo foi embora ao saber da minha gravidez. No início, ela gritou comigo, ficou magoada, mas em hipótese alguma sugeriu que eu

abortasse, sendo que só o que restou foi entender e aceitar que “eu não queria que soubessem que eu estava grávida”.

Bem, foi isso o que eu disse, que sentia vergonha por estar grávida sendo tão jovem. Temia o julgamento precipitado das pessoas. E não era nada disso, eu só queria que ela não contasse a ninguém, principalmente a Sílvia, pois ela comentaria com os filhos e Guilherme obviamente saberia.

Ele se casou com Marisa, mas ela e o filho morreram logo após o parto. Eu só soube disso depois que Helena tinha dois anos. Por acaso, encontrei Sílvia em uma solenidade de juristas e ela me falou de toda a vida dele em pouco menos de dez minutos. Ao final, soube que o filho nem era dele. Ela havia engravidado de um homem com quem tivera um caso passageiro muito antes de ele ir para o Japão. Ao menos ela tivera a decência de contar isso antes de morrer. Não sinto raiva dela, mas não faria o mesmo para não perder o homem que amo. Deus a perdoe por seus pecados. Guilherme agora é o diretor presidente do jornal e Tomás continua fora do país.

Muitas vezes, me senti um tanto quanto cruel por haver escondido a paternidade de Helena das pessoas à minha volta. Mas como eu poderia conviver com a opinião de pessoas tão preconceituosas com relação à diferença de idade? Foi melhor assim, tornei-me mais independente e destemida. Para mim, as coisas são apenas difíceis, nunca impossíveis. O que intrigou foi Joaquim, eu nunca falei a quem quer que seja que Helena é filha de Guilherme, mas tenho certeza de que ele sempre soube.

Talvez eu seja má porque neguei à minha filha a presença do pai em sua vida, isso eu assumo, um dia ela entenderá que não importa se ela teve ou não o pai presente, o que importa é que nós somos uma família feliz. Às vezes, ela me pergunta sobre ele e tenho que inventar mil histórias, nada de ruim, claro, mas sempre digo que ela irá conhecer o pai um dia, basta que tenha paciência. Enfim, há oito anos não vejo Guilherme e pretendo passar o resto dos meus dias sem vê-lo. Se eu o esqueci? Claro que não. Ele é o pai da minha filha, impossível esquecer-lo. Se ainda o amo? Isso sim seria demais. Não o amo, nem o desprezo. Não nutro sentimento algum por ele. Eu costumo dizer a mim mesma que Guilherme é apenas um rosto na multidão.

No trabalho, logo após haver deixado Helena na escola, mais e mais missões. Isso me deixava excitada, eu realmente adorava meu trabalho, minha vida, minha filha. Sentia-me realizada como mulher, profissional e mãe. Helena era tudo o que eu queria, meu maior e melhor presente. Ela estudava em período integral, mas eu contava sempre com uma vizinha mexicana que tinha os filhos na mesma escola. Ela sempre pegava Helena e, apesar de estarmos em um país estranho e pertencermos a culturas diferentes, sentíamos a mesma coisa com relação aos filhos, éramos protetoras. Ajudávamo-nos sempre, eu a pegar os filhos dela na escola e ela a fazer o mesmo por mim, e ambas trabalhávamos. Seu marido, Oscar, era médico, tinha o horário apertado, e ela, cujo nome era Blanca, dava aulas particulares de espanhol, sobrando-lhe, portanto, mais tempo para ficar com as crianças. Quando Blanca e Oscar tinham uma folga, eu ficava com os filhos dela, Diego e

Lupita, para que eles pudessem aproveitar o dia juntos. Eu mesma me admirava com minha capacidade de cuidar não só de uma, mas de três crianças, e eu os adorava, me sentia criança novamente. Quando eu também precisava, ela não se opunha a ficar com Helena. E quando nenhuma de nós podia, contávamos com o nosso plano B, Irene, nossa vizinha.

Enfim, uma notícia boa, fui nomeada editora e isso foi maravilhoso para mim, Helena estava numa fase de sentar um pouco, aproveitar sua infância e se livrar de minhas viagens, curtir mais minha presença. Haveria uma equipe comigo e seria bom trabalhar com gente nova e mais próxima de pessoas com a mesma profissão. Eu sentia falta disso, confesso, apesar de dizer a mim mesma que era só até Helena crescer um pouco mais.

Junto de minha equipe, fui apresentada aos presentes como a nova editora do canal. Para minha surpresa, e isso realmente foi uma surpresa, nunca me esqueceria daquele rosto, apesar de tê-lo visto apenas quatro ou cinco vezes, e, se eu não tivesse tão boa memória fotográfica, o nome já me diria tudo, Tomás Sobral, meu braço direito na equipe, seria um dos apresentadores, afinal de contas, era a mais nova aquisição do canal. Eu seria a editora e ele, o editor chefe e apresentador. Como o destino nos prega peças, não é mesmo? Não sei se mudei, mas se passaram oito anos, e, mesmo assim, ele me reconheceu. Cumprimentamo-nos e logo todos souberam que já nos conhecíamos. O perigo estava me rondando. As chances de Guilherme saber bem rápido que nós tínhamos uma filha eram muito grandes naquele momento.

A ideia inicial era que Tomás fosse âncora do telejornal enquanto escolhíamos uma apresentadora. Acredito que, no primeiro dia em minha nova função, me saí muito bem. Ao final do expediente, estava cansada de falar, mas não exausta como nos dias e meses anteriores, sem tempo até para dormir, ficar com Helena, então, nem se fala. Assim, a primeira semana passou.

Numa das reuniões de pauta, após terminarmos e decidirmos o que levar ao ar, Tomás ficou mais um pouco e pediu para falar comigo. Como ele não havia tocado no assunto nos primeiros dias, não imaginei que ele fosse me abordar daquela maneira.

— Luíza, podemos conversar? Tenho uma pergunta para te fazer.

— Pois não, Tomás, sente-se.

— O que aconteceu entre você e Guilherme que o levou a nocaute? – Assim, diretamente, como se fosse de sua conta e como se tudo tivesse acontecido ainda ontem.

— Tomás, não acho que seja bom remexer nessas histórias do passado. Prefiro falar de assuntos do trabalho, se não se importa.

— Eu não me importo, Luíza, mas, com toda a sinceridade, não vou parar de falar até você sentar e me contar o que aconteceu naquele hotel onde os deixei.

— Acho que isso só interessa a mim e ao seu irmão.

— Eu não sei se você sabe ou lembra, mas somos muito unidos e a felicidade de um é a do outro, assim como o sofrimento. Você fez muito mal ao meu irmão, nós o vimos se transformar numa pedra de gelo depois daquela noite com você. De repente, ele estava louco de amor por uma pirralha que queria se mostrar adulta, mulher, e, sem mais nem menos, ele se casa com uma mulher que, pouco tempo depois, morre no parto de um filho que nem era dele.

— Na verdade, Tomás, sua resposta está no que acaba de me perguntar. Se preferir, pergunte a ele, quem sabe um dia ele tenha a decência de contar a verdade. Não me julgue, pois você não tem esse direito.

— Sabe, hoje vejo que ele tinha razão em não querer se envolver com você naquela época. Olhe como você está hoje. Fria, extremamente séria, essas roupas que você veste, não é uma pessoa descontraída, você é pesada demais. Realmente isso não faria bem ao meu irmão. Você já o teria deixado para trás há muito tempo.

— Embora não seja de sua conta, vou te dar uma dica: eu não acho que seja tão difícil imaginar o que aconteceu. Ele não estava tão louco de amores assim por mim como você diz. Se estivesse, teria sido diferente. Mas a escolha foi de Guilherme. Foi mais cômodo para ele. Enfim, cada um é dono de sua vida e a vive como bem quer. E, quanto ao modo de me vestir, isso realmente não te diz respeito, você não sabe sobre a minha vida nem sobre as lutas que precisei travar nos últimos oito anos.

Depois dessa conversa rápida, me vi definitivamente perdida! Era só o que me faltava, Tomás aparecendo ali e querendo saber o que houve entre Guilherme e eu. E pior, me julgando pelas roupas que visto. Queria vê-lo no meu lugar, tendo que amadurecer e ter as responsabilidades que eu tive com apenas dezoito anos.

Tomás me tratava com profissionalismo apesar da conversa que tivemos. Parecia que tudo estava calmo, dentro dos eixos. Vez ou outra nos encontrávamos no café e nos cumprimentávamos formalmente, mas aquilo me fazia mal, eu não queria que ele me visse como uma inimiga.

— Tomás, será que você poderia me dar um minuto de atenção?

— Claro! O que você quer?

— Eu não quero ser sua inimiga, aliás, não quero que você me veja como sua inimiga. Pelo passado que tivemos juntos, nos demos tão bem, tínhamos uma sintonia boa, quase nos tornamos amigos...

— E?

— Podemos esquecer aquela conversa no café outro dia e começar de novo? Podemos ser amigos ou, pelo menos, colegas de profissão, eu te respeito e te admiro como profissional, acho você incrível e esse clima tenso entre nós não me agrada, não gosto de viver assim com ninguém.

— Tudo bem, Luíza, não guardo mágoas. Acho que você tem razão, a vida é sua, não devo me

meter, mas era algo que eu queria saber desde então e...

— Por favor, não vamos falar disso, eu tenho meus motivos, entenda e respeite minha decisão de não querer falar sobre o passado.

— Eu me sinto culpado pelo que fiz, sabe?

— Não se sinta. Você só quis ajudar. Você é bom, Tomás.

— Então, tá. Vamos esquecer tudo e recomeçar, que tal um abraço?

— Claro!

— Só tem um “porém” nisso tudo.

— O que é?

— Não posso mentir, tampouco omitir o fato de haveremos nos reencontrado.

— Tudo bem. Um dia isso teria que acontecer. E, afinal, somos adultos, não é? Não sou mais aquela garotinha e ele não é mais um jovem...

— Ele continua responsável, teimoso, aliás, extrapola todos os limites da teimosia, ninguém merece um irmão como aquele. Trabalha dia e noite, nunca tira férias.

— Se você não se importar, não quero saber nada sobre Guilherme.

— Jogue fora as mágoas, Luíza. Isso ainda pode te causar um câncer.

Parece que tudo ficou bem entre nós, todavia, minha preocupação agora redobrou. Eu preciso ter muito cuidado com Tomás.

Enquanto o perigo não se aproxima mais de mim, vou levando minha vida normalmente, trabalhando, sendo mãe, sendo chefe, tendo chefe, dedicando minha vida à minha filha e a mim também, pois eu amava minha Helena e meu trabalho, e havia arranjado uma maneira de conciliar os dois sem sacrificar nenhum deles.

Tomás e eu seguíamos com nossas vidas, vez ou outra eu saía com ele e com alguns colegas de trabalho para um *happy hour*, mas não podia abusar da bondade de Blanca, apesar de ela não se opor a nada, pelo contrário, dizia que eu precisava me distrair, pois trabalhava muito e sem descanso. Eu só saía para que Tomás não desconfiasse de que eu não podia comparecer a esses eventos por causa da existência de Helena, se ele imaginasse, com certeza Guilherme descobriria de imediato.

Numa das vezes em que saímos para tomar um drinque, ele bem que tentou falar sobre Guilherme mais uma vez, também tentei fazer o contrário, mas Tomás não desiste e eu quase não tive saída. Ele quis saber de meus relacionamentos atuais e eu não tinha muita coisa para contar, pois não existiam. Ele não acreditou e brincamos de encontrar motivos para que isso acontecesse.

— Não acredito em você, Luíza. Não é possível que não tenha ninguém. Todos esses anos e nada?

— Eu não tenho tempo, Tomás. Tenho trabalhado muito nos últimos anos. Eu penei para chegar aqui, as coisas não foram fáceis para mim. Você pensa o quê? – Eu quase me traí dizendo que não havia sido fácil cuidar de uma criança, estudar e trabalhar como uma louca desde os dezoito anos

para não perder o foco dos objetivos traçados desde tenra idade.

— Eu entendo que você não queria se desvirtuar de seus objetivos, Luíza, mas veja só, um namorado, uma ficada, uma noitada, nem isso? Você tem o que, 25 anos? Você é uma celibatária, então?

— Vinte e seis e sim, sou uma celibatária, o que há de mau nisso?

— Nada. Apenas que você é jovem, bonita, inteligente, tem um bom emprego, é independente, eu não acredito. Acho que Guilherme te causou grandes traumas mesmo, hein?

Apenas sorri, não queria falar sobre Guilherme, mas ele insistiu.

— E então, não vai me dizer o que houve naquele quarto de hotel anos atrás?

— Tomás, você não deveria me fazer essa pergunta. Eu sou muito discreta...

— Vocês transaram?

— Isso realmente não é da sua conta.

— Por que não? Qual o problema em falar sobre sexo? Não me diga que você ainda é virgem.

— Não gosto de falar sobre esse assunto com qualquer um.

— O quê? Fui rebaixado a qualquer um, você não se lembra de quem eu sou, mocinha? Eu sou Tomás, o grande.

— Grande arrumador de confusão, isso sim.

— Quer saber, se você não tivesse sido apaixonada por Guilherme, eu mesmo teria insistido com você.

— E que novidade é essa agora?

— Brincadeira! Não me leve a sério. Eu jamais faria alguma coisa que machucasse meu irmão. Ele era louco por você. Deus, como ele era apaixonado por você, Luíza. Ele sofreu como um louco quando você saiu do jornal. Mas de repente se casou com Marisa, quis assumir uma responsabilidade que não era dele, aliás, que nem existia, um filho de outro. E no final ficou sem você.

Eu ouvia o que Tomás falava levado por umas doses de uísque a mais que havia tomado, e só assim soube que Guilherme havia sofrido uma leve dor de cotovelo por minha causa. Mas aquilo não me interessava realmente. E ele continuou:

— O que você fez com meu irmão, Luíza?

— Eu não fiz nada.

— O que não deu certo?

— Suas trapaças não deram certo, Tomás.

— Mas eu no papel de Santo Antônio sou muito incompetente mesmo, não é?

— Pode apostar!

— Você não faz outra coisa a não ser pensar, conversar, tomar seu tempo em tudo para evitar se

abrir pra mim.

— Ok, Tomás. Acho que você está precisando de uma motorista. Vamos! Eu te levo.

— Eu estou bem, Luíza. Muito bem, mas como aqui as leis são mais rígidas, você realmente tem que dirigir. Vamos, então?

E levei Tomás em seu carro, deixei-o na garagem e de lá peguei um táxi para voltar para minha casa. Conseguimos nos entender, pelo menos como amigos, estávamos bem. Só não sei se essa amizade vai durar se caso ele vier a descobrir sobre a existência de Helena.

Às vezes penso que deveria contar de uma vez, outras vezes tenho medo, entrei numa zona de conforto tão grande que está difícil sair.

Queria que nada disso tivesse acontecido comigo, assim não teria tantos medos agora. Medo de ser descoberta, de não ser compreendida. Medo de nunca ser perdoada pelo fato de haver ocultado a existência de Helena, escondendo até de minha mãe quem é o pai dela. Medo. Medo. Medo. Arrependimentos? Alguns.

Numa tarde, eu estava editando as reportagens que iriam ao ar naquele dia e verificando aquelas que possivelmente tomariam mais tempo no noticiário, quando um telefonema de Blanca me surpreendeu. Era sobre Helena, ela havia se machucado na escola e desmaiado por alguns minutos, e a professora achou por bem levá-la à emergência. Saí como uma louca para ficar com minha filha, avisei apenas para meu supervisor. Não foi nada grave, segundo o médico da emergência, uma leve concussão, não houve edema, mas ela teria que ficar em observação por vinte e quatro horas. Quando estávamos no box de emergência, eu e Helena, já conversando animadamente sobre o que havia acontecido, minha surpresa foi maior do que eu podia prever. Tomás adentrou aquele pequeno compartimento e senti que todas as minhas forças haviam sumido, fiquei sem palavras, minhas pernas estremeeceram. Todos os meus temores se consumaram. Eles estavam ali, personificados na imagem de Tomás. Ele se mostrava preocupado com meu estado de saúde, pois lhe disseram que eu havia corrido para a emergência do hospital, não dando tempo sequer de explicar que eu estava bem, era com alguém próximo, e saiu logo após apresentar o noticiário.

— Luíza, o que houve? Recebi a notícia de que você estava na emergência e corri para cá depois de apresentar o noticiário. O que houve com você? Você está bem?

— Tudo bem comigo, Tomás.

Sentia-me acuada, torcendo para que ele não percebesse a sobrinha ali, tola esperança, ela estava deitada na cama bem à sua frente.

— Graças a Deus! Eu já fui logo pensando bobagens. Mas o que você está fazendo aqui?

— Eu? Bem... eu... — Eu não sabia o que falar, as palavras não saíam de minha boca, eu estava completamente encurralada. Ele nem esperou a resposta, ao olhar para ela ali, deitada na cama, o vi franzir o cenho e se dirigir a Helena.

— Mas e quem é essa garota linda aí?

Em sua inocência de criança, ela própria revelou o que eu queria esconder.

— Eu sou Helena.

— E o que houve com você, Helena?

— Eu caí na escola e desmaiei. Daí a professora me trouxe para cá porque Oscar, o nosso amigo, trabalha nesse hospital e ela achou melhor eu ser medicada por ele. Mas não foi nada.

— E onde está sua mãe, linda princesa?

Com um olhar de quem queria apenas a resposta óbvia, ele me observa furioso. Helena apontou para mim.

— Não me diga! Essa linda princesa é filha da Luíza? E onde está o seu papai?

— Eu não sei. Minha mãe diz que, quando eu crescer, irei conhecê-lo.

Olhando em meus olhos e fazendo com que eu me sentisse uma bruxa, uma assassina cruel, Tomás continuava a fazer perguntas a Helena.

— Ah, é? Sua mãe diz isso? Então, quantos anos você tem, linda Helena?

— Eu tenho oito anos. Você também é repórter?

— Sou sim.

— Você é engraçado. Você entrevista todas as pessoas que conhece?

— Nem todas, meu amor.

— E por que você está me entrevistando agora?

— Nossa, Helena, você é realmente muito inteligente. A quem você terá saído? Você sabe que eu adoraria levá-la para passear qualquer dia desses?

— Eu não posso. Minha mãe não me deixa sair com estranhos.

— Sua mãe tem razão. Nossa! Estou admirado com tanta inteligência. Você é linda e esperta, sabia Helena?

— Obrigada! Como é mesmo o seu nome?

— Meu nome é Tomás. Mas pode me chamar de tio Tomás.

E a cada resposta que ele dava a Helena, me olhava.

— Tá bom. Tio Tomás! Então, posso te chamar de Tetê?

— Tetê? Por quê?

— Daããããã! Duas letras: T. de Tio e T de Tomás.

— Você sabe que a cada momento fico mais admirado com você? E esses seus olhos verdes de onde são? São lindos. Olhos verdes, cílios espessos, essa boca carnuda linda. Sabe que você me lembra alguém?

Dessa vez eu intervim. Não faço ideia de onde tirei forças para parar com aquela história.

— Helena, minha linda, você precisa descansar agora. Assim poderemos voltar para casa e continuar nossa vida de antes.

— Então, tá. Boa noite, TT.

— Boa noite, querida!

— Meu amor, fique aqui um pouco que eu vou levar Tomás até a saída.

— Não precisa, Luíza. Fique com sua filha.

— Por favor, Tomás.

Dirigimo-nos à saída e ele permaneceu em silêncio, esperando que eu falasse primeiro.

— Tomás, eu quero... eu preciso conversar com você.

— Eu só quero que você me responda uma pergunta: Helena é minha sobrinha? Por favor, seja honesta comigo.

Eu não tinha como negar a Tomás. Senti-me encurralada. Agora tudo estava perdido. Guilherme finalmente saberia que tem uma filha. Mas não apenas isso, ele também saberia que eu escondo isso dele há oito anos.

— É sim.

— Você é cruel demais, Luíza. Tanto que me dá arrepios.

— Por favor, Tomás, me deixa explicar.

— Não tem o que explicar, Luíza. Isso é tão terrível que, se estivesse acontecendo com alguém distante, eu diria que era mentira, que as pessoas não são cruéis a esse ponto. Isso é...

— Por favor, Tomás...

— O que você pensava, hein? Que nunca seria descoberta? Que ninguém saberia que você teve uma filha com meu irmão? E por falar nisso, você tem ideia da maldade que fez com ele? Eu não sei o que aconteceu entre vocês Luíza, não sei o que ele fez com você, mas tenho certeza de que não foi nada perto do que você fez com ele. Cara! Você é doente! Você é sádica! Você é uma cretina, Luíza! Uma cretina! Você não era nada do anjo que eu pensei que fosse. Você é o demônio!

— Não sou anjo nem demônio. Você não sabe o que eu passei.

— O que quer que você tenha passado, não justifica o que fez com Guilherme.

— Eu não podia contar a ele que estava grávida. Ele já estava casado.

— Preso num casamento que você poderia ter evitado. O que aquela mulher fez com ele foi repugnante. E agora você fez muito pior, pois, em seu leito de morte, pelo menos ela teve a decência de contar toda a verdade. E você poderia ter evitado tanta infelicidade a ele e não o fez. Luíza, se eu ainda tinha algum respeito por você, seja profissional, seja pessoal, ele caiu por terra agora. Você é uma infeliz! Você não sabe viver, não ama o próximo, você é má, é vil!

— Você não tem o direito de me julgar, já disse. Eu sofri quando ele preferiu aquela mulher. Se

ele sofreu, foi porque quis, não tive nada a ver com o sofrimento dele. Guilherme não me queria, Tomás, portanto, não queria a filha.

— Vá se danar, Luíza! E isso não vai ficar assim. Hoje mesmo vou contar a ele a maldade que você fez, a egoísta e mau caráter que você é. Só você é o que importa.

— Não fale assim comigo. Você não sabe quem eu sou, o que passei, o quanto lutei e luto por minha filha. Você não sabe a vida que eu levo para ser feliz com ela.

— Dane-se! *Fuck yourself!*

— Tomás, me escuta...

— Eu não tenho que te escutar, Luíza.

Tomás se foi do hospital e eu me senti desesperada. Sabia que algo terrível estava por vir. Ele iria contar a verdade a Guilherme, claro, e tudo o que eu construí cairia por terra. A noite foi terrível, tudo o que fiz foi chorar. Sentia-me sozinha, queria um abraço, colo de mãe, queria ser consolada naquele momento.

Helena ficou em casa no dia seguinte, e Blanca se ofereceu para ficar com ela para que eu pudesse trabalhar, mas estava sempre ligando para casa para saber como minha filha estava. Eu sairia mais cedo, pois tinha que conversar com Tomás ou pelo menos tentar.

Procurei-o durante todo o dia para falar sobre o assunto, mas ele sempre me evitava. Eu queria saber se ele havia contado a Guilherme. Iria pedir, implorar para que eu mesma contasse. Meu desejo era evitar uma briga maior.

— Por favor, Tomás, me deixa expor minha história para você, talvez você entenda os meus motivos.

— Não posso entender uma pessoa que nega ao pai a existência de uma filha, e nega a essa mesma filha, que diz que ama, o direito de ter um pai maravilhoso que ele seria se soubesse da existência dela desde o início. E negar esses direitos todos à minha mãe, a mim... Luíza, você é um monstro.

— Por favor, só me escuta.

— Não tenho estômago para você, Luíza.

— Em nome dos sentimentos de amizade que um dia você nutriu por mim, por favor, me deixa falar, me explicar.

Ele sequer olhava em meus olhos. Eu podia ver em seu rosto a decepção, a raiva...

— Por favor, Tomás.

— Nada do que você disser fará com que eu compreenda tamanha maldade, Luíza.

— Deixe-me ao menos tentar, por favor.

— Eu não quero falar sobre isso aqui. Vamos à minha casa. Lá, eu posso gritar com você, falar alto, sei lá, fazer qualquer coisa.

— Sem problemas, eu irei após o noticiário.

— Você vai comigo.

— Não acho que seja uma boa ideia. Você já está alterado aqui, sem sequer iniciarmos, imagina dirigindo. Nunca imaginei que você fosse assim.

— Você não faz ideia de como eu posso ser perigoso.

— Tudo bem. Eu devo ter medo?

— Muito medo. Posso ser terrivelmente perigoso quando me provocam. Posso até matar.

Eu o olhava e não via perigo algum em seus olhos, apenas mágoa, acho que ele dizia aquilo para me assustar, provavelmente pensava que eu era uma criança atemorizada. Durante oito anos não tive medo de desafios, muito menos agora.

— Eu não tenho medo de você. Sinceramente, está mais cômico do que trágico.

Dizendo isso, me virei e saí. Naquele dia, nos atrasamos um pouco e tive que chamar Irene para ficar com Helena. Irene era uma estudante brasileira que fazia uns bicos de babá e já havia cuidado de Helena antes. Nessa noite, ela ficou em minha casa com os filhos de Blanca e Oscar, pois esse tinha um coquetel de inauguração de um hospital no qual iria trabalhar, e Blanca precisava acompanhá-lo. Mas ela também não se opunha a ficar com nossas crianças, morava no andar de baixo, fazia mestrado na área de Direito e, por meio de muito sacrifício, se mantinha ali. Ela era jovem ainda, tinha cerca de 31 anos, e se admirava porque eu, aos 26, já tinha uma filha de sete anos. Dizia que eu era sua “ídola”, e que ficava com Helena, Lupita e Diego não só pelo dinheiro, que a ajudava bastante, mas porque assim se sentia perto de seus sobrinhos, que ficaram no Brasil, e também de se sentir em uma família, pois morava sozinha, não tinha parentes próximos, muito menos nos EUA.

O apartamento de Tomás era lindo. Bem masculino, aconchegante e impecavelmente arrumado. Diferente do meu, pois tinha a bagunça dos brinquedos de Helena espalhados pelo chão. Apesar de ter um quarto só para isso, não adiantava muito, ela brincava pela casa toda. Os móveis da sala eram todos em preto e branco. A chaise era preta de veludo muito confortável e, da maneira como eu estava cansada, só me dava vontade de soltar a bolsa para o lado, me jogar literalmente naquele sofá e só levantar quando eu tivesse dormido, no mínimo, uns três dias. No console próximo à sala de jantar, havia fotos suas, de sua mãe e de Guilherme. Olhei-me no espelho e me vi cansada e despenteada, ajeitei os cabelos com os dedos e ele finalmente falou comigo, sua postura era firme, mas não havia raiva em sua voz.

— Sente-se! E vamos logo ao que interessa.

— Tudo bem. Por onde você quer que eu comece?

— Você está de gozação comigo?

— Não, tudo bem. Vou voltar ao que aconteceu naquela noite em que você nos trancou naquele

quarto de hotel.

— Sim.

— Nós... ali...

Eu não sabia como falar que nós havíamos transado pela primeira vez, senti-me envergonhada. Desde aquela noite, nunca mais havia falado em sexo com ninguém, sequer havia tido um namorado. Sempre fui travada para falar sobre sexo, sempre tive muitos sonhos com relação à primeira vez...

— Vocês o quê? Vocês transaram, é isso o que você quer dizer?

— É.

— Isso é lógico, né? Helena está aí para provar.

— Mas ela não é filha dele.

— Ah, não? E quem você acha que vai enganar? Ela nem precisa fazer DNA. Espera, vou te mostrar um segredinho.

Ele se levantou, foi até o console e pegou uma caixa de fotos antigas, me mostrando uma que eu pensei ser de Helena. Ela tinha os traços do pai quando era pequeno. Ele tinha os cabelos lisos como os dela, olhos verdes e cílios espessos, o mesmo desenho da boca carnuda era o dela.

— E agora, Luíza, ainda vai continuar tentando se enganar? Em qualquer lugar que eu visse Helena, saberia que ela é minha sobrinha.

— Não foi isso o que quis dizer. Ela é só minha, Tomás. Guilherme não me queria...

— Minha sobrinha!

— Tudo bem, sua sobrinha. Naquela noite, eu e Guilherme fizemos amor pela primeira vez, e eu pensei que ele finalmente houvesse se rendido aos preconceitos idiotas dele sobre eu ser jovem demais.

— Nisso eu concordo com você. Apenas nisso.

— Então prometi a Guilherme que não iria lhe cobrar nada, tudo o que eu queria era ser dele naquele momento, eu estava tão apaixonada, o amava tanto... Enfim, nós transamos e depois ele disse que iria se casar com Marisa porque ela estava esperando um filho dele e, além disso, tinha câncer.

— O quê? Ele fez isso?

— Eu entendi. Guilherme era muito responsável, eu só queria que ele me amasse, mas seu irmão preferiu Marisa. E, quando me descobri grávida, enlouqueci, eu não sabia o que fazer, não podia jogar mais essa responsabilidade nele. Ele iria se casar com ela, iriam cuidar de um filho juntos e eu não podia forçá-lo a ficar comigo só porque eu era muito jovem e estava esperando um filho dele.

— Mas o filho nem era dele!

— Eu soube disso uns dois anos depois, quando encontrei Sílvia e ela me falou sobre vocês. Além disso, havia sua mãe, ela tinha opiniões tão severas quanto a uma mulher jovem e um homem mais velho terem um relacionamento que isso tudo me assustou. E minha própria mãe também era

contra esse tipo de relacionamento.

— Mas você poderia ter contado para mim.

— Eu não podia. Você não iria guardar segredo.

— Ah, isso eu não iria mesmo, mas eu poderia tê-la ajudado, você ainda era tão menina.

— Eu não era tão menina, Tomás, só na idade. Eu realmente amava Guilherme, mas ele preferiu

Marisa a mim.

— Mas eu poderia ter ficado ao seu lado. Ele tinha o direito de saber, mesmo que você não quisesse vê-lo. Você errou feio, Luíza. Sua mãe e Joaquim também, todos vocês armaram um complô contra nós.

— Não é verdade! Minha mãe não sabe quem é o pai de Helena.

— Como assim? Sua mãe não sabe? E quem ela pensa que é? Papai Noel? O coelhinho da Páscoa?

— Ninguém. Eu não disse. Ela sempre pensou que fosse Rodrigo. Eu sabia que ela iria contar a Sílvia se soubesse que era Guilherme. Eu ameacei ir embora de casa e ela nunca mais iria me ver se me obrigasse a contar. Embora não fosse de sua vontade, mesmo assim ela me ajudou a terminar os estudos em São Paulo, a ter minha filha, a vir para cá. Ela sempre me ajudou em segredo, eu pedi, implorei que ela nunca contasse que eu havia tido um filho, nem para sua melhor amiga, pois eu lhe disse que me sentia envergonhada por isso.

— E se ela contasse para minha mãe, com certeza nós saberíamos. Ou pelo menos ele saberia a verdade.

— Por favor, Tomás, não me julgue mal. Posso ter errado, mas me senti abandonada, eu sei que disse que mesmo que ele não me quisesse mais, eu levaria para a vida inteira aquela noite, eu nunca pensei que fosse engravidar, eu não tinha experiência, fui imprudente...

— Mas ele foi pior do que você no quesito imprudência.

— Não quero pensar nisso, eu não o julgo, não o culpo. Eu só o amei muito. Ele foi o amor de minha vida e agora isso não importa mais.

— Tudo bem, Luíza, digamos que eu te perdoe um pouco, te entenda, pois Helena só tem 8 anos...

— Ela ainda tem sete anos, mas quer ser adulta demais e diz isso.

— Ela deve ter saído à mãe. Afinal, não era você quem vivia dizendo que não era uma menina?

Eu não sei se você estava certa depois dessa burrada que fez.

— Mas eu cuidei sozinha de Helena.

— Porque quis. Eu estava lá para apoiá-la.

— Tudo bem. Você teria me apoiado.

— Eu quero fazer parte da vida da minha sobrinha.

— Tomás...eu... como eu vou...

— Isso eu não quero saber. Quero fazer parte da vida dela e você não poderá me impedir disso.

— Tudo bem, eu encontro uma maneira de contar aos poucos quem você é. Só te peço que, por favor, por Deus, não conte nada a Guilherme.

— Como você ousa me pedir algo assim?

— Dê-me um tempo, por favor. Eu vou arranjar um jeito de contar a verdade a ele.

— Luíza, por favor, conte logo. E prepare-se, eu sou mais molenga do que Guilherme, rapidamente eu perdoo se vejo que isso pode ser sanado, daqui pra frente vou fazer parte da vida de Helena, e o que passou, passou, não adianta ficar remoendo o passado, não volta, não adianta. Se eu posso viver com ela daqui para frente, por que ficar pensando no que eu perdi? Mas Guilherme não é assim. Ele vai enlouquecer quando souber.

— Eu estou preparada, Tomás. Eu aceito a luta.

— Vem cá. Perdoa-me por eu ter dito aquelas coisas estúpidas para você?

— Perdoo, sim. Eu sempre tive uma grande afinidade com você.

— Pena que não foi por mim que você se apaixonou. Estaríamos com Helena, entediados ou brigando pela guarda dela, nos odiando...

— Você não tem jeito.

— Eu não tenho paciência para viver brigando.

— Ah, Tomás, como é bom estar abraçada a você. Faz tempo que não ganho um abraço. Eu precisava disso.

— Só não se apaixone por mim, querida.

— Pode deixar.

— Você não teve mais relacionamentos sérios depois de Guilherme?

— Primeiro: meu relacionamento com Guilherme não foi sério...

— Pode não ter sido duradouro, mas foi sério, ou eu me enganei? Pensei que você tivesse sido apaixonada por ele.

— Ah, vendo por esse ângulo, sim, foi sério. Mas não, eu nunca mais me relacionei com ninguém. Não tenho tempo para isso.

— Você é muito jovem ainda, Luíza, e fala como se fosse uma velha. Do que você tem medo?

— Nada! Não tenho medo de nada. É que, sei lá... acho que ainda não estou preparada para amar novamente.

— A gente nunca está preparado para isso. O amor simplesmente chega à nossa frente como uma aparição, tomando conta de todo o nosso ser e por quem você menos espera.

— Impede você de respirar, de pensar corretamente, você só raciocina com o coração, como se

isso fosse possível. Você não é mais o seu dono. Você não para de pensar na pessoa amada, no objeto de sua obsessão.

— Foi assim com Guilherme?

— Foi. Exatamente assim. E eu não sei como consegui me levantar depois que ele se casou com Marisa. Quando saí daquele quarto, depois de tudo o que ele havia dito, nem sei como consegui chegar em casa, como vivi durante o tempo em que tive que voltar para o estágio e evitar vê-lo por lá. A notícia do casamento dele com Marisa, os comentários da festa, foram os piores dias da minha vida. Saber que alguém que você ama e jurou te amar com a mesma intensidade prendeu-se a outro alguém para o resto da vida. E, quando tudo estava terrível pra mim, piorou com a notícia da minha gravidez. A pior notícia foi o que me trouxe à vida, o que me fez erguer a cabeça e voltar aos meus objetivos. No primeiro momento, me desesperei, chorei, como eu poderia dizer à minha mãe que estava grávida de um homem que conhecia há tão pouco tempo, o filho da amiga dela, que era mais velho do que eu treze anos e, ainda por cima, havia se casado com outra há poucos dias? Depois, a ideia da gravidez foi o que me acalmou. Eu tinha no ventre o fruto de um grande amor, ainda que não estivéssemos mais juntos. Eu não podia pensar que aquela criança seria um empecilho em minha vida. O momento em que ela foi concebida foi especial, foi tudo perfeito. Aborto nunca esteve em meus planos, nunca passou pela minha cabeça fazê-lo. Eu tinha que encontrar uma maneira de conviver com isso e a única saída foi esconder, contar com a compreensão da minha mãe, com sua promessa em não contar de maneira alguma para Sílvia. Foi difícil, Tomás, muito difícil. De maneira que Guilherme não tem o direito de chegar agora e ser o pai herói de Helena. Ele não sabe o que eu passei.

— Você sofreu muito e é tão menina ainda.

— Passou, não quero mais pensar nisso.

Com o tempo, Tomás foi entrando na vida de Helena e ela estava adorando ficar com o tio Tetê, como ela costumava falar. Ele a levava aos parques, às festas, aos museus, ia buscá-la na escola junto com os filhos de Blanca e Oscar, enfim, ele estava sendo um tio maravilhoso. Como prometido, não havia contado sobre Helena a Guilherme. E, segundo ele, respeitando-me mais do que eu a ele e sua família, contou-me sobre a chegada de Guilherme aos EUA, atendendo a seu convite do passado, pois o irmão não tira férias há muito tempo e achou por bem eu mesma contar-lhe a verdade. Eu não tinha coragem, mas ele falou que me ajudaria, proporcionando um encontro entre nós dois. Eu tive que aceitar, não queria mais ver Guilherme na vida, mas a hora havia chegado, tinha que contar a verdade a todos.

Então aceitei o convite para ir à sua casa me encontrar com Guilherme. Eu e Helena nos reunimos a Tomás na portaria de seu prédio, ao meio dia em ponto. No momento em que cheguei, Tomás pegou a garota e a levou para um passeio. Tentei ficar calma, mas me sentia nervosa demais, pois muito

tempo havia se passado e eu não sabia mais como lidar com ele. Subi até o apartamento e toquei a campainha. Ele me atendeu usando apenas a toalha enrolada na cintura. Achei aquilo tão grosseiro, o que ele queria, que eu me impressionasse com sua forma física? Queria que eu admirasse seu corpo esculpido à base de musculação? Ou era pura insegurança, pois sabia que já estava próximo dos quarenta anos e queria se mostrar ainda em forma? Não me impressionei em nada, afinal de contas, isso nunca foi um item de exigência do que um homem deve ter para mim. O que sempre me impressionou foi o intelecto, e isso sim ele tinha. Ele mandou que eu adentrasse o apartamento e nos cumprimentamos com um aperto de mãos. Tocar a mão dele me trouxe ainda mais lembranças. Toda aquela situação estava me levando a assistir ao filme de minha vida. Eu tremia, mas ele se mantinha frio. Sentir o calor de sua mão com aquele simples toque provocou uma reação em mim que eu já conhecia. Naquele momento, nossos corpos se reconheceram, nossos olhos e mentes foram separadas do resto do corpo e, ao seu toque, senti a energia atraindo-me até ele, mas, felizmente, pude me conter. Em seguida, fechou a porta e foi se servir de um copo de uísque, oferecendo-me um, mesmo sabendo que eu não bebia álcool.

— Então Tomás a encontrou aqui? Esse mundo é pequeno mesmo. Onde você está hospedada?

— Eu... estou... eu moro aqui. Na verdade, nos encontramos há pouco mais de dois meses, quando ele foi contratado para trabalhar no mesmo canal de televisão que eu.

— Não diga!

— Ele não disse?

— Não. Por que iria dizer? Não tem importância alguma.

— Não tem. Você não mudou muito.

— Nem mais gordo nem mais magro?

— Não.

— Você amadureceu. Continua linda.

— Obrigada. – Eu tive vontade de dizer que ele estava belíssimo e correr para os braços dele. Ele continuava muito atraente e eu tinha que me controlar. O modo como ele falou, mudando de imediato seu olhar carinhoso e educado de antes...

— Espero que você seja rápida, pois vim aos EUA para resolver alguns negócios, mas me parece que Tomás pensa que eu estou para diversão.

— Mas você não está em férias?

— Não perco meu tempo com esses detalhes.

— Detalhes?

— Mas o que você quer? Ele disse que você precisa falar comigo com certa urgência. Não sei o que poderia ser tão urgente se há oito anos você sumiu.

— Na verdade, é uma conversa bastante difícil... eu tenho que falar algo que é realmente de suma importância em minha vida, aliás, em nossas vidas. A minha e a sua.

— Nossas vidas? Quanto mistério! Mas antes que você fale alguma coisa, saiba que não gosto de apenas ser conveniente para as pessoas, adianto que se for algo relativo ao seu trabalho, se quiser algo para facilitar sua volta ao Brasil, valendo-se de minha condição de diretor presidente do jornal afiliado à mesma rede de TV onde você trabalha, não sou adepto a favores, ainda mais quando desnecessários. Sou adepto da competência e merecimento. E não sei como avaliar sua capacidade uma vez que você desapareceu da face da terra há anos.

— Vejo que os anos só lapidaram com perfeição sua peculiar grosseria. É seu novo eu? Eu não quero saber se você é diretor presidente de jornal algum, não me interessa. Seu sucesso profissional não me anima em nada. O que temos para falar não chega nem perto disso.

— Você tem razão, eu me excedi. Desculpe-me. Mas o que você tem de tão importante para me falar?

— Você poderia, por favor, ir vestir uma roupa?

— Está se sentindo atraída?

— Engraçado você. Agora é convencido e vaidoso também? Não me impressiono com o seu físico. Isso é próprio de homens inseguros que tendem a mostrar uma virilidade esculpindo o corpo perfeito quando se aproximam de certa idade. Por favor, vá vestir-se, eu o aguardo ansiosa, você não faz ideia.

— Lapidou a atitude mordaz? Minha cara, não fiz isso para impressioná-la, porém confesso que é bom saber que você está se sentindo atraída. Volto já.

Ele havia mudado muito, estava arrogante, pretensioso e mais cínico. Como pude um dia ser apaixonada por esse homem? Nisso ele tinha razão, hoje eu não estaria mais apaixonada por ele se estivéssemos juntos. Mas o que estou dizendo? Sei muito bem que ele mexe comigo. Ao retornar, vestia uma calça jeans e uma camisa verde combinando com aqueles olhos cor de mar. Sentia-me atraída por ele como estava vestido agora assim como me sentira antes, quando mostrava todo o contorno de seus músculos, seu peito, os braços bem delineados, sua barriga bastante definida. Servindo-se de mais um copo de uísque, insistiu para que eu tomasse algo.

— Eu gostaria que você saísse desse personagem que criou, dessa frieza, essa sua arrogância só me faz perder a vontade de falar e continuar minha vida como eu estava seguindo antes de você aparecer.

— Minha querida, muito mais do que você, eu gostaria que nossos caminhos nunca tivessem cruzado, nem antes nem agora.

— Por que toda essa arrogância comigo? Que eu lembre, não fui eu quem jurou te amar e ainda

assim casou com outra pessoa.

— Tem certeza?

— Absoluta. Você foi correto comigo?

— Sim. Eu nunca fui um irresponsável, mas se você não compreendeu, quem sou eu para enfiar isso em sua cabeça.

— Suponhamos que eu aceite que os erros cometidos no passado são de minha inteira responsabilidade. Então, o que você queria que eu fizesse depois de você ter dito que iria se casar com uma mulher que estava esperando um filho seu, logo após me levar para a cama? Você, por acaso, queria que eu me tornasse sua amante? Eu deveria ficar ao seu lado idolatrando-o, pois tive o privilégio de um dia você ter cruzado o meu caminho?

— Você nunca entendeu, não é? Eu te amava, Luíza.

— Mas me descartou, lembra? Eu era apenas uma criança, menina, tinha muito que viver. Não era isso o que você dizia sempre?

— Você sempre foi mimada e insensível mesmo.

— Mimada e insensível. É isso o que você pensa que eu sou?

— Ela precisava de mim. Eu não podia abandoná-la.

— Eu também precisava de você.

— Luíza, não adianta a gente ficar aqui se ofendendo...

— Eu sei.

— Nós podemos conversar como adultos. Recomeçar...

— Recomeçar? Como?

— Ser amigos, talvez. O que passou, passou, o tempo não volta mais.

Eu começava a perder a coragem.

— Mas, diga-me, se não foi o seu trabalho que a trouxe aqui, o que foi?

Respirei fundo e comecei. Eu não era capaz de conceber uma forma diferente de dizer o que precisava, então fui direto ao assunto:

— Quero que você saiba que não fiz o que fiz para magoar você ou me vingar... eu me vi completamente sozinha. Não podia contar a ninguém... Na verdade, não tinha com quem contar.

— Fala de uma vez, Luíza.

— Eu fiquei grávida.

— Grávida, Luíza? Um filho... meu Deus... um filho meu.

— Sim.

— E o que aconteceu com a criança? Você perdeu nosso filho? O que você fez com ele, Luíza? Não me diga que você o deu para adoção ou abortou? Eu a mato se você fez isso.

— Ela nasceu e hoje tem 7 anos. Chama-se Helena.

O olhar dele era de confusão, ódio, incredulidade... Ele levantou-se, andava de um lado para o outro, mãos nervosas no cabelo. Por uns dois minutos que mais pareciam uma eternidade, assim se comportou Guilherme, em seguida, disparando insultos:

— O que você acabou de me dizer, sua insana?

— Não sou mais uma menininha. Guilherme. Ou você me trata como adulta, sem ofensas, ou não respondo mais nada.

— Eu não quero saber se você está querendo se mostrar adulta ou não, mas se pensa que chegar para mim agora e jogar a bomba na minha cara de que tenho uma filha de sete anos, que nunca soube existir e quer que eu compreenda como se fosse um idiota, está muito enganada.

— Eu não quero que você aja como um idiota.

— Você é pior do que eu pensava. Isso é algum tipo de humor negro que você adquiriu? Isso é muito sórdido de sua parte, Luíza.

— Bem, se você insiste em continuar me ofendendo, não me resta mais nada a não ser ir embora.

— Não se atreva a sair daqui. Quero que conte tudo, agora!

— Eu vou resumir: transamos, engravidei, você casou com outra, eu me mudei para outro estado, minha filha nasceu, cresceu, cuidei dela sozinha com a ajuda da minha mãe. Arranjei um emprego no Brasil, fui transferida para cá há pouco mais de dois anos, tornei-me editora da emissora para a qual trabalho, reencontrei Tomás, ele descobriu tudo e me obrigou a contar a você. Por mim, você morreria sem saber, não é da sua conta a existência de minha filha.

— Se isso o que você está me dizendo for mesmo verdade, só posso crer que você sempre foi mais do que uma idiota mimada e cruel. Quando as coisas não saem como você quer, você se vinga das pessoas da maneira mais vil que puder existir.

— É verdade sim, e eu não sou a vilã aqui. Quem foi que me deixou no passado para se casar com a mulher de quem foi amante por tanto tempo? Não fui eu. Nunca fui mimada, sempre consegui o que quis porque tive objetivos e lutei para alcançar todos os meus sonhos. Helena não estava em meus planos à época, mas nem por isso deixei de viver ou lutar pelo que queria. Foi apenas mais difícil. E quanto a você, o que esperava de mim? Que eu continuasse apaixonada por você, mesmo depois do que me fez?

— Eu não te prometi nada!

— Eu sei disso. E por que, então, eu teria que ser fiel a você?

— Eu tinha o direito de saber.

— Você perdeu esse direito no momento em que decidiu se casar com aquela mulher.

— Você não tem coração, Luíza.

— E você tem um coração enorme, não é mesmo?

— Pelo menos eu não sou um egoísta como você.

— De jeito nenhum! Você é muito altruísta, um *gentleman*, um amor de pessoa.

— Eu quero minha filha! Quero vê-la... agora!

— Ela é minha filha! Você foi apenas o doador de sêmen.

— Sua cretina! Como você é mesquinha, Luíza! Eu não te reconheço mais, você não é mais aquela menina que conheci: carinhosa, encantadora, cheia de sonhos. Agora você não passa de uma vagabunda mesquinha!

Ao ouvir aquela ofensa, por reflexo, levantei a mão e levei ao seu rosto com toda a força que possuía; ele não esperava minha reação e em seus olhos vi uma fera, o verde transformara-se em brasa, mas eu me preparei para ele revidar, ao invés disso, ele me puxou de encontro ao seu corpo e, segurando com força minhas mãos atrás do meu corpo, falava por entre os dentes, palavras árdias sobre mim, ameaçando-me. Temi por minha vida naquele momento, não sabia o que esperar daquele homem que se encontrava enfurecido diante de mim.

— Você está pensando que eu sou um leviano como você?

— Solte-me!

— Você está pensando que eu não sou capaz de revidar? O que você merece é uma surra, pois você nunca levou uma para aprender a respeitar as pessoas, a ter consideração com elas. Se eu tenho mesmo uma filha com você, sugiro que contrate o melhor advogado do mundo, pois eu vou tirá-la de você, sua irresponsável, insensível, sem coração.

— Eu não vou deixar! Helena é minha filha, só minha. Você não vai sequer chegar perto dela, está me entendendo?

— Você não compreendeu, Luíza, eu vou tirá-la de você, custe o que custar.

Eu tentava me desvencilhar de seu corpo e não conseguia, ele tinha uma força sobre-humana, e quanto mais eu me debatia, mais ele me apertava os pulsos, e assim ele me empurrou para o sofá e jogou todo o peso de seu corpo sobre o meu. Fiquei totalmente indefesa com Guilherme em cima de mim. E, num ato de ferocidade, ele me beijou, sua barba por fazer arranhava meus lábios, eu sentia um misto de raiva e desejo, mas não era desejo por ele, era desejo de ser beijada, tocada. E, por um momento, cedi e como foi bom. Beijá-lo foi como se eu estivesse entrando numa dimensão paralela. Foi como se eu estivesse tendo algum tipo de alucinação, o estímulo que senti talvez se assemelhasse ao que sente um ex-usuário de drogas que se manteve limpo por oito anos e retornou ao vício. Mas eu não queria o vício dessa droga. Não queria o vício *Guilherme*. Esse vício me machucou, dilacerou meu coração, minha alma, quase me fez morrer. Eu disse não a mim mesma, restava dizer a ele.

Em minha defesa, mordi seus lábios e assim ele soltou uma das mãos, levando à boca e percebendo que havia saído sangue. Ainda presa ao seu corpo, Guilherme me ameaçou novamente:

— O que foi, não está gostando mais de meus beijos, é? Agora que você está transando com qualquer um, conseguiu fazer suas comparações? Você é mesmo uma vadiazinha, Luíza. Você é má! É perigosa e cruel! Eu vou tirá-la de você! Você não faz ideia do que sou capaz de fazer por haver negado meu direito de pai todos esses anos.

— Eu não vou permitir isso.

— Eu não quero saber se você vai permitir ou não. Vou acabar com você, sua prepotentezinha cruel e mimada.

— Me larga, Guilherme! Me deixa em paz, eu não precisei de você todos esses anos, minha filha não precisa de você, nós te odiamos.

— Se você tiver dito a ela que eu a abandonei todos esses anos, eu mato você!

— Eu não me importo com o que você pensa. Agora sai de cima de mim, eu tenho nojo de você. E quer saber? Todos os homens que eu tive sempre foram muito melhores do que você, mais jovens, mais bonitos, inteligentes, carinhosos; e você nada mais é do que um grosso. Não senti prazer algum com você. E era verdade, eu só queria perder a virgindade com você para comparar com os outros e, sinceramente, sua nota não o aprovou.

— Você não passa de uma vagabunda vulgar metida a jornalista. E eu que pensei que um dia estivesse apaixonado por você. Como fui idiota!

— É isso mesmo. Eu sou uma vadia, uma vagabunda! E quer saber? Você tinha razão. Eu não ia ficar mesmo muito tempo apaixonada por você. Eu nunca te amei. Depois que eu saí daquele quarto, arrependi-me de tudo o que fiz para transar com você. No mesmo instante, eu deixei de sentir o que pensava que sentia por você e passei a sentir outra coisa. Eu tive nojo de você, do seu toque, do seu cheiro. Você não é homem suficiente pra mim.

— Ah, não? E qual o seu preço? É isso o que você quer, não é mesmo? Dinheiro. Eu pago, se bem que você não deve valer muito ou quase nada.

— Você não pode me pagar, querido, pois não tem dinheiro suficiente, e, ainda que tivesse, eu jamais aceitaria, você é velho e patético. Agora sai de cima de mim, você é terrível.

— Me aguarde, Luíza, eu vou sem piedade pra cima de você. Suma da minha frente! Eu só quero minha filha, e se você continuar me negando o direito de vê-la, irá se arrepender.

— Você não presta, Guilherme!

— Veremos, minha cara! Agora vá embora daqui! Vá embora antes que eu cometa uma insensatez.

Ele gritava comigo, estava transtornado. Meu Deus! O que vai ser de mim agora? Ele não pode tomar minha filha. Ele não tem esse direito. Saí do apartamento de Tomás correndo, desci os quinze andares pelas escadas chorando como uma louca. Chamei um táxi e, no caminho, telefonei para Tomás e pedi para que levasse Helena para casa naquele momento. Ele ficou muito preocupado com

minha voz e meu choro, principalmente quando contei o que Guilherme havia me dito. Ele chegou à minha casa pouco tempo depois, e, para evitar que Helena ouvisse o que eu tinha para falar a Tomás, Irene, que havia ido com eles, ficou com ela em seu apartamento. Narrei o que havia ocorrido com Guilherme e Tomás ficou admirado com tamanho descontrole do irmão.

— Não sabia que ele iria reagir assim. Não pensei que ele pudesse ser tão agressivo, mas mesmo assim eu o entendo. Luíza, depois de tudo o que ele passou, é um golpe enorme saber que tem uma filha há quase oito anos sem que houvesse feito a menor ideia de que ela existia. É como se ele tivesse perdido oito anos da vida dele ou que tivesse entrado em coma. Entenda-o, por favor.

— Ele não tinha o direito de me dizer todas aquelas coisas. Ele não me quis, Tomás. O que Guilherme queria que eu fizesse, que ficasse esperando por ele a vida inteira? Eu tinha que seguir com minha vida, agora não estava mais sozinha, eu tinha um ser humano dentro de mim. Foi ele quem não me quis, por causa daqueles preconceitos ridículos dele.

— Eu sei, querida. Sei que ambos erraram. Acho que aquela ideia dele de se casar com Marisa foi a pior coisa que fez na vida. Ela era independente, tinha família para cuidar, Guilherme não acreditava que eles iriam abandoná-la mesmo doente como ela estava, mas ela foi mesmo abandonada. Ela não tinha mais os pais vivos. Guilherme quis ser mártir, e veja o que aconteceu. Mamãe e eu nunca entendemos, tampouco aceitamos o que ele fez. Eu sabia que meu irmão era louco por você, ele me dizia isso, de modo que, quando a conheci, já sabia de toda a história. Mas ele foi teimoso, responsável até demais. Ele dizia que Marisa não iria aguentar mais tanto sofrimento, lhe restava tão pouco tempo, ela merecia ser feliz pelo menos um pouco.

— Eu não acredito que ele não a amava. Para que alguém se case assim com outro, penso que é para sempre. Ele não me amava, Tomás.

— Ele se sentia responsável por ela.

— Mas que diabos de responsabilidade é essa? O que tanto ele sofreu antes que me pediam para eu ter cuidado para não magoá-lo?

— Ele se envolveu com Marisa ainda muito jovem. Não era amor ou uma paixão... Eu acho que ele se sentia mais homem perto dela. Ela tinha um casamento terrível com um marido dominador e violento. Ela havia saído do casamento muito abalada e acho que Guilherme, na verdade, foi seu salvador. Ele nasceu assim, responsável demais. Marcos, seu ex-marido, também atentou contra sua vida, não houve provas, mas todos sabem das ameaças que ele sofreu. Apesar da violência toda que ela sofria com o marido, sua família, irmãs, tios, não aceitaram sua separação, pois perderiam as benesses financeiras que Marcos provia. Eles não se importavam com Marisa, só com o dinheiro de Marcos, o quão bom era para eles. Diziam que marido e mulher brigavam assim mesmo, era normal. E depois de toda a tempestade, mais furacões à vista. Ela descobriu estar doente. Leucemia em pessoas de certa idade é muito complicado. Como ele sempre foi muito responsável, achava que

precisaria tomar as rédeas de tudo. Ela fez todos os tratamentos, ficou curada por um tempo, mas quis romper. Disse que ele precisava viver sua própria vida. Acho que foi isso que Guilherme fez com você. Ele sabia que não voltaria mais para Marisa, pois não a amava. E então ele te conheceu e, quando ela pressentiu que o estava perdendo, voltou atrás e fez chantagens sobre não saber viver sem ele, essas coisas. Ele então abdicou de você pelo bem dela, ele não iria conviver com a culpa se a abandonasse também e ela morresse. Ele só não sabia que o filho que Marisa esperava não era dele. Acho que se ela não tivesse morrido, meu irmão seria o mais infeliz dos homens hoje. Já pensou? Ela viva ainda e você com uma filha dele? E depois ele se tornou essa pedra de gelo que hoje você encontrou.

— Eu não tenho culpa de nada disso!

— Eu sei, Luíza. Ele não deveria ter sido tão idiota com você hoje, muito menos naquela época.

— Quando ele desistiu de mim, desistiu de nossa filha.

— Mas ele não sabia que você estava grávida! Se soubesse, teria ficado com você.

— Mas não era isso o que eu queria. Eu queria que ele tivesse me escolhido.

— Luíza, ele foi um tolo altruísta, só isso.

— Ele não foi altruísta, Tomás. Ele fez eu me apaixonar, acreditar que seu amor era de verdade.

Eu não o perdoo por hoje e nem há oito anos.

— E como vai ficar essa situação entre vocês dois? Pense em Helena. Você deve permitir que ele conheça e se aproxime da filha.

— Eu nunca falei mal dele para ela. Helena não tem problema algum a respeito de alienação parental, se é o que você está pensando. Mas eu vou lutar com unhas e dentes contra ele. Guilherme não vai mais me fazer sofrer, Tomás. Ele não vai fazer isso comigo novamente.

— Eu sei disso. Você não deixa de ter um pouco de razão também. Ela me disse que você contou histórias lindas sobre ele e que um dia estarão juntos. Isso foi nobre de sua parte, mas agora é chegada a hora de ambos se conhecerem, se amarem como pai e filha.

— Eu o odeio tanto, Tomás! Do fundo do meu coração, eu odeio Guilherme!

— Será mesmo?

— Pode acreditar em mim.

— Tá bom. Agora, por favor, enxuga essas lágrimas e vamos buscar Helena na casa daquela linda vizinha que você tem. Mas não vou poder ficar, afinal de contas, o terror me espera em casa. Eu tenho que conversar com Guito.

— Está bem. Obrigada, Tomás, você é um amigo e tanto. Você é uma pessoa linda, iluminada, que traz muita alegria à vida de muita gente.

— O que é isso, Luíza? Assim eu fico todo convencido.

— Disso eu não tenho a menor dúvida!

E quando Helena e eu chegamos em casa, ela foi logo contando as novidades acerca do passeio que fez com Tomás. A garota estava encantada com Tetê, como ela o chamava. E eu me sentia uma traidora com minha filha pela primeira vez na vida.

Capítulo 7

Eram cinco horas da manhã, não consegui dormir ou ficar na cama, levantei-me com uma dor de cabeça terrível, tomei um remédio e fui cuidar de algumas coisas dentro de casa.

Às seis horas, Guilherme estava à minha porta, totalmente despenteado, usando a mesma roupa do dia anterior, tinha o olhar cansado, parecia que não havia dormido a noite inteira. Preferi não dizer nada, apenas deixá-lo entrar. Eu não sentia medo dele naquele momento, pois ele não iria gritar comigo com a possibilidade de Helena escutar. Não acho que seria saudável para ela descobrir o pai daquela maneira. Ele entrou e sentou-se no sofá, esfregando as mãos no rosto como num gesto para acordar ou manter-se acordado. Ficamos em silêncio por longos e infinitos trinta segundos, até ele falar primeiro.

— Tomás me deu seu endereço. Eu não dormi a noite inteira... eu... quero conhecer minha filha.

— Eu sei, mas não acho que seja o momento adequado.

— Não me interessa o que você pensa. Oito anos se passaram. Quando será o momento adequado para você, em meu leito de morte?

— Você está em minha casa e creio que não vai querer que ela escute toda a discussão se você continuar intransigente e começar a gritar.

— Tudo bem, eu baixo a voz, mas quando vai ser a hora? À tarde? Quando ela acordar?

— Não seja insensato, ela precisa de uma conversa antes, não pode ser assim de supetão. Dê-me um prazo.

— Amanhã!

— Não tem graça, Guilherme!

— Uma semana, então. Se você não contar a ela que eu sou seu pai, juro que a sequestro e você nunca mais a verá, está me entendendo?

— Uma semana.

— Eu juro, Luíza, se você tentar alguma gracinha, irá se arrepender para o resto da vida. Minha única vontade no momento mais do que conhecer minha filha é de te ferir, mas não te ferir fisicamente, te ferir na alma, no íntimo, quero fazer com você o mesmo que você fez comigo, na verdade, quero fazer pior.

— Isso você já me disse antes.

— Por quê?

— Por que, o que?

— Por que você fez isso comigo, Luíza? Em sua cabeça, sou tão ruim assim? Eu fui tão mau com

você que mereci esse castigo cruel?

— Você me magoou muito, Guilherme, mas não fiz por vingança. Eu me senti perdida...

— E você dizia ser adulta, madura o suficiente.

— Isso não tem nada a ver com maturidade, mas sim com escolhas. Por favor, vá embora, eu não quero que ela acorde de repente e veja você nesse estado. Ela nem sabe quem você é e ver você assim pela primeira vez a assustaria.

— Eu vou Luíza, mas não é para sempre. Você não perde por esperar. Você vai me pagar por esses sete anos que me roubou do convívio com minha filha.

— Não me ameace, Guilherme. Não sou mais a bobinha apaixonada que você conheceu anos atrás.

Ele se foi sem dizer mais nada. Realmente estava disposto a me ferir de qualquer maneira. Ele tinha o direito de conhecer a filha, mas, sinceramente, acho que ele não iria tentar nada mais sério como tirá-la de mim. Tomás me contou sobre a briga que teve com ele, mas no fundo, o irmão o compreendeu e perdoou, uma vez que ele também não sabia, e entendeu que a obrigação de contar deveria ser minha.

A pior parte agora seria começar a contar para Helena sobre seu pai. Como iria dizer a ela que Tetê era realmente seu tio, que era irmão de seu pai? Que confusão eu fiz! Mais tarde, quando Helena acordou, eu havia preparado o café da manhã e em conversa fui introduzindo Tomás, fazendo-a perceber como era boa a figura paterna na vida dela, apesar de Tetê ser apenas o tio que ela tanto gostava e se divertia. Perguntei-lhe sobre ele ser seu tio de verdade, sobre a necessidade que ela ainda tinha de conhecer o pai que tanto queria antes. Ela disse estar muito feliz e queria que o pai fosse igualmente divertido. Indaguei também sobre a possibilidade de conhecer o pai.

— Mas você disse que ainda é cedo para eu conhecer meu pai.

— Eu sei, amor. Mas, e se eu estivesse errada e visse que você tem que conhecer seu papai, o que você me diria, então?

— E se ele não gostar de mim como Tetê gosta? E se ele for malvado?

— Não, meu amor. Ele irá amar você até mais do que Tetê. E ele também não é malvado. Ele é bom! Você quer saber como é seu pai?

— Por que isso agora?

— Percebi que estive pensando de maneira errada por muito tempo e vi que chegou a hora de você conhecer seu pai, ele vai adorar você. E quando ele vir esses olhinhos verdes iguais aos dele, vai se apaixonar de imediato por você, pela filhinha adorada dele.

— Será? E se eu não gostar do meu pai?

— Você irá gostar, meu amor.

— E quando eu vou conhecê-lo? Nas férias? Ele está no Brasil? Nós iremos voltar?

— Ele está aqui nos EUA.

— Uau! Onde ele está?

— Na casa de Tetê.

— Ele está na casa de Tetê porque são amigos?

— São amigos sim, e mais do que isso. Eles são irmãos.

— Irmãos? Quer dizer que Tetê é meu tio de verdade?

— É sim, meu amor.

— Que legal!

— Você não fica chateada comigo por não haver contado antes? Eu fiquei com medo de que você não gostasse dele.

— Tá brincando? Eu adoro Tetê!

— Oh, minha linda! Sabe que eu amo você, não é?

— Claro que sei! Ninguém resiste ao meu charme!

Foi mais fácil do que pensei. Helena adorou a ideia de conhecer o pai, principalmente por saber que Tomás era seu tio de verdade. Só me restava contatar Guilherme para marcar o encontro de ambos.

Mantive minha promessa e, dias depois, a levei a um parque público onde primeiro ela encontrou Tomás e muito animadamente brincaram na grama até Guilherme aparecer discretamente e nos cumprimentar como conhecidos. Ela não percebeu nada nele, já os olhos dele se encheram de lágrimas ao vê-la pela primeira vez, eu até senti um carinho misturado com pena por ele naquele momento, senti que ele havia se transformado em alguém mais sensível por um instante. Foi a primeira vez que vi o seu semblante feliz, sem aquela raiva nos olhos que ele me transmitiu das últimas vezes em que nos vimos. Então Guilherme nos convidou para tomar um sorvete. Eu e Tomás declinamos, claro.

— E aí, Helena, você quer tomar um sorvete? Estou com muita vontade de tomar um sorvete delicioso, você não?

— Sim, eu estou, mas não sei se minha mãe vai permitir que eu vá com você, ela diz que não posso aceitar convites ou doces de desconhecidos.

— Sua mãe tem razão, mas eu não sou um desconhecido.

— Posso ir, mamãe?

— Claro, meu amor, mas não exagere.

E eles se dirigiram à sorveteria enquanto eu e Tomás ficamos sentados no gramado, esperando.

— Então vamos! Podemos tomar todos os sorvetes que quisermos.

— Minha mãe sempre disse para eu não exagerar, posso ficar gripada e isso não é bom.

— Ela tem razão. Mas hoje é especial, vamos comemorar porque nos conhecemos.

— E o que tem de especial nisso?

— É um dia especial, pois eu nunca havia encontrado uma garotinha tão linda e inteligente como você;

— Eu não sou inteligente.

— O que foi? Será que eu vi uma tristeza em você?

— Não é isso, é que minha mãe disse que eu iria conhecer meu pai e, ao invés disso, ela me apresenta mais um amigo, outro tio. Às vezes, acho que ela quer me apresentar um namorado novo e não meu pai.

— Mas sua mãe já lhe apresentou muitos namorados?

— Namorados, não. Minha mãe não namora. Ela só tem amigos. Você é o namorado da minha mãe? Eu não queria conhecer nenhum, eu queria conhecer meu pai.

— Não. Eu não sou namorado da sua mãe. Você quer muito conhecer seu pai?

— Quero sim.

— Por quê?

— Ué, não é isso que toda criança quer? Eu também quero conhecer o meu e ficar com ele.

— E como você imagina seu pai?

— Sei lá. Minha mãe diz que eu tenho os olhos dele. Ela diz que são verdes, acho que são bonitos assim, iguais aos seus.

— Você acha meus olhos bonitos?

— Acho sim. Ela diz que eu tenho os cílios dele também. Você também tem cílios espessos como ela diz que são os meus.

— Você é uma menina muito esperta, Helena!

— De que adianta ser tão esperta se meu pai não quer me conhecer?

— Ele quer sim, mas talvez ele tenha medo...

— Medo de mim? Eu não sou um bicho para morder ele.

— Não é isso, minha querida. Talvez ele tenha medo de que você não goste dele.

— Mas eu vou gostar dele, a não ser que ele seja malvado e queira bater em mim, em minha mãe ou em minha vovozinha.

— Mas você não sabe disso, não sabe se vai gostar dele. E eu acho que ele não é malvado.

— Eu sei que vou gostar dele. Sinto isso. Gostei logo de Tetê e veja só, ele é meu tio de verdade.

— E se seu pai surgir aqui na sua frente?

— Eu ia abraçar ele, mas acho que ele não vai aparecer.

— Ele ama você demais, Helena. E se eu disser que sou irmão do seu tio Tetê?

— Não é tio Tetê, é Tetê!

— E se eu disser que sou irmão de Tetê e que estou morrendo de medo de dizer que sou seu pai, temendo que você não goste de mim?

— Você é meu pai?

— Sim. Vem cá, minha princesa! Eu te amo tanto!

— Você é meu pai mesmo?

— Sim! Eu sou Guilherme, irmão de Tetê...

— Você é meu pai!

A reação de Helena foi chorar muito. Ela não se controlava e chorava copiosamente, emocionada. Tive que interceder para que ela não se abalasse tanto. Tomás e eu a consolamos junto a Guilherme, que não sabia o que fazer, pois também estava muito emocionado com a reação da filha.

— Meu amor, calma! Não era tudo o que você queria? É seu pai, meu amor. Ele está aqui com você. Por que você está chorando, querida?

— Porque eu não quero perdê-lo. Quero que ele fique comigo. Eu preciso dele, mãezinha.

— Calma, meu amor!

— Fique tranquila, anjinho, você não acredita em sua mãe e em Tetê?

— Acredito.

— Então. Papai vai ficar com você.

— Eu amo você, filha. Não vou te abandonar. Vou ficar com você para o resto da minha vida.

— Também te amo, papai. Eu sempre te amei, mesmo sem te conhecer. Por favor, não me abandona mais.

— Eu nunca te abandonei, meu amor. E nunca irei te abandonar. Iremos ficar juntos para sempre.

Aquele encontro foi realmente emocionante. Ele foi às lágrimas, parecia uma criança. Eu também me emocionei com ele. Foi como se ele estivesse testemunhando o nascimento de Helena. Percebi que foi quase a mesma emoção que senti quando a vi pela primeira vez, quando o médico a tirou de dentro de mim e me mostrou, dizendo que era uma mulher. “*É uma mulher. Abençoada seja.*”

Guilherme e Helena se davam melhor a cada dia que passava. Aparentemente, estávamos numa trégua, não brigávamos mais, mas também não conversávamos. Ele a buscava na escola todos os dias e nos dois fins de semana durante o tempo em que ficou nos EUA. Todos os dias ela estava com o pai, ele a mimou três vezes mais, em menos tempo que a conhecia, do que eu em sete anos de sua existência. Ele era muito carinhoso com ela. Sempre me tratava bem na frente de Helena, mas, quando estávamos sozinhos, e isso aconteceu poucas vezes — pois eu sempre evitava ficar nesse tipo de situação — ele não falava ou, quando falava, era sempre áspero ou me lançava olhares ameaçadores.

Ele já sabia da existência da filha, já tinha contato com ela e eu não entendia porque tanta revolta. Eu o ignorava por completo. Ela sabia que ele teria que voltar ao Brasil e ficou muito triste, mas as promessas que ele lhe fez foram as melhores possíveis e as mais assustadoras também. Guilherme disse à Helena que ficariam juntos muito mais tempo do que ela imaginava e muito em breve. Tudo bem que minha família estava no Brasil, mas eu não queria me prender a isso, eu amava meu país, mas trabalhar e viver lá estava definitivamente fora dos meus planos, pelo menos agora.

Continuamos nossa vida normalmente nos EUA, trabalhando, Tomás sempre me ajudando, sendo meu amigo. Ele era alguém realmente especial. Nunca guardava mágoas, vivia sempre de bem com a vida, alegre, todos gostavam dele onde trabalhávamos. O ambiente de trabalho era muito bom, quando discordávamos, explodíamos, mas, ao término do dia, voltávamos sempre às boas, nossa relação de trabalho não influenciava negativamente em nossa amizade.

Todos os dias, durante um mês, Guilherme falava com Helena pelo *Skype*. Eu apenas observava como minha filha ficava feliz após conversar com o pai. Conhecê-lo realmente fez muito bem a ela. Foi a melhor hora de apresentá-lo. Acho que, se não houvesse acontecido agora, eu teria graves problemas futuros.

Acredito que os deuses não estavam mais ao meu lado. Ao chegar ao trabalho naquela manhã, fui informada por Ellen, minha secretária, que o diretor geral, Érico Bragantino, gostaria de reunir-se a mim. Em sua sala, fui notificada de minha transferência para o Brasil. De imediato, suspeitei de que Guilherme poderia estar por trás disso, uma vez que o jornal que ele presidia era afiliado do canal. No ato também tomei ciência que figurava como ré numa ação de guarda de menor, e ali acusei o recebimento de uma carta rogatória.

Eu teria de voltar sob pena de estar fora dos quadros da empresa, já que quem movia uma ação era nada mais nada menos do que o diretor presidente do jornal afiliado ao canal em que eu trabalhava. Nunca pensei que ele pudesse ser tão baixo. Usar do privilégio de ser o presidente do jornal para se beneficiar com minha transferência de volta ao Brasil. Ou seja, ocupar o cargo no Brasil ou o desligamento do quadro de funcionários.

Saí da sala de Érico quase enfartando, todo o meu corpo tremia de ódio por Guilherme. Naquele momento eu só queria lhe dizer uns bons desaforos. Por sete anos eu vivi muito bem só com minha filha, trabalhei e fui mãe, uma excelente mãe para Helena, e ele vem agora, conhece a filha há apenas dois meses e quer ser o dono dela, como se eu não fosse competente para continuar cuidando dela. Como se eu tivesse cuidado dela só porque não tinha outra opção, mas que agora que ele estava assumindo a função, seria o mais apropriado, o mais competente. Eu o odiei. Odiei cada momento que o amei, com a mesma intensidade. Odiei tudo nele, seus olhos, seus beijos, seu sorriso, seu corpo, odiei tudo o que me fazia lembrar que um dia o amei. Ao encontrar Tomás, desabafei.

— Você ficou sabendo o que seu irmão maravilhoso aprontou para mim, Tomás? Ah, como eu odeio aquele desgraçado!

— Eu não tinha conhecimento sobre o assunto, Luíza. Ele me falou há poucos minutos; ligou pra cá informando exatamente isso que você está falando. Acalme-se!

— Como eu posso ficar calma, Tomás? Ele quer roubar Helena de mim. E você sabe o que ele fez? Valeu-se de que é o presidente do jornal afiliado ao nosso canal de TV e exigiu minha volta sob pena de eu perder o emprego. Por que ele se acha no direito de fazer isso comigo? Quem ele pensa que é? Odeio aquele homem! Odeio! Eu estava bem e sozinha com minha filha, ele só veio me destruir novamente. E agora, Tomás?

— Calma, meu bem! Quando você vai ter que voltar?

— Eu já estou perdendo tempo. A audiência é em 45 dias a partir de hoje. Eu sequer tenho um advogado. E apenas duas semanas para assumir o posto lá. Eu mal tenho tempo de arrumar minhas coisas, tenho que voltar o mais rápido possível, como vou encontrar um lugar para morar, uma escola para Helena em plena metade de ano letivo?

— Isso é o de menos. Sua mãe com certeza indicará o melhor advogado, depois do de Guilherme, claro, pois eu tenho certeza que ele deve estar pagando o melhor, fazendo tudo o que puder para ganhar essa briga. E quanto a Helena, com certeza eu conheço meu irmão e ele já deve ter providenciado a melhor escola para ela.

— Ele não pode fazer isso, Tomás.

— Calma, minha querida. Tenha calma, por Helena. Você é uma excelente mãe, nenhum juiz vai te tirar esse direito. Mas ele também é pai.

— Eu tenho medo... desde o dia em que te reencontrei, senti que minha vida iria mudar, eu sabia disso.

— Vai dar tudo certo, Luíza.

— Eu não vou conseguir trabalhar. Vou embora. Você cuida de tudo por mim?

— Claro!

O cretino do Guilherme havia pensado em tudo, inclusive nas passagens, pois, quando eu já estava de saída para casa, Ellen me entregou as passagens de avião, minha e de Helena. E aquele bastardo ainda queria que eu levasse logo minha filha, como se já tivesse certeza de que eu iria perder a ação. Eu precisava manter a calma, caso contrário perderia a briga, não posso me alterar, tenho que me manter fria para ordenar meus pensamentos e ajudar o advogado na defesa. Eu vou mostrar a você Guilherme, que não deve brincar comigo, também posso ser bem ardilosa.

Em casa, após sua chegada da escola, contei a “novidade” à Helena, que adorou a possibilidade de ir encontrar novamente o pai e rever a querida avó Marina. Pobrezinha, ela não tinha ideia de que

estava sendo objeto de disputa judicial entre o pai e a mãe.

Pelo menos, ela está feliz, pensei. Santo Deus! A pior parte, depois de ter revelado ao infeliz do Guilherme que tinha uma filha comigo, é finalmente contar para a minha mãe quem é o pai dela. Não faço ideia de como começar a historinha. Eu gostaria muito de começar com uma piada, mas o assunto é sério e eu não posso simplesmente dizer que o gato subiu no telhado.

Esperei Helena dormir para poder ligar para minha mãe e tentar falar com ela tranquilamente. Sabia que não iria ser fácil, mas a situação já havia chegado a um limite em que eu não podia adiar mais nada.

— Oi, mãe! Tudo bem?

— Oi, filha. Tudo bem conosco e com vocês?

— Bem, também. Tenho novidades para você.

— Novidades? Que bom! O que é?

— Fui transferida para o Brasil.

— Que bom, filha! Ah, que notícia maravilhosa, meu amor. Vou poder ficar mais perto de vocês duas. Meu coração vai estar mais calmo agora.

— É mamãe, mas tem um probleminha.

— O quê? Você vai querer morar em seu apartamento próprio? Você pode ficar aqui por uns tempos até encontrar alguma coisa.

— Não é só isso.

— E o que é, então?

— Também estou voltando porque estou travando uma batalha judicial com o pai de Helena.

— O quê? Como assim?

— Ele está pedindo a guarda de Helena na justiça, mamãe.

— Como é possível que este homem saiba que tinha uma filha com você se nem mesmo eu sei quem é o pai da minha neta?

— Você não sabe que ele é o pai dela, mas sabe quem é.

— Eu sabia! É Rodrigo, filha? Agora ele quer saber da filha? Por que ele não a assumiu quando você ficou grávida?

— Não, mamãe. Não é Rodrigo.

— Não é Rodrigo?

— Não, mamãe. É Guilherme.

— Guilherme? Quem é Guilherme?

— Guilherme Sobral, o filho de Sílvia Sobral, sua amiga de longa data.

— O quê? Você é louca, Luíza? Você teve uma filha com o filho de Sílvia? Você era uma criança e esse rapaz abusou de você, de sua inexperiência. E por que você nunca me disse?

— Ele não abusou de mim, mamãe. Tenha calma, vamos conversar.

— Eu não posso ter calma, Luíza. Ele já era um homem pronto quando você ainda era uma criança. E como isso foi acontecer? Foi por isso que você nunca contou quem era? Ele era casado, Luíza. Você está louca? Não foi essa a educação que te dei.

— Ele não era casado, mamãe. E eu não era criança. Me apaixonei por ele.

— Uma criança tola. Você não tinha experiência alguma, como foi se deixar seduzir por um homem feito, uns vinte anos mais velho do que você.

— Apenas treze anos. E a diferença de idade não importa. Eu o amava e ele me amava.

— Amava tanto que a deixou sozinha, grávida e não assumiu o filho.

— Ele não sabia de nada, mamãe. A senhora não está pensando corretamente. Eu escondi de todos. Você não lembra que eu pedi, implorei para nunca contar a Sílvia que eu havia engravidado, pois eu dizia que sentia vergonha por isso? Eu não queria que ele soubesse, caso contrário ele iria querer assumir algo que não era de sua vontade.

— Ele te seduziu, Luíza. Ele fez você se apaixonar, seduziu, mostrou só as maravilhas do mundo, fez sexo com você, novinha, virgem, inexperiente, conquistou e só catalogou você. Mais uma bobinha com quem ele transou. Que raiva de você, Luíza. E agora ele quer ser o pai responsável?

— Para de falar essas coisas, mamãe. Eu não era tão criança assim. Se alguém errou, fomos nós dois.

— Ele deveria ser mais responsável, porque sua irresponsabilidade é fatal. Além de engravidar de um homem mais velho e casado, você escondeu dele o fato de ser pai. Você é louca? Isso foi cruel demais! Esconder de Sílvia que é avó. Se eu tivesse desconfiado ao menos um pouco, teria acabado com essa história. Mas o que você fez escondendo dele foi maldade sem igual. Ele deveria ter sido notificado para ter ajudado você a criar sua filha.

— Mamãe, eu não queria isso. Eu queria distância dele. A filha é minha, sempre foi. Apenas minha.

— A filha é dele também. Ele tem direitos. Se for verdade que ele não sabia da existência dela, o que você fez foi desumano tanto para ele quanto para Helena, o que é pior ainda. Você a privou do direito de ter um pai.

— Ela sabia que iria conhecê-lo um dia. Eu nunca menti para ela.

— Como você não mentiu?

— Eu só adiei...

— Seus argumentos são frágeis e inconsistentes, Luíza. E você ainda tem a ousadia de dizer que não mentiu, apenas adiou. Você está sendo imatura e estou muito zangada com você. Muito zangada mesmo! Como vou dizer a Sílvia que nem eu sabia que era o filho dela o pai de minha neta? Você

acha que ela vai acreditar nessa história estapafúrdia?

— Eu não quero saber se Sílvia irá ou não acreditar no que vou falar. Ela e você têm culpa também. Viviam bradando que era errado um casal se relacionar com tanta diferença de idade. Vocês duas sempre teceram um discurso preconceituoso e antiquado em relação a isso como se fosse o fim do mundo.

— Veja como fala comigo, mocinha!

— Não quero brigar com você, mamãe, mas também não posso ficar me lamentando pelo que aconteceu. Agora preciso me preocupar com a batalha judicial que me espera.

— E o que você pensa, Luíza? Você acredita que pode fazer o que tem vontade, ferir e magoar quem quiser e não ser punida?

— Sinceramente, mamãe, minha única punição será agora, depois de ter sofrido e passado por tudo o que passei, perder minha filha para um homem que não participou um só minuto enquanto ela estava crescendo em meu ventre, não a viu dar os primeiros passos, a falar ou ler as primeiras palavras, não sabe quais as doenças que ela já teve, se sofreu ou não enquanto seus dentes nasciam ou um milhão de situações que já vivemos. Tenho mais com o que me preocupar. Preciso apenas que me indique um advogado melhor do que o dele.

— Você tem ideia do constrangimento que irá causar entre Sílvia e eu?

— O problema não é meu. Peça-lhe que pergunte ao corretíssimo filho dela os motivos que me levaram a fazer isso.

— E o que ele fez além de te seduzir e assediar? Eu me lembro de que você estagiava no jornal onde ele é o presidente agora, ele te fez promessas de crescer no jornal? Isso é assédio sexual.

— Não, mamãe! Não foi nada disso! Aconteceu muito antes de eu estagiar no jornal. Agora vou ter que arrumar nossas malas e muito que providenciar no trabalho. Guilherme causou um rebuliço em minha vida. Depois nos falamos.

Foi realmente estressante explicar para minha mãe porque eu estava voltando. Pela segunda vez na vida, minha mãe gritou comigo. A primeira foi quando falei que estava grávida, o choque que ela tomou não foi deste mundo, e agora, quando digo que estou voltando para o Brasil para travar uma luta judicial com o pai de minha filha, que ela não fazia ideia de quem era até então, enlouqueceu!

Capítulo 8

A pior parte de voltar com muita raiva para o Brasil foi dar de cara no aeroporto com o culpado. Odiei Guilherme por ter sido o primeiro rosto que vi em terra firme. O cinismo no olhar dele, a pose de vitória em toda sua empáfia e arrogância, isso tudo me irritava ainda mais.

Ele a esperava de braços abertos e, quando a menina o viu, correu para abraçá-lo. Eu queria me controlar, tinha que me controlar, precisava urgentemente de forças para não explodir ali mesmo, no aeroporto, e mandá-lo às favas, pois minha vontade era mandá-lo a um lugar que envolvia sua preclara mãe e um palavrão. Mas como não era culpa de Sílvia, tinha que tirá-la da ofensa.

Para me provocar ainda mais, o infeliz disse que estava à nossa espera e iria nos levar em casa. Não aceitei, lógico, mas Helena implorou para ir com o pai. Meu Deus, por causa da minha filha terei que aguentar a presença desse homem ao meu lado a partir de agora, eu nem tinha o direito de me preparar psicologicamente para poder olhar sua cara sem ter vontade de matá-lo.

Ele desligou o motor do carro, abriu o porta-malas e tirou nossa bagagem. Eu sequer olhava para ele. Enquanto isso, Helena estava em seus braços. Toquei a campainha e Otília, a diarista, veio abrir a porta. Ela me ajudou a levar as malas, que eram muitas, para dentro da casa. Guilherme traçava mil planos para a filha, falava para me provocar que iria levá-la para conhecer a avó Sílvia, o trabalho dele, a nova escola que ela iria estudar, prometia o possível e o impossível, mas se ele estava pensando que tudo iria acontecer muito fácil, estava enganado, pois apenas o difícil e o impossível o esperariam.

Depois que coloquei todas as malas dentro de casa, exibi meu sorriso mais falso, me virei para ambos e falei:

- Agora vamos entrar, filha. Temos muito que arrumar e o que conversar com vovó Marina.
- Ela não precisa ficar aqui com você. Minha mãe já está esperando Helena em casa. Está tudo preparado para ela.
- Agradeça à Sílvia pela gentileza, mas Helena irá ficar onde eu estiver.
- Mas, mamãe, eu quero ir conhecer a vovó Sílvia.
- Depois. Meu amor, por favor, você se despede de seu pai agora e entra, pois lá dentro conversaremos.
- Papai não vai ficar com a gente?
- Não, minha querida. Seu pai tem a família dele para tomar conta.
- Como assim?

— Meu amor, eu moro sozinho numa casa enorme e à sua espera. E quando seu quarto ficar completamente pronto, você irá adorar. Falta pouco. Agora, entre, tome banho, descanse e depois eu venho buscar você para passearmos, conhecer vovó Sílvia e fazer todas as coisas que prometemos.

Helena se despediu do pai e entrou em casa. O fitei e disparei o que estava me irritando desde minha saída dos EUA até agora, com a provocação dele de ir nos buscar no aeroporto.

— Até a audiência, quero que você se mantenha longe de mim e de minha filha.

— Minha filha.

— Você nem sabe com certeza se ela é sua filha.

— Apesar de eu achar você uma jornalista, tenho certeza de que ela é realmente minha filha.

No entanto, apenas para eu esfregar na sua cara o que pretendo fazer a você, já providenciei o exame de DNA e o faremos amanhã.

— Guilherme, se você continuar me insultando dessa maneira, você é quem vai se arrepender da hora em que nasceu. Se você ainda pensa que sou uma menina, está muito enganado. Eu cresci, além de nunca haver sido tão imatura quanto você sempre pensou, me tornei mãe. E, meu caro, você não sabe do que sou capaz, da força que tenho, do que posso enfrentar para que nada nem ninguém nessa vida possa me prejudicar ou fazer algo que ponha em risco meu relacionamento com minha filha, como mãe. Não me ameace, não me insulte, não olhe para mim. Você não faz ideia do quanto minha paciência está esgotada com você.

— Não estou nem aí para você, se está impaciente, esgotada ou ofendida com o que digo...

— Não queira medir forças comigo, Guilherme. Eu sempre disse, luto no mesmo patamar. Agora, faça-me o favor de sumir com essa sua pose arrogante e de que pode tudo.

E foi assim, para me irritar, que ele se comportou o tempo inteiro. Eu fazia o maior esforço para aguentar sua presença. Além de ter discutido com minha mãe por telefone, enfrentá-la cara a cara também não foi fácil. Ainda bem que ela me deu uma trégua. Mesmo ficando à mercê de suas reclamações, em sua casa, aguentando seu olhar crítico praticamente o tempo inteiro, ela me indicou o melhor advogado de família que existia, Dr. Ronaldo Casado, procurou informações sobre o juiz que iria decidir sobre meu destino e o de minha filha e só isso.

Minha mãe conhecia bem seu colega, ele era chegado a umas decisões meio malucas, sempre dizendo que era a favor da família.

Sílvia, como esperado na primeira vez em que nos encontramos, exibia apenas condenação em seu olhar, mas eu realmente estava ignorando todos que me recriminavam. Em momento algum se perguntaram por que agi dessa maneira. De início, não acreditou muito que minha mãe não soubesse quem era o pai, mas depois fizeram as pazes e prometeram não interferir em nossas vidas, pois, sem saber, se intrometeram e deu no que deu, nos envolvemos e hoje estamos brigando igual cão e gato.

Agora, ela queria apenas conhecer a neta e assim mimá-la bastante como se não fosse demais o que o tio e o pai fizeram até agora.

Em momento algum ouvi um cristão declarar que Guilherme estava errado em alguma coisa. Apenas eu era a mentirosa e traidora. Esquecem que nós dois mentimos para todo mundo escondendo nosso envolvimento. Eu me sentia como se tivesse pego a boneca de alguém e fugido.

Omiti de todos porque, no fundo, me senti uma tola por haver engravidado, logo da primeira e única vez em que fiz sexo, de um homem que estava prestes a se casar com outra e sem usar preservativos. Idiota! Para que servem as camisinhas? Eu agi com o coração, com a paixão e, graças a Deus, engravidei, poderia ter contraído uma doença sexualmente transmissível.

A audiência preliminar chegou e não houve nada de conciliação, só mais e mais brigas. O juiz já estava perdendo a paciência conosco. Era uma verdadeira troca de acusações e provocações. Ele querendo impressionar o juiz de que era o perfeito pai e eu tentando acabar com aquele personagem que ele criou. Ele me acusando de sequestrar a filha e eu contestando que ele nunca quis saber dela, uma vez que me engravidou e se casou com outra. Enfim, uma nova audiência foi marcada para dali a quinze dias e hoje é o dia. Estou muito nervosa, mas vou tentar me acalmar, essa situação está me tirando do sério. Guilherme, com toda aquela pose de senhor maduro, estável, capaz, responsável... ai, que ódio eu sinto quando olho na cara dele.

— Pelo visto, os senhores não entraram num acordo. Esse litígio é apenas para os senhores medirem forças e ignorar completamente o bem estar da criança. Nenhum de vocês está interessado em como isso irá afetar psicologicamente a menor Helena. E como eu estava falando, não adianta declarar aqui que um ou outro coloca os interesses da filha acima dos seus próprios, nós sabemos que isso não é verdade. De que modo o senhor imagina que pode ser melhor pai do que a Sra. Luíza pode ser mãe?

— Não acho, excelência, mas quero tentar.

— Então só me resta decidir que a guarda da menor Helena seja compartilhada entre o pai, agora autor da ação de guarda, e a mãe, senhora Luíza, ré no processo. Estão de acordo as partes e a Sra. Promotora?

— O que o senhor está sugerindo, excelência?

— Prometem que seus interesses jamais serão colocados à frente dos interesses da menor Helena? Os senhores não concordam que seria muito melhor para a criança que seus pais estivessem juntos? Então, decido que a menor Helena não poderá sair do país a fim de residir com quaisquer dos pais, a não ser com os dois. E, aqui no Brasil, ela deverá residir com ambos. A guarda deverá ser compartilhada, porém não devendo a criança ter duplicidade em nada, tais como dois quartos, duas casas, duas escolas, dois tipos de vida. Essa criança deverá ser única. Ou, se preferirem, decido que a criança deverá ser encaminhada para uma instituição de adoção até ser adotada por uma nova

família.

Não consigo acreditar no que aconteceu. Em toda a minha vida, nunca ouvi falar de um juiz que forçou dois pais a morarem juntos pelo bem dos filhos. Acho que não entendi direito.

— Viu o que você fez, Guilherme? Está satisfeito agora? Minha filha será levada para uma instituição de adoção. Você sabe o que é isso?

— Você acha que eu gostei da sentença desse juiz maluco? É contestável e absurdamente ridícula! Agora é hora de nos unirmos para resolver esse impasse.

— Impasse que você criou!

Dizendo isso, me retirei daquele local, não conseguia estar no mesmo ambiente que aquele homem odioso, não aguentava sequer olhar em sua cara. Ah, Guilherme, como eu te odeio! Foram tantas mentiras ditas naquele processo que não caibo em mim de tanta raiva. Essas mentiras levaram o juiz a decidir dessa maneira idiota também. Eu precisava respirar. Deixei o idiota do Guilherme acompanhado apenas de seu advogado e do meu.

Já passava da meia noite e eu não conseguia dormir. No que minha vida se transformou? Eu vivia tão bem com Helena, minha vida estava bem resolvida profissionalmente, mas eu me sentia bastante sozinha às vezes, precisando de alguém para conversar, para amar, me sentir amada, querida, desejada. Desde Guilherme, nunca mais me envolvi com ninguém. Acho que me fechei bastante para relacionamentos, eu sentia falta, mas não apareceu ninguém interessante e aquilo que disse o juiz na audiência só me fez repensar minhas atitudes.

Droga! Meia noite e o idiota me telefonando. Não acredito. Isso realmente não são horas de telefonar para alguém.

— Como você ousa me ligar a uma hora dessas? Não quero falar com você, não quero sequer ver você. Não temos nada para falar um com o outro.

— Sabia que você estava acordada. Tenho um acordo a propor.

— Não quero saber nada sobre seus acordos.

— É sobre a guarda de Helena...

— Diga logo!

— Só se você me deixar entrar. Estou na porta de sua casa e quero falar pessoalmente.

Pensei por um momento se valia a pena ele entrar até que permiti.

— Me espera na piscina.

Ele entrou e fui ao seu encontro. Ele estava vestindo uma calça jeans e uma camisa vermelha, totalmente casual, seus cabelos estavam mais longos do que da última vez que o vi, e só agora percebi isso. Depois que cheguei perto dele, lembrei que estava vestindo roupas de dormir. Um shortdoll de cetim branco e, graças a Deus, um *pegnoir*, assim eu não me sentiria tão nua diante dele.

Notei que ele me olhou da cabeça aos pés e confesso que até gostei de me sentir admirada, pena que foi por ele.

— O que você quer?

— Case-se comigo.

Ao ouvir aquela frase, surgiu uma vontade enorme de sorrir e caí na gargalhada. Não me contive, quanto mais eu o olhava, mais eu sorria. Ele estava cômico me pedindo em casamento. Encarava-me com olhos frios e apertados, eu via raiva neles e me fuzilaria se pudesse. Mas, por mais que eu tentasse, não conseguia parar, não sabia mais se chorava ou se sorria, foi uma verdadeira crise de riso que eu tive quando ouvi aquele pedido de casamento desastrado, que mais parecia uma ordem. Ele, já perdendo a paciência comigo e sem entender porque eu sorria tanto, gargalhava descontroladamente — pois ele não sabia que quando eu ficava nervosa ou com muita raiva, caía na gargalhada até chorar compulsivamente e, por fim, me acalmar—, me empurrou na piscina e, com o susto, voltei a mim.

De cócoras na borda da piscina, ele me deu a mão para eu sair de dentro d'água e ainda bem que estava calor. Toda molhada e com as roupas coladas ao corpo, deixando-o totalmente à mostra, odiei o que ele fez.

— Você está louco? Eu não sei nadar.

— Você não parava de sorrir, estava descontrolada, o que queria que eu fizesse?

Percebi que era realmente uma situação estranha, ele só podia fazer isso e desisti de contestá-lo. Ele continuou.

— Mas poderia ter me matado.

— Ótimo! Isso resolveria meus problemas.

— Estúpido!

— Deixe de drama! Você caiu no raso. E então, qual a resposta? Vai casar comigo?

— Por acaso você pensa que está me convidando para irmos ao cinema?

— É pelo bem de Helena.

— Não me venha com esse papo de que é para o bem dela. Até pouco tempo atrás, você nem sabia que ela existia... e agora vem com essa história de que quer casar comigo? Quer reparar o erro, é? Não me diga que está apaixonado.

— Mas você é mesmo muito prepotentezinha, não é? Você realmente acha que é todo esse deslumbre? Não estou apaixonado por você. O único sentimento que você desperta em mim é um enorme desejo de estrangular esse seu pescoço fino, pegar você e dar-lhe umas boas palmadas na bunda, daquelas que você nunca levou na vida, para aprender a respeitar os outros e ser solidária com as pessoas.

— E se você fosse o último homem da face da terra, mesmo assim te odiaria. Preferiria ir para o

inferno a ter alguma coisa com você. – A ideia de ter Guilherme dando umas palmadas em minha bunda me irritava profundamente porque não sou criança, mas também não deixei de perceber que poderia ser delicioso encarar emoções tão intensas.

— Então, se estamos entendidos e acordados quanto aos nossos sentimentos, vamos ao que interessa. Case-se comigo e, ao final de dois anos, se ainda nos odiarmos tanto ou mais quanto nos odiamos hoje, nos divorciamos e, aí sim, desisto de tomar a guarda de Helena de você, permito até que você a leve para morar nos EUA ou em outro país qualquer e me disponho a me deslocar ao encontro dela. Prometo cuidar de toda a vida acadêmica dela, de todas as viagens de férias, do plano de saúde, enfim, de tudo. O que acha?

— Ao fim de dois anos, terminado seu estágio probatório, você abandona sua própria filha? Você tem noção do que está me propondo?

— Mas se você quiser continuar casada comigo para a vida inteira, tudo bem por mim. Minha filha é mais importante. E, se eu tiver sorte, talvez até lá você já tenha morrido por engolir seu próprio veneno.

— Que bom saber que seu humor anda afiado. Não me tire do sério, Guilherme, pois você não sabe do que sou capaz.

— Ah, sei sim. Mas isso não importa agora. Casa-se comigo ou não?

— Não me casaria com você nunca! Nem se a vaca tivesse tuberculose eu viveria sob o mesmo teto que você.

— É pegar ou largar, Luíza. Caso contrário, irei recorrer e prometo que vou esmagar você com tudo o que eu puder fazer. Também não posso dizer que vou achar bom ver sua cara todos os dias, mas quanto a isso eu darei um jeito.

— Você quer que eu tenha outra crise de riso?

— Tenha e dessa vez te afogo sem piedade. E problema resolvido. Você morre, Helena fica comigo.

— Não acredito nisso. Você só pode estar brincando, não acredito que alguém possa ser tão frio assim.

— Estou falando sério, Luíza.

— Tudo isso é tão surreal. Não pode estar acontecendo comigo. Como você pretende conviver com alguém que te odeia? Não é mais fácil desistir do processo e nos deixar ir? Prometo que não impeço você de visitar Helena a hora que quiser.

— Isso não depende mais de mim e você sabe disso. Você ouviu o juiz, você estava lá também.

— Eu preciso pensar.

— Pense. E enquanto faz isso, eu penso em uma maneira de sequestrá-la do lar adotivo para o

qual ela será mandada.

— E quanto ao amor, Guilherme?

— Não deu certo entre nós, lembra? Talvez o ódio dê.

— Eu amo minha filha, Guilherme. Não faça isso comigo.

— Eu também a amo, Luíza. Você não faz ideia. Se nós parássemos de nos ofender, talvez você ainda pudesse ver algo de bom em mim.

Eu começava a pensar que ele tinha razão. Precisávamos pensar em nossa filha.

— Onde nós moraríamos? Não quero morar com sua mãe.

— Moro sozinho há anos. Comprei essa casa há pouco tempo porque já tinha em mente formar uma família. Mudei-me pouco antes de você chegar, pois pensei em Helena, no espaço que ela necessita para brincar. E, além disso, você poderá decorar como quiser.

— Não vou morar em seu território.

— Como você é mimada, Luíza! Não fica nada bem alguém de sua idade fazendo birra.

— Quer dizer que agora tenho idade demais?

— Para birras e seus ataques de mimos, sim. Você sempre foi mimadinha, dondoquinha...

— Você está bastante repetitivo. Já disse que não vou concordar com seus insultos. Não me provoque. Meu Deus, como te odeio, Guilherme!

— Há reciprocidade!

— Não posso responder assim tão rápido. Eu teria que expor minhas condições.

— Você não tem condições.

— Tenho, sim. Quero ter meu próprio quarto.

— Isso é um absurdo. Como vamos mostrar a Helena que somos uma família?

— Isso não é problema meu. Você não é bom em inventar histórias? Então invente uma.

— Posso perder a paciência com você rapidinho, Luíza, e não respondo por mim.

— Eu realmente não posso fazer nada por você. – Eu queria dificultar a situação ao máximo para ele. Eu tinha que tentar demovê-lo daquela ideia estúpida e ridícula.

— E o que mais?

— Eu não sei de nada sobre você, Guilherme.

— O que quer saber?

— Não sei. Poderíamos antes de qualquer coisa tentar uma coexistência pacífica, sei lá.

— Não temos tempo para isso. O prazo do recurso está correndo.

— Não podemos nos casar dessa maneira. Eu não quero me casar com você.

— Sabe, Luíza, não prometo nada que não possa cumprir. Você nunca mais verá Helena.

— Você não seria capaz de fazê-la sofrer...

— É simples, minha querida, é só dizer que você morreu.

— Eu não seria capaz de fazer isso nunca. Eu poderia ter feito, mas não o fiz.

— Como você ousa dizer que não o fez? Você nunca contou que eu tinha uma filha, então é o mesmo que dizer que morri, que não existo.

— Seu cabeça dura! Eu nunca disse isso a ela. Você não entende, não é? – Eu tinha mil ofensas para dizer a Guilherme naquele momento, mas só pensei. Gostaria de gritar que ele tem razão... eu poderia ter dito que ele estava morto. Morto, sim, morto para mim, pois eu o matei dentro de mim e por muito tempo sequer lembrei de sua existência. Teve uma vez em que Helena perguntou quem era o pai, e eu fiquei tentando me lembrar se ele realmente existiu ou se foi fruto de minha mente estressada. Sempre pensei nele como um tubo de ensaio, um doador do banco de sêmen... Engraçado, né? Então, quem está morto é Guilherme. Morto vivo! E esses são os piores!

— Surpresa! Estou aqui e mais vivo do que nunca. Você não perde nada, querida Luíza, por esperar. Mas sua resposta é definitiva?

— Você não vai me dar nenhum tempo para pensar?

— Vou, sim. Já pensou? – ele falou isso olhando rapidamente no relógio.

— Isso não tem graça, Guilherme, trata-se de minha vida, de nossas vidas.

— Eu sei disso, mas não temos mais tempo. E então, por Helena, casa ou não?

— Eu vou me arrepender disso, não vou aguentar olhar para você todos os dias... por dois anos...

— Eu mal conseguia responder, pois havia percebido que, infelizmente, ele tinha razão, era a única coisa a se fazer no momento.

— Ou pela vida inteira. E eu faço questão de tornar sua vida insuportável comigo.

— Não mais do que eu tornarei a sua, meu querido! Aceito... infelizmente.

— Negócio fechado? Então, amanhã resolveremos a papelada para os proclamas, convidados, recepção. Pego você logo cedo e não se atrase, detesto atrasos.

— Uma pergunta.

— Sim.

— O que iremos dizer às pessoas quando elas souberem que vamos nos casar?

— Que o amor renasceu em nós como num passe de mágica depois que nos reencontramos.

— Você é cínico!

— Sou, é?

— Não vou fingir que estou apaixonada por você.

— Ah, vai! Ou então, olhe bastante para Helena, pois será uma das últimas vezes em que você a verá.

Fingindo que estava tentando seduzi-lo, aproximei-me dele, levei a mão ao seu peito, percorri seu corpo com os dedos, juntei as duas mãos em volta de seu pescoço, com o rosto bem próximo ao dele

e falei:

— Eu te odeio, Guilherme, do fundo do meu coração, eu te odeio e, sinceramente, espero que você se dane!

Valendo-se da proximidade entre nossos corpos, ele aproveitou que minhas mãos estavam em seu pescoço, segurou firmemente meu rosto e me beijou. Eu não consegui resistir, rapidamente meu corpo respondeu àquela carícia. Suas mãos faziam movimentos circulares em minhas costas, descendo rapidamente, segurou minhas nádegas e a empurrou para sentir sua masculinidade enquanto ele aprofundava o beijo, exigindo que minha língua tocasse a sua. Foi então que ele, muito devagar, foi deixando minha boca órfã e beijando meu queixo, meu pescoço e, quando percebi, velozmente ele virou meu corpo de maneira que fiquei de costas para ele com os braços à frente e seus lábios roçando em minha nuca, beijando suavemente meus ombros, gesto que me deixou em brasa e com o coração acelerado, a pele arrepiada, uma de suas mãos em meus seios e a outra em meu ventre, então toquei em seu rosto, seus cabelos, e, logo após ouvir um gemido seu, ele me acordou desse transe quando falou por entre os dentes:

—Você não sabe o que a espera, “querida” Luíza. E, sim, eu também te odeio, e seria do fundo do coração... se eu tivesse um.

E jogou-me na piscina novamente, indo embora em seguida com o sorriso mais cínico e mordaz que um homem pode ter. Droga! Ele conseguiu me fazer derreter em seus braços e não posso sucumbir a isso.

Passei a noite em claro, pensando em como vou contar sobre a decisão de me casar com Guilherme. O que minha mãe, Joaquim e todos irão pensar sobre isso? No mínimo, que sou louca, instável. O pior vai ser fingir que estamos apaixonados, mas essa parte eu vou deixar pra ele.

Já são dez e meia e deixei-o esperando uma hora e meia na sala, sozinho, de propósito. Helena estava na escola, minha mãe e Joaquim, junto aos seus filhos, também não estavam, portanto, ele realmente estava sozinho, não tinha com quem conversar. Só ranger os dentes de tanta raiva de mim. E eu adorei isso.

Ele não parecia estar zangado, estava bufando simplesmente por impaciência, andava de um lado para o outro olhando o relógio. Quando me viu, seu rosto era duro, parecia de pedra, não demonstrava emoções.

— Bom dia, “querido” Guilherme! Dormiu bem?

— Eu disse que não tolero atrasos. Espero que essa seja a última vez que você faz essa brincadeirinha de mau gosto. Agora vamos!

— Não se anime, “querido”, estou apenas começando.

— Vamos indo. Na volta, comunicaremos nossa decisão à sua mãe e Joaquim.

— Posso saber para onde estamos indo agora?

— Você saberá.

E seguimos para o carro que ele mesmo dirigia. Fomos a um prédio comercial, próximo ao Fórum, onde víamos vários escritórios de advocacia e consultórios médicos. Em uma porta de vidro com o nome de Dr. Tadeu Weber, no décimo terceiro andar, nós entramos e foi onde encontramos seu advogado e o meu, que me parabenizou pelo casamento, desejando que eu fosse feliz ao lado do homem que era o pai de minha filha e que, enfim, o amor saiu vencedor. Eu não entendia o que ele falava e pensei que só pudesse fazer uso de algum psicotrópico com a validade vencida. Dr. Ronaldo Casado estava desistindo de me representar e substabelecendo para o advogado de Guilherme.

— Você o forçou a isso? – perguntei-lhe discretamente.

— Não forcei. Sugeri apenas.

— Então eu vou contratar outro advogado.

— Não seja tola. Não temos tempo a perder. Não tem nada demais o que iremos discutir agora. Até uma leiga como você poderá entender, a linguagem é clara...

Fingi que ele não havia me chamado de leiga. Desprezo é o que vou devolver cada vez que ele proferir uma ofensa. Então ele me deu uma cópia de uma espécie de contrato que eu vim a saber que se tratava do acordo pré-nupcial. Quando comecei a ler, a raiva foi tomando conta de meu ser de tal maneira que me descontrolou a calma forçada e eu quase me joguei em cima dele para esbofeteá-lo. Percebendo que eu estava me irritando profundamente, de imediato ele pediu ao Dr. Tadeu Weber para nos deixar a sós.

— Mas o que é isso? Pensei que acordos pré-nupciais dissessem a respeito de dinheiro, bens, e isso aqui fala sobre traição? Isso não existe, Guilherme. Acordos versando sobre traição. Você está maluco?

— Leia por inteiro, isso é apenas um item.

O chamado acordo pré-nupcial era bizarro. Apenas falava em traições e em tudo o que eu perderia, inclusive a guarda de Helena.

— Eu não assino esse monte de porcarias, Guilherme. Se quiser, será como antigamente. Sem acordos pré-nupciais, sem chantagens e com separação total de bens, não quero nada do que é seu.

— Com acordo, sim.

— Sem acordo. Se você tem tanto medo assim de ser traído, por que diabos está querendo se casar comigo?

— Lembre-se de Helena!

— Eu já estou de saco cheio de você ficar me fazendo essas chantagens baratas. O que você acha de eu denunciar você pelos crimes de extorsão, coação, chantagem e ameaça de sequestro de menor?

— Você não seria boba! Você sabe, claro, que ao acusador o ônus da prova.

— Mas eu tenho a prova. Estou gravando todas as nossas conversas a partir de agora. Portanto, sem acordos pré-nupciais, sem chantagens, sem ofensas. É pegar ou largar.

— Tudo bem. Mas se você bancar a engraçadinha e sujar minha reputação, sendo infiel a mim com quem quer que seja, você irá se arrepender amargamente.

— Você tem minha palavra. Eu tenho a sua?

— Não posso garantir.

Então ele chamou Dr. Tadeu de volta e comunicamos que desistimos do acordo.

— Tudo bem, então. Já foi dada a entrada para o casamento de vocês e ainda hoje será publicado o edital de proclamas.

— Quase me esqueci, você é a imprensa, não é, *amor*?

— Luíza, por favor, meu bem...

— Você não vai colocar uma notinha no jornal, meu querido? Não irá anunciar a todos o quanto está feliz se casando comigo? — eu perguntava na maior falsidade e no estilo perua socialite interesseira.

— Se você preferir, meu bem, faço o que você quiser. Assim seus antigos amigos saberão que nós pertencemos um ao outro.

— No máximo em trinta dias os senhores estarão casados, até lá, boa sorte aos dois, e, por favor, divirtam-se com os preparativos. Um casal tão jovem e bonito como vocês ainda tem muito que aproveitar. Usufuam o amor que os une.

— Prometo, meu querido, que sua vida irá mudar radicalmente — e lhe beijei o rosto tal e qual Judas beijou Jesus.

— Nossas vidas, meu amor! Até logo, Dr. Tadeu, e caso aconteça algum imprevisto, me informe, por favor.

— Com certeza, Guilherme.

Saímos do escritório do Dr. Tadeu cerca de uma hora depois, e nos dirigimos a uma joalheria. Ele ainda tinha a cara de pau de me dar uma aliança.

— O que estamos fazendo aqui?

— Se iremos fingir, temos que manter as aparências, não acha? Aliança, anel de noivado, tudo dentro da mais perfeita ordem. E, por favor, pare de se comportar como uma bêbada maluca! Em matéria de provocação, meu amor, eu tenho mestrado.

— Eu não irei usar um anel por você. Anel é um símbolo, e isso não é correto, não quero que simbolize uma mentira.

— Você vai usar, sim, eu ordeno.

— Você não ordena nada!

Os anéis eram belíssimos, cada um mais bonito do que o outro, e amei um em particular. Eu não queria escolher, mas acho que ele viu como me apaixonei pela delicadeza dele e o comprou. Eu iria ficar muito feliz se simbolizasse um amor de verdade. Após tirarmos as medidas das alianças, nos dirigimos a uma empresa de viagens a fim de comprar um pacote para passarmos a lua-de-mel na Itália.

— Não vou viajar para lugar algum com você. Não vou deixar minha filha sozinha. Não tem a menor graça sairmos em lua-de-mel quando, na verdade, sabemos que se trata apenas de uma piada esse casamento.

— Para sua decepção, não é nada disso, querida. Estou indo resolver negócios lá e aproveitando para fingir que estamos viajando em lua-de-mel.

— Não quero ir.

— Não seja teimosa! Eu preciso ir e você tem que ir comigo. Você não se esforça ao menos para vivermos pacificamente? Não foi você quem falou sobre coexistência pacífica, sobre nos conhecermos antes, enquanto não estamos no *conforto* de nosso lar?

— Mas você está decidindo por mim, obrigando-me a fazer o que você quer sem me consultar antes.

— Eu não tenho tempo para esperar que você decida alguma coisa. Preciso ir a essa viagem e você vai comigo.

Bufei de raiva, mas por fim cedi. Por incrível que pareça, eu entendia sua paixão pelo trabalho, pois eu também amava o meu.

— E solta meu braço que eu não sou criança!

— Ah, você é criança, sim. Uma pirralha mimada e voluntariosa que nunca cresceu.

— Eu estou falando sério, Guilherme, me solta agora ou eu mordo você.

— Você é mesmo capaz disso, não é? Definitivamente, Luíza, eu devo mesmo estar pagando os pecados de outra vida. Você é o fim da picada!

— E que pecados eu estou pagando? Será mesmo que eu mereço casar com você só porque temos uma filha? Você não se encaixa ao perfil do meu tipo de homem ideal, Guilherme. Você é arrogante, ardiloso, cruel. É capaz de coagir e ameaçar a mãe de sua filha só para que sua vontade seja feita. Você não a ama. Você não sabe amar, não sabe o que é o amor.

— E você sabe o que é o amor, Luíza?

— Eu sei, Guilherme. Eu conheci o maior, mais sincero e puro amor de todos no momento em que me descobri grávida. Você não sabe, não faz ideia de como é ter em seus braços um ser que carregou dentro da barriga por nove meses e se conectar a você no momento imediato de seu nascimento, reconhecer como aquela que lhe abrigou por um tempo. Senti-la crescer em seu ventre. É um amor

imenso e esse amor você não sente por ela. Por Helena eu sou capaz de matar e morrer. Sou capaz de tudo, até de ser infeliz com você, mas se ela estiver bem, eu aguento.

— Você me roubou isso, Luíza. Você me roubou esse momento. Você foi cruel, mesquinha e vingativa. E vem falar que sabe o que é amor? Você se acha melhor do que eu, não é? Vou te contar um segredo: você também não sabe amar. Você não sabe perdoar e, sinceramente, não me interessa o que você pensa a meu respeito. Só quero a minha filha comigo. E se o preço que eu tenho que pagar é ter você também, eu pago.

— Ah, Guilherme! Eu te odeio!

— Ah, Luíza... idem.

Capítulo 9

Durante o tempo em que esperamos para chegar o grande dia, meu trabalho transformou-se em algo secundário e, a pedido dele, tive minhas férias adiantadas para cuidar dos preparativos do nosso casamento. Quando eu digo pedido, quero ser boazinha, ele mexeu os pauzinhos novamente para isso acontecer.

Quase todos os dias ele me levava a lojas para comprar alguma coisa, desde móveis a lençóis de cama, e acelerar a empresa de arquitetura contratada para decorar nossa casa. Até exames de saúde pré-nupciais fizemos juntos. Totalmente desnecessário para mim, uma vez que não pretendia ter contato físico algum com ele. Só me serviriam como *check up*.

Nosso casamento seria numa sexta-feira, numa casa de recepções onde fora armado um altar, pois ele exigiu que nosso casamento fosse realizado também pela igreja católica. Como não havia se casado com Marisa na Igreja, podíamos realizar o ritual religioso. Helena seria a nossa porta aliança. Ela era a criança mais feliz do mundo.

Contar a piada do casamento para minha mãe foi hilário, aliás, ele reuniu nossas famílias e contou. Ninguém falou nada. Para quebrar o silêncio constrangedor, Joaquim nos parabenizou, dizendo que se sentia um pouco como nosso cupido, pois viu o amor nascer entre nós há alguns anos. Eu quase tive outro ataque de risos. Ele me olhava querendo me matar. Em seguida, Sílvia me desejou felicidades, dizendo mil maravilhas do filho querido dela. — *Sei, eu conheço esse homem maravilha*, pensei.

— Luíza, querida, me sinto muito culpada por esse tempo todo que vocês perderam. Eu desejo a você e ao meu filho toda a felicidade do mundo. Vocês serão pais maravilhosos. E essa minha netinha linda... Que presente divino eu recebi de vocês.

— Acho que não estávamos preparados naquela época... Nem sei se hoje realmente estamos...

— Você falou exatamente o que eu penso, meu amor. Não estávamos preparados naquela época, mas agora temos certeza de que viveremos muito bem. Agora, nos dê licença, mamãe, eu já estou com saudades de minha noiva e vou sequestrá-la para namorarmos um pouco. Venha comigo, querida. — E ele saiu me puxando pela mão em direção aos jardins.

— Você iria contar para minha mãe? Está louca?

— Eu não iria contar nada para sua mãe, seu grosso. Você nem me deixou concluir.

— E o que você iria falar? Que estamos casando porque eu impus isso a você? Que ameacei sequestrar nossa filha?

— Bem que eu poderia dizer isso, não é mesmo?

— Atreva-se!

— Você não vê que dessa maneira seremos mais infelizes ainda? Você tem sua vida. Eu tenho a minha... — Eu quase chorei, implorando naquele momento para que ele não levasse adiante plano tão bizarro de nos casarmos.

— Agora seremos um só.

— Por favor, Guilherme, vamos desistir de tudo isso, ainda há tempo.

— Minha querida Luíza, parece que você está sempre me pedindo por favor, não é?

Não entendi o que ele quis dizer com aquilo, então ele fez uma imitação barata e zombeteira de mim, que logo me levou às lembranças do passado.

— *“Por favor, Guilherme, me faça sua mulher! Por favor, Guilherme, só por uma noite.”* Você já está se tornando monótona e repetitiva.

— Não tinha necessidade alguma de me lembrar daquela noite infeliz. Eu a esqueci por completo.

— Será mesmo que você esqueceu o quanto me implorou para ser minha?

— Você tem razão, todavia, me lembro muito mais do grande canalha que você foi logo em seguida.

Ele nada disse após ouvir minha resposta. Acusa-me de ser vingativa, mas não é capaz de compreender o quanto me magoou profundamente. Iríamos nos casar, mas eu não estava feliz. Ele é o homem pelo qual me apaixonei no passado, e que jurava que era o grande amor da minha vida. Mas que grande amor é esse que não reconheço mais como tal?

Na verdade, só Helena estava feliz de verdade. No dia do casamento, ela levantou muito cedo e correu até minha cama para gritar que era a criança mais feliz do mundo porque os pais dela iriam se casar, ela iria participar do casamento e nós seríamos felizes para sempre. Acreditar no “felizes para sempre” só podia sair de uma criança mesmo. Ela era a menina mais linda do mundo.

Nossos padrinhos foram apenas Tomás e Irene que havia voltado ao Brasil. Havíamos criado um laço de amizade bastante sadio enquanto vivi nos EUA e ainda mais agora que parece que está se envolvendo com Tomás, é perfeito.

Eu ainda trocava de roupa quando minha mãe chegou e, pela primeira vez em um bom tempo, me abraçou e não estava brava comigo. Aconselhou-me a ter paciência e sabedoria, pois assim eu conquistaria o verdadeiro respeito e o verdadeiro amor.

Ela não sabia que eu estava casando unicamente para ceder às chantagens de Guilherme, eu não havia dito, mantive minha promessa e não contei a ninguém. Ela me abençoou e disse que tudo o que fizéssemos para o bem de Helena nos seria recompensado. Eu chorei com aqueles votos de felicidade, sua benção. Por um momento, percebi o quanto minha mãe me amava e tudo o que havia feito por mim e que eu sempre poderia contar com ela.

— Eu te amo muito, mamãe! Você é minha melhor amiga, minha companheira, minha vida. Eu queria que você me perdoasse por tudo o que eu disse e fiz. Queria me defender de tudo e de todos. Transformei-me numa leoa querendo defender minha filha. Você só quis ser minha mãe, minha leoa também. Você e Helena são as pessoas mais importantes da minha vida.

— Meu anjo, Helena, Guilherme e eu somos sua vida agora. Você será muito feliz. E eu te perdoo. Hoje entendo o que você passou. Ele foi seu primeiro, único e inesquecível amor. Eu e Sílvia estamos muito felizes por vocês estarem se casando, realizando um sonho. Irão cuidar da família de vocês, serão cúmplices em tudo. Façam tudo o que estiver ao alcance de vocês para serem felizes ou pelo menos chegar muito perto disso.

Minutos depois que ela saiu, entrou a própria imagem de Adônis. Guilherme! Eu tinha que admitir, ele estava simplesmente maravilhoso. Quando pequena, eu achava muito divertido ouvir a palavra garboso dita pela minha avó, mas essa era a única palavra que poderia definir a beleza daquele deus grego à minha frente. Ele não podia perceber que eu fiquei deslumbrada com a visão que estava tendo agora. Os cabelos bem penteados para trás, o rosto limpo de quaisquer pelos, deixando seus olhos em evidência. Ele se aproximou e me cumprimentou. Não havia raiva em seu olhar.

— Não temos muito tempo, apresse-se!

— Tenha calma, estou pensando se vale realmente a pena cometer tal ato.

— Você não teria coragem de voltar atrás...

— Será, Guilherme? Será que vale a pena viver uma vida infernal com você por medo de recorrer de uma decisão ridícula de um juiz afetado e me sentenciar dessa maneira cruel?

— Cruel?

— Cruel, sim.

— Você está sendo egoísta mais uma vez.

— Você só sabe me chamar de egoísta. Se eu fosse, não colocaria Helena sempre em primeiro plano em minha vida, mas eu não sei se o que estou fazendo agora é para o bem dela. Se você sentisse mesmo por ela todo esse amor que eu sinto, não faria isso comigo. Se você a amasse como eu a amo...

— Não me diga que não amo minha filha, você não sabe o que sinto.

— Não. Eu não sei o que você sente, sei apenas que isso não é amor.

Então voltei a me vestir e ele ficou ali, parado ainda por um tempo. Então se aproximou de mim, colocando suas mãos em meus ombros, e pela primeira vez desde que nos encontramos, ele me falou com ternura: *“Vai dar tudo certo, confie em mim.”* Eu estava muito descrente quanto a dar certo ou não, mas confesso que baixei minha guarda com a expressão de carinho e ternura que sua voz demonstrava.

Após sua saída, terminei de colocar aquele vestido lindo que comprei, todo em renda francesa, precisando da ajuda da filha de Joaquim para fechar todos os botões que se localizavam atrás. Quando vi esse vestido na casa de noivas em que entrei, me apaixonei de imediato. Sempre pensei em usar um vestido daquele tipo, nada extravagante, simples, cuja elegância ficava por parte do tecido usado, era só o que bastava. Pena que estava usando para casar com alguém que não me amava. Eu não sei o que reservava o destino, mas aquela vida com Guilherme não seria fácil.

A cerimônia foi rápida e simples, apenas para nossas famílias e alguns amigos dele. Eu sequer havia convidado uma amiga minha dos tempos de colégio ou da universidade, mas isso foi óbvio, pois, ao tornar-me mãe tão cedo, involuntariamente me afastei das amigas, nossos interesses se tornaram diferentes, eu tinha mais responsabilidades como cuidar de uma criança e estudar ao mesmo tempo.

Tentei me libertar do sentimento de raiva o máximo que pude para apreciar a festa. Ver minha filha feliz já me ajudava bastante. Eu a olhava de longe enquanto dançava com o pai e esse era um retrato que eu gostaria de ter para o resto da vida, sua felicidade. Nesse momento, Tomás aproximou-se de mim e me tirou para dançar, como que adivinhando que eu precisava de um ombro amigo exatamente naquele minuto, pois sentia que iria desabar em lágrimas.

— Querida, o que há com você? Não fique tão triste assim. Ponha um sorriso no rosto e aproveite a festa de seu casamento.

— Eu não tenho o que aproveitar, Tomás. Não tenho motivo para estar feliz agora. Minha vida se transformou num inferno em tão pouco tempo que eu mal posso acreditar. Estou me sentindo perdida.

— Não estou entendendo... vocês não...

— Nos odiamos da mesma maneira intensa que nos vimos da primeira vez em sua casa.

— Mas eu pensei que vocês estivessem casando porque se redescobriram apaixonados.

— São tantas mágoas entre nós, Tomás, que seria impossível descobrirmos algum bom sentimento um no outro, alguma brecha de carinho, de amor... Eu não sei se fiz a coisa certa concordando com essa palhaçada de casamento... Eu cresci, Tomás, não sou criança, quero minha liberdade de volta, eu consegui muita coisa na vida, meu trabalho, minha independência, e agora estou presa a esse casamento que eu não queria, mas com o qual tive que concordar apenas para não perder Helena. Isso não é justo.

— Calma, querida! Não chore! Eu não sabia de nada disso, quando ele me contou que vocês iriam se casar, apenas disse que era o melhor a fazer já que tinham uma filha, que ele descobriu amar no mesmo momento em que descobriu sua existência. Ele me pareceu feliz, Luíza, eu nunca pensei que fosse um acordo maluco entre vocês.

— Não estamos felizes, Tomás. A única pessoa feliz aqui está dançando com ele e só tem sete

anos, ela não tem noção do que são os problemas dos adultos.

— Eu mal sei o que dizer, Luíza, apenas que tenha fé. Tudo o que fizermos com dor será compensado um dia. Tenha fé, querida. Sorria agora. Seu sorriso é lindo, sabia?

— Você é um bom amigo, Tomás. Por que eu não me apaixonei por você? Você é tão mais fácil.

— Eu não seria capaz de trair meu irmão, ela era louco por você. E sabe o que eu penso? Que por trás dessa loucura de vocês, dessas birras e brigas sem sentido, vocês são loucos um pelo outro.

— Só você para me fazer rir, Tomás!

— Você tem tudo e todas as oportunidades para ser feliz, Luíza, é só aproveitar.

— Adoro você, Tomás!

— Eu sei disso, as mulheres não resistem ao meu charme. E agora vem, preciso dançar com minha sobrinha linda e você com seu marido.

— Tomás, não... por favor, não! Você não ouviu nada do que eu disse agora?

— Relaxa, Luíza! Tenha calma, aproveite a festa. Irmão, conceda-me a honra de dançar com essa linda princesinha enquanto você reassume o posto com sua belíssima esposa.

Tomás quase me arrastou para os braços de Guilherme. Ele colocou as mãos em minha cintura e percebi que não tinha raiva nos olhos como antes. Parecia realmente estar mais tranquilo hoje. Até senti uma ternura em seu olhar, senti que ele tinha uma alma por trás daqueles gestos duros e palavras grosseiras de sempre. Ele estava sereno, seus olhos pareciam os de um anjo. Ele não disse nada, apenas nos olhamos, calados. Senti seus braços me apertando e me aproximando mais para perto e, nesse momento, ele me beijou.

Seus lábios colaram nos meus de maneira carinhosa e gentil. Se não fossem nossas brigas até a véspera do casamento, eu diria que aquele era um beijo de amor. A música dizia que “um beijo molhado de luz, sela o nosso amor”. Confesso que sentia-me carente, sentia necessidades que haviam despertado em mim quando fui crescendo e mais ainda depois que o conheci, mas que estavam adormecidas até então. Aquela torrente de emoções me acometeu com bastante intensidade desde que o reencontrara nos EUA e ele havia me beijado, mesmo como punição, com violência, mas os instintos não ficaram imunes e aquele beijo de Guilherme despertava em mim o mais animalesco dos instintos básicos do ser humano.

Entreguei-me àquele momento, retribui o beijo, meu corpo tremia de desejo, não me importei se estávamos na frente de outras pessoas, eu nem pensei nelas, apenas me entreguei. Coloquei meus braços em volta de seu pescoço e o abracei com força, queria ir além, queria ser possuída por aquele homem, e quanto mais o beijo se aprofundava, mais eu o queria.

Suas mãos em minha cintura me afastando dele me fizeram perceber o vexame que eu estava passando. Estava tremendamente excitada, e como tudo tem um lado ruim, a pior parte foi olhar o sorriso cínico dele, sentindo-se como se tivesse vencido aquela guerra.

— Calma, “meu” amor! As pessoas podem notar que você está louca de desejo para se jogar em meus braços. Agora tenho certeza de que você me deseja. Mais tarde resolveremos isso.

Com o coração ainda batendo acelerado e sem recuperar direito o fôlego, não consegui dizer mais do que uma dúzia de abobrinhas. Eu não permitiria que ele ganhasse essa. Procurei me acalmar e respondi.

— Estou apenas fingindo, “meu” querido. Não foi você quem disse que as pessoas têm que pensar que nos amamos perdidamente? E então, ganho o Oscar ou não pelo meu desempenho estupendo?

— Você é cínica e dissimulada demais!

— Tanto quanto você, “meu” amorzinho!

— E eu vou adorar dominar essa fera.

A música terminou e ele me levou a cada mesa para cumprimentar os convidados, em seguida nos despedirmos para sairmos em viagem.

Já em casa, fiquei parada no meio da sala, pois, durante os preparativos para o casamento, sequer fui lá para conhecer o lugar, não queria conhecer minha prisão.

— O que foi?

— Nada. Você deveria ter me levado para minha casa, minhas malas ainda estão lá.

— Não estão. Aqui agora é sua casa. Suas malas estão em um dos quartos que fica no andar de cima.

Não saí do lugar. Fiquei imaginando onde seria minha cela.

— O que foi agora?

— Em que quarto?

— Lá em cima.

— Teremos dois quartos?

— E por que diabos teríamos dois quartos?

— Nós iremos dormir no mesmo quarto?

— O que você acha? Você é minha esposa, lembra? Casamos há cinco horas atrás.

— Mas eu pensei... não foi isso que combinamos.

— Pensou o quê? O que combinamos? Não lembro de haver combinado nada com você.

— Você me prometeu que seria um casamento de fachada.

— Eu não prometi nada disso. Você me ouviu falar essa palavra?

— Não, mas... foi você quem disse que esse casamento teria prazo de validade, dois anos, lembra?

— Dois anos, no mínimo... você deveria ler atentamente os contratos que assina. Ah, mas é verdade. Você não quis assinar contrato algum, portanto o casamento é à moda antiga, amorzinho,

palavras suas.

— Você não vê que isso não tem o menor sentido?

— O que não faz sentido é dormirmos em quartos separados com Helena no quarto do meio. Você está louca? Ela é uma criança e crianças falam o que não devem.

— Eu não quero brigar, Guilherme, mas...

— O que você ainda não entendeu, Luíza? Nós nos casamos! Isso aqui é uma aliança, tem outra em seu dedo. Agora suba rápido para irmos ao aeroporto, não podemos nos atrasar e perder o voo. Você tem apenas três horas, se demorar mais do que isso, mais tempo durará sua vida comigo.

— Guilherme, sinceramente, não me interessa se você vai perder o voo ou não. Eu...

Repentinamente, Guilherme pegou em meu braço firmemente e subiu as escadas comigo, levou-me impacientemente para o que seria o nosso quarto e depois saiu. Percebi que minhas roupas estavam guardadas no guarda roupa e a mala que eu havia aprontado estavam a um canto. Ele havia pensado em tudo. Deitei-me na cama para descansar, mas para evitar mais contendas, levantei-me vinte minutos depois.

Na hora de colocar o vestido eu tive ajuda, com certeza precisaria de ajuda para tirá-lo também. Só tinha ele e eu não queria pedir seu auxílio, tampouco danificar o vestido. Apesar do momento, queria guardá-lo como lembrança de que um dia vesti um vestido de noiva e fiz um juramento diante de Deus de amar e respeitar aquele homem até que a morte nos separe. Acho que a morte terá mesmo que vir ao nosso encontro. Acabaríamos por nos matar, no mínimo, de raiva um do outro. Na hora da célebre frase, pedi veementemente o perdão de Deus por fazer um juramento falso. Eu não queria prometer algo que não pensava em cumprir.

Saí do quarto e fui à sua procura, e à medida que ia abrindo algumas portas, deparei-me com o quarto de Helena.

Era lindo, todo rosa e branco. Parecia que ele havia entendido a filha e realizado seus sonhos. Ela iria amar aquele paraíso que ele aprontou. Fiquei deslumbrada com a beleza daquele cantinho, ele exalava amor, eu não podia duvidar do amor dele por ela, aquilo tudo era lindo demais. Estava ali olhando cada detalhe quando ele chegou.

— Gostou?

— É lindo!

— É verdade! Por que você não está pronta ainda?

Guilherme acabou com o meu entusiasmo por aquele cantinho lindo que seria de nossa filha e me dirigi de volta ao meu, quer dizer, *nosso* quarto, e ele entrou logo em seguida.

— Nós temos que sair daqui a, no mínimo, duas horas e meia.

— Você já disse isso! Mas eu não posso ir vestida dessa maneira a não ser que você me ajude a tirar esse troço aqui.

— Então é isso? Vire-se!

Fiquei de costas e ele lentamente levantou meus cabelos soltos, colocando-os à frente do meu corpo. Ele abria os botões que eu não conseguira abrir, um a um, lentamente, e tocava minha pele à medida que o vestido ia abrindo. Chegando à cintura, ele percorreu minhas costas com a mão e isso deixou meu corpo em brasa. Senti um tremor e não era de frio. Ele suavemente beijou minhas costas, a nuca, e vagarosamente me virou de frente, procurando meu pescoço muito carinhosamente, e eu busquei seus lábios e o beijei. Beijamo-nos gentilmente no início, tornando o beijo provocativo, e enquanto acariciava minhas costas, puxou meu vestido. Suas enormes mãos tocaram minha pele, o que fez com que um arrepio de excitação percorresse todo o meu corpo e eu gemi de desejo. Sua boca era quente e macia, sua língua buscava a minha com urgência. Perdi a razão. Eu procurei os botões de sua camisa, abri, puxei-o ainda mais para perto de mim, ele fazia o mesmo, puxando minha cintura, levando as mãos aos meus quadris, apertando-os de encontro à sua pélvis para que eu sentisse sua ereção. Eu usava minhas mãos num frenético ritmo entre acariciar seu peito e desalinhar seus cabelos, que haviam sido tão bem penteados na cerimônia e ainda mantidos à base de gel, e as suas percorriam todo o meu corpo, meus seios e minha barriga, num delirante vai e vem, sobe e desce.

Ele então me deitou na cama e continuamos nos beijando no ritmo da necessidade animal que nos invadiu a alma, eu queria não ter que pedir que ele me penetrasse o corpo, que apenas o fizesse, ele me tinha ali, pronta, esperando por ele, faça-o, Guilherme, mas o que ele disse entre um beijo e outro fez cair por terra todo aquele momento de magia que vivíamos.

— Não parece que você me odeia tanto assim. E nem temos plateia para você dizer que está fingindo. Quando eu a possuir, quero fazer isso bem devagar, no meu ritmo. Agora vamos. Teremos tempo depois para isso.

Quase morri. Senti-me humilhada ao cair em sua armadilha novamente. Com um sorriso cínico no rosto, falou que se continuássemos ali, perderíamos o voo, mas teríamos tempo depois. Tempo? Como eu me deixei encantar por aquele cretino daquela maneira, como permiti isso? Infelizmente, tive que concordar para não começarmos uma briga novamente, mas eu estava totalmente frustrada com a situação. Meu Deus, eu desejava aquele homem. Como pude pensar que não iria cair em tentação estando todos os dias com ele, principalmente agora que iríamos dormir na mesma cama? Não posso e não quero me apaixonar novamente por Guilherme.

Eu já havia ido à Itália uma vez a trabalho, mas não tive tempo para passear ou conhecer os pontos turísticos em Veneza, Roma e outros. Não sabia o que me esperava naquele país, Guilherme havia dito que estava lá a trabalho, então era esperar para ver. Desde o episódio do quarto que não brigávamos, mas também não conversávamos, apenas trocávamos algumas palavras.

No check in do hotel, em Veneza, nos registramos e subimos. O Hotel se chamava A La Commedia, coincidentemente — pois eu estava achando tudo aquilo uma grande comédia — e ficava a apenas 200m da Ponte Rialto.

Acomodamo-nos e tratei logo de ir tomar um banho. Após tantas horas de viagem, todos merecem um banho quente e relaxante. Sentia-me pouco à vontade com ele naquele quarto de hotel, pois o que havia acontecido entre nós no quarto de nossa casa, quando nos beijamos e, indubitavelmente, deixamos aflorar nosso desejo, mesmo ele sendo tão cínico em seguida.

Não tenho esperanças de que minha vida com ele vá ser das melhores, pelo que eu pude avaliar, ele está bastante inconstante, oscilando entre o cavaleiro medieval, estúpido e grosseiro e o *gentleman* inglês, que faz a corte da donzela que pretende desposar. Tipicamente bipolar! O bom mesmo foi relaxar naquela enorme banheira com água quente e espumas borbulhantes. Acho que dormi, pois só percebi que havia demorado tanto quando abri os olhos e o vi ali, sentado à beira da banheira, me olhando. Por um momento, esqueci-me de quem se tratava, onde estávamos ou o que havia acontecido, eu realmente me desliguei dos problemas, só conseguia olhar para aqueles olhos verdes que me hipnotizavam. Ele sorria. Seu sorriso era branco e encantador. Sua boca carnuda e bem desenhada era um convite à lascívia. Era um sonho lindo! Deus, não era um sonho, era verdade. Ele estava ali, à minha frente. Só depois me lembrei de onde estava. Percebi que ele já havia tomado banho e trocado de roupa graças ao banheiro ao lado, procurei o roupão e esse estava longe.

— Eu a assustei?

— Sim... Não... é que eu acho que dormi, não percebi as horas passarem.

— É verdade, você dormiu, mas foi apenas durante uma hora. Você demorava tanto no banho e estava tão silenciosa que vim conferir o que havia acontecido. Você sabe que é extremamente perigoso tomar banho de banheira e adormecer? Você poderia se afogar.

— Então você veio conferir se eu ainda estava viva?

— Basicamente. Bem, se terminou, apronte-se, teremos que sair.

— Prefiro ficar aqui e descansar.

— Esteja pronta em meia hora. — E dando essa última “ordem”, jogou o roupão em minha direção.

Eu pensei: “*pronto, já foi possuído por seu gêmeo mau.*” Sinceramente, aquela instabilidade já não era mais novidade, o pior estava apenas começando. Eu não sei o que ele veio tratar aqui, mas, como boa jornalista, me interessava bastante.

O negócio foi uma palestra seguida de explicações, vídeos, discursos muito proveitosos e importantes para a economia do país, porém o jantar não ficou por conta desse encontro. Saímos e ainda bem que fomos a esse compromisso, pois não sei se teria assunto para conversar com ele. Discutimos sobre o que vimos no encontro e demos nossas opiniões, divergimos e concordamos em

algumas coisas, foi bastante salutar para ambos, ao menos não brigamos.

Tivemos uma noite bastante pacífica, isso eu posso dizer, pois fizemos alguns passeios típicos de turistas, a pé, sem brigas, sem animosidades ou troca de ironias, parecíamos amigos.

Voltamos ao hotel e novamente o silêncio constrangedor tomou conta de nós no elevador. Subimos ao quarto, ele tirou o paletó e a camisa, pendurando-a no tripé, e se dirigiu ao banheiro. Entrei no outro banheiro, tomei meu banho e me vesti lá mesmo. Chegando no quarto, ele estava deitado na cama, vestindo apenas um calção de cetim. Senti-me constrangida, pois não sabia o que fazer, estava na dúvida se deitava na cama ou no sofá que eu vira na antessala do quarto. Mas o sofá não acomodaria bem meu corpo, uma vez que eu era alta, e, sinceramente, dormir no sofá não era comigo. Fiquei parada de pé e, finalmente, perguntei:

— Você vai dormir aí?

— Claro! Você está vendo outra cama?

— Não. Mas eu pensei que você fosse... eu não pensei que...

— Fala logo!

— Eu... eu... eu não pensei que fossemos dormir juntos.

— Dormir na mesma cama não significa que teremos que dormir juntos.

— Mas...

— O quê? Do que você tem medo, Luíza? De implorar mais uma vez?

Como eu odiei o que ele falou naquele momento. Não permitiria que ele percebesse que havia me atingido e não me calei na resposta.

— Você até que tem razão! A culpa é minha. Mas, sinceramente, acho que você é quem tem tanto medo, pois não se esqueceu mesmo, hein!

— Você tem razão. Eu nunca me esqueci. O que sei é que nos casamos, concordamos em fingir, mas não quer dizer que não vou ter alguns direitos sobre você e você obrigações com seu marido. Mas vou saber esperar pacientemente.

— Em que século você pensa que nós estamos? Direitos sobre mim, obrigações com você? Pode esperar sentado que em pé cansa.

— Veremos, minha querida.

— Não vou dormir com você.

— Não foi o que pareceu ontem.

— Carência, apenas isso. Vocês, homens, não sentem vontade de ter sexo? Pois sim, você já ouviu falar em igualdade de sexos, não? Hoje em dia fazemos muito isso, sexo sem compromisso.

Então me deitei na cama bem afastada dele e bem encolhida. Ele ficou de costas para mim. Na manhã seguinte, dormia bem relaxada quando senti um peso em meu quadril e que estava presa pela cintura a Guilherme, como há oito anos. Lentamente, o afastei de meu corpo para que não acordasse,

não que ele pesasse tanto, mas me segurava firmemente, eu mal consegui tirar sua perna, suas mãos me prenderam ainda mais. Congelei naquele momento ao ouvi-lo pronunciar meu nome. Ele estava sonhando comigo, no mínimo, procurando uma maneira de me ofender ainda mais. Obrigatoriamente, tive que ficar deitada e abraçada a ele, pois ele me prendia com força, então me forcei a dormir um pouco mais e sonhei com coisas loucas. Acho que me agitei com o sonho, pois acordei com Guilherme balançando meu ombro e dizendo “*está tudo bem, Luíza, é apenas um sonho!*” Quando o vi, tinha os cabelos molhados, vestindo apenas uma calça comprida jeans e descalço. Os anos foram muito gentis com ele. Estava ainda mais bonito com aquele corpo bem definido. Como seria bom se o tempo pudesse voltar. Eu não me arrependo daquela noite, apenas do que nos transformamos hoje. Estamos tão diferentes. Olho para ele e sinto apenas uma atração sexual, mas quando me lembro da maneira como me trata, essa atração se acaba quase que instantaneamente.

— Você estava sonhando. É comum você falar durante o sono?

— Não sei. Nunca dormi com ninguém para saber.

— Você está querendo me dizer que nunca dormiu com ninguém a não ser comigo?

— Eu não disse isso.

— Você passou a noite inteira falando. Até dormindo você tem um gênio difícil. Tive que passar a noite acalmando você.

Nem me dei ao trabalho de responder aquela provocação. Levantei-me da cama e fui logo tomar um banho, escovar os dentes e tomar o café da manhã. Mas, quando olhei no relógio, já passava do meio-dia. Nossa, como dormi. Bem, eu ainda estava de roupão quando voltei ao quarto e perguntei se ele tinha algum compromisso hoje, então me respondeu: “*sou todo seu!*” Não por isso, sintase livre, falei.

— O que você pensa que vai fazer? Sair sozinha?

— E por que não?

— Vá sonhando, “meu amor”. Agora se troque, iremos almoçar e depois conhecer alguns pontos turísticos; à noite, vista-se com roupas sociais, pois iremos a um coquetel do Il Corriere d’Italia.

Como sempre, o dia foi muito proveitoso, fizemos passeios pelos principais pontos turísticos de Veneza como os tradicionais passeios de gôndola e tomamos os famosos sorvetes... hum, deliciosos. Na manhã seguinte, fomos a Roma e ficamos três noites. Visitamos os museus vaticanos, subimos a cúpula da Igreja de San Pietro, no Vaticano, e como não podia faltar, a Fontana de Trevi. Lá, ele me deu algumas moedas para eu jogar na fonte e fazer um pedido. Se eu jogasse uma moeda, voltaria à Itália, e quanto mais moedas eu jogasse, mais chances eu teria de que meu pedido fosse realizado. Ele me disse que jogou três. Na manhã seguinte, viajaríamos à Sicília e de lá seguiríamos para a Toscana.

Uma noite, quando estávamos na Sicília, jantávamos no restaurante do hotel que ficava num terraço e dava para uma vista belíssima, ficamos até mais tarde, bebemos um pouco mais, observávamos a vista e muitos casais namoravam ao nosso redor quando ele, talvez envolvido pelo clima e pelo vinho, me beijou. Eu também havia bebido por insistência dele, mas não o suficiente para me deixar sem raciocínio, o fato é que ele visivelmente não parecia estar tão lúcido. O beijo que ele me deu foi tão louco e inesperado que nem deu tempo para eu evitar. Ele me puxou para o elevador, para irmos ao quarto, e eu me deixei embalar por sua loucura. Sozinhos no elevador, ele me abraçou e me beijou como se fosse me possuir ali mesmo, nos beijávamos insaciáveis de desejo, ele pegou minha mão e a levou ao seu membro para mostrar o quanto estava excitado. De repente, nem sei como, estávamos no quarto, deitados na cama, nos beijando e tirando as roupas apressadamente. Naquele momento, o pouco de lucidez que me restava veio à tona. Senti-me excitada, era verdade, mas me lembrei das últimas vezes em que respondi às suas carícias. Soltei-me de suas garras e corri ao banheiro para me desvencilhar dele e tomar um banho frio, pois eu também precisava me acalmar.

Quando voltei, ele estava deitado na cama, caído em sono profundo. Achei melhor assim. O que foi aquela loucura toda? Foi apenas o momento e nos deixamos envolver pelo clima romântico da Sicília, dos casais enamorados no terraço do restaurante? Estava tudo meio confuso agora. Percebi que todas as vezes em que tivemos contato físico, senti certo prazer, se eu já não o amava mais, porque tinha que lutar contra esse desejo que me possuía quando ele me tocava?

Capítulo 10

Voltamos três semanas depois. Assumi meu posto de editora chefe no canal de TV, e, como era ano eleitoral, - escolheríamos o novo prefeito de Recife - eu trataria de coisas sérias, não apenas noticiários cotidianos, pois sempre me identifiquei com a política, e, para mim, os debates e as propostas políticas de cada candidato eram coisas pelas quais eu me interessava.

Enfim, tudo estava indo muito bem no trabalho e pouco via Guilherme, quando ele chegava, ou eu estava trabalhando já em casa, no escritório, ou estava dormindo.

Todas as manhãs, ele levava Helena para a escola e eu a buscava no almoço. Três vezes por semana, ela ficava o dia inteiro por conta das atividades extracurriculares e ele sempre a pegava ao final do dia. Levávamos essa rotina já há dois meses, não brigávamos, só de vez em quando soltávamos nossas farpas. Para quem disse que minha vida iria se tornar um inferno, ela até que estava pacata.

Nesses dois meses, nunca fizemos sexo. E nunca mais tivemos contato algum, principalmente como o da última vez na Sicília. Às vezes, quando eu acordava antes dele, ele estava sempre abraçado a mim pela cintura, puxando-me ao encontro de seu corpo. Eu sempre tentava me desvencilhar, mas não conseguia, era patético, pois tinha que ficar ali abraçada até ele acordar, e o pior de tudo é que eu gostava daquele contato. Ele me parecia sempre tão cansado e tão frágil quando estava ali, dormindo indefeso. Não tenho certeza, mas acho que as pessoas pensavam que éramos um casal perfeito, pois estávamos sempre juntos nas solenidades do meu trabalho ou no dele, bem como nas festas de fim de semana que porventura surgissem ou na escola de Helena, sempre sorrindo, de mãos dadas — porque ele sempre me prendia. Vez ou outra ele deixava escapar um beijo em meu pescoço, mas quando chegávamos em casa, éramos totalmente mudos.

Hoje pela manhã, ele me avisou que iria viajar e passar duas semanas fora. Achei ótimo, assim eu ficaria mais à vontade naquela casa que, apesar do conforto, não sentia que era ali que eu morava. Eu tentaria aproveitar a piscina no fim de semana com Helena.

A primeira semana passou rápido e, no sábado da segunda semana, quando eu tive uma folga, levei Helena para passear num shopping e comprarmos alguns itens pessoais. Estávamos numa loja de brinquedos quando Helena encontrou uma menina linda, de uns cinco anos mais ou menos, brincando com uma boneca. Ela aproximou-se da garotinha e logo fez amizade.

Ela sentia a necessidade de ter uma irmã, sentia-se sozinha, quando menorzinha cobrava isso de mim. Eu achei tão lindo ela cuidar daquela garotinha como se fosse sua irmã. Paguei o que ela pediu

e retornei ao local onde elas estavam e, surpreendentemente, um homem estava sentado com a garotinha no colo e brincando com as duas meninas. Ele estava de costas e só quando me aproximei que ele se virou e eu o reconheci.

Fazia mais de sete anos que não nos víamos. Ele continuava bonito. Os cabelos lisos e castanhos continuavam os mesmos. Seu sorriso era o mesmo dos dentes brancos perfeitos de quem usou aparelho ortodôntico por muito tempo. Pensei que ele fosse me ignorar, mas ele não fez isso, afinal de contas, Rodrigo sempre foi muito sensato e racional, com exceção de quando quis casar-se comigo quando eu tinha apenas dezoito anos.

Ele hoje contava trinta e três anos e ainda possuía os mesmos traços dos vinte e cinco de quando namorávamos. Ele colocou a garotinha no chão e se dirigiu a mim, surpreso, abrindo os braços longos para me aninhar num abraço.

— Que surpresa boa, Luíza! Nunca pensei que fosse voltar a te encontrar um dia. Apesar de querer sempre. Como você está, o que está fazendo, onde mora? Eu soube por amigos em comum que você não morava mais no Brasil.

— Eu estou bem, Rodrigo. Estou trabalhando com o jornalismo. Graças a Deus, faço o que gosto, e estou morando aqui mesmo, voltei para o Brasil há pouco tempo. — Não quis dizer que havia me casado e que morava com o pai de minha filha, por isso tratei de mudar logo de assunto, perguntando sobre ele.

— Estou na capital, como sabe, sou promotor, tenho essa filha linda...

— Que bom, Rodrigo, você se casou. Construiu uma família.

— Não casei, tenho uma filha. É, me envolvi com pensão alimentícia, mas nada de confusão. A mãe da minha filha também é uma promotora e estamos tranquilos quanto a isso, nada de brigas para o bem dela.

— E como ela se chama?

— A mãe dela? Você não a conhece.

— Não, como se chama sua filha.

— Maria.

— Que lindo! Ótima escolha.

E quando fui cumprimentar a garotinha, essa, muito inteligente que era, corrigiu o pai, dizendo que o nome dela era Maria Luíza. Fiquei realmente sem jeito, a menina tinha o meu nome. Olhei para Rodrigo e ele me lançou um sorriso torto e sem graça.

— Não pude evitar. Acho que o primeiro e grande amor a gente nunca esquece mesmo. Mesmo aprendendo a viver sem ele, é um amor que dilacera a alma, você leva anos para fazê-lo dormir até que ele fica lá, dormindo, pois um outro grande e mais poderoso amor surge na figura de uma filha.

Pensei no que Rodrigo falava sobre nunca esquecer o primeiro amor e me vi refletida naquelas

palavras. Eu começava a entender que não havia esquecido Guilherme. Eu apenas o havia colocado para dormir em meu coração.

— Nem sei o que dizer, Rodrigo.

— Não diga nada, apenas aceite tomar um sorvete comigo e com minha filha.

— É pra já!

Até aquele momento, eu não havia falado nada sobre Helena ser minha filha. Quando sentamos na sorveteria, ele me perguntou sobre ela, pensando se tratar de minha irmã mais nova. Ele pensou que fosse filha de minha mãe com Joaquim. Quando eu contei que era minha filha, percebi que ele fazia contas mentalmente e, de cabeça baixa, olhando para o sorvete que tomava, mexendo de maneira que não ia tomá-lo, me perguntou de quem.

— Luíza, eu não sou excelente em matemática, mas... namoramos quando você tinha dezesseis para dezessete anos, estávamos juntos quando você fez dezoito, nunca tivemos nada, eu...

— Rodrigo, esse não é o lugar para falarmos sobre isso.

— Quem é ele, Luíza? Foi por causa dele que você não aceitou meu pedido? Você já estava grávida de outro?

— Não! Eu não estava grávida. Por favor, Rodrigo, vamos mudar de assunto agora.

— Eu mereço saber.

Helena e Maria Luíza, que não estavam tão atentas à conversa, então, na tentativa de impedir que elas ouvissem alguma coisa, ofereci-lhes mais sorvete e vibraram com a oportunidade de, além de tomar mais sorvetes, andar nos brinquedos da praça de eventos onde estávamos, dessa forma foi possível que conversássemos sem que corrêssemos riscos.

— Luíza, eu não consegui parar de pensar em você esse tempo todo. E agora que eu te encontrei, não quero mais te perder. Perder você duas vezes não é saudável. Outra coisa que não parei de pensar é em quem é o pai dessa criança.

— Você não conhece.

— Olha que eu conheço um monte de gente, hein...

— É, mas pra que mexer nisso agora?

— Eu preciso saber, Luíza. Você me traiu com ele, foi por isso que não aceitou meu pedido de casamento? Eu me lembro de que você era toda indecisa sobre sexo e, de repente, você faz, tem uma filha e ele ainda te abandona?

— Não foi nada disso, Rodrigo.

— Quem é o pai?

— Rodrigo, por favor...

— Por favor, Luíza!

— O nome dele é Guilherme Sobral. De fato, eu o conheci quando ainda namorávamos, mas nunca tivemos nada, apenas me encantei com ele.

— Guilherme Sobral? O mesmo Guilherme Sobral, presidente do Jornal de maior circulação do Estado? O mesmo jornal em que você começou estagiando? Mas ele era um velho, Luíza!

— Ele não é um velho! Conhecemo-nos fora do jornal e nos encontramos quando eu estagiava lá, era caloura na universidade, mas...

— Você me traiu com ele?

— Eu já disse que não. Foi depois que rompemos. Não quis me casar com você porque não podia te enganar, não queria me casar e nos fazer infelizes.

— E me fez infeliz sozinho.

— Pior seria se eu tivesse me casado com você sem amá-lo.

— Eu te amaria do mesmo jeito. Ouvi dizer que ele se casou recentemente. Ele sabe da existência de sua filha.

— Rodrigo, eu sinto que vou te decepcionar de novo, mas você tem que saber. Guilherme não me abandonou à própria sorte... não exatamente assim. Ele não sabia que eu havia engravidado.

— Pior ainda. Se ele não sabe que tem uma filha, eu posso ser o pai dela.

— Não, Rodrigo. Eu nunca menti para minha filha sobre o pai dela. Eu também nunca contei a ele sobre a existência dela, até eu trabalhar com Tomás, seu irmão, e descobrir tudo e exigir que eu contasse a verdade a Guilherme.

— Então ele sabe agora e mesmo assim não se importa? Vai ver ele não tem idade para cuidar de uma criança. Meu Deus, Luíza, como você teve coragem? Um cara velho demais pra você.

— Para com isso, Rodrigo. Ele não era velho para mim, tampouco o é agora. E agora ele sabe, sim, da existência de Helena e ficou muito zangado comigo por não haver contado, ameaçou tirá-la de mim, eu morava nos EUA na época e ele entrou com um pedido de guarda, então precisei voltar. Você é pai, você entende, eu não podia permitir que ele a roubasse de mim.

— E por isso você voltou?

— Voltei.

— Nenhum juiz é louco o bastante para tirar a guarda de uma mãe, a não ser que tenha motivos sérios. Ele tem que ouvir o ministério público, eu falo com alguns amigos meus para saber quem é o de seu caso e você fica livre desse canalha.

— Ah, Rodrigo, o juiz do qual você fala não se encaixa no que julgou meu caso. Ele é completamente sem noção, maluco mesmo. Estamos no ocidente, meu Deus, senti-me como se tivesse sido estuprada e ter de casar com meu ofensor para que ele não seja punido. Gostaria de ter te encontrado antes. Infelizmente, te encontrei só agora, eu não sabia a quem recorrer, então...

— O que eu não entendi é que agora ele sabe da existência de sua filha e quer ter direitos sobre ela, mas casou-se recentemente com outra.

— Sim, ele se casou. Mas a notícia sobre o casamento dele foi comigo.

— Você se casou com ele, Luíza? Mas, por quê?

— Eu precisava.

— Ele te coagiu a casar com ele? Ele não tem caráter. Eu jamais faria uma coisa dessas com você.

Se ele amasse a menina, não faria você sofrer dessa maneira. Ele é mesmo um idiota egocêntrico!

— Vamos esquecer isso. Agora temos que ir. Está ficando tarde.

Apesar da loucura que foi o dia e o reencontro com Rodrigo, dormi bem naquela noite. Eu e Helena passamos o domingo na piscina, foi muito bom para nós. Na manhã seguinte, eu tinha muito trabalho a fazer e pretendia dar continuidade a uns projetos que havia pensado em desenvolver, paralelo aos debates políticos.

Atrasei-me e Helena já estava de pé, a empregada já a havia preparado e eu corri para tomar um banho. Não gostava de me atrasar, pois tendia a esquecer uma coisa ou outra e Gilda, minha colega de trabalho, que havia conhecido antes de ser transferida para os EUA, adorava fazer chacotas comigo e um certo alemão. Ela era muito agradável, transbordava alegria aquela mulher. Sabia exatamente quando eu não estava bem e quando estava. Ultimamente, ela dizia que eu não estava muito bem, a luz em meus olhos não estava brilhando, estava se apagando e não gostava de me ver assim. Eu podia considerá-la uma boa amiga, pois sempre nos demos muito bem. Hoje, ela me disse que eu não estava tão bem quanto queria aparentar. E quando Gilda diz, Gilda está certa.

— É verdade, Gil. Eu ando pensando em meus projetos e quero que você me ajude, só isso. É muita coisa.

— Mas eu sempre ajudo e você sabe disso, mas alguma coisa está deixando-a tensa e você não diz o que é.

— Eu esqueci o meu celular em casa. E você sabe, sou escrava dele. Mas, tudo bem, na hora do almoço, quando eu for levar Helena para casa, eu o pego.

— Guilherme já chegou?

— Não.

— Quando ele chega, então?

— A qualquer momento.

— Por que você não chega em casa e se prepara toda para recebê-lo, hein? Por que não veste aquela lingerie especial e o seduz loucamente? Quando você voltou da lua de mel, parecia bem, agora só quer saber de trabalho. Você precisa se cuidar, menina.

— Gil, você não tem jeito mesmo. E ele não confirmou quando volta. Quando ele confirmar, vou

ouvir o seu conselho.

— Vocês são recém-casados. Mantenha a chama acesa o máximo que puder. Com homem é assim, minha querida, a gente deixa ele ir bem longe, bem longe mesmo, só que a corda, filha, está presa no fim no pezinho dele. A gente finge que ele é livre, mas, no fundo... está preso pra sempre.

— Você e suas teorias, né? Mas, tudo bem, eu vou em casa na hora do almoço e hoje nós não poderemos almoçar juntas, tudo bem pra você?

— Por mim, tudo bem. É por uma boa causa

Na hora do almoço, fui buscar Helena na escola, levei-a para casa e, para minha surpresa, Guilherme estava em casa. Ele mal respondeu “boa tarde” quando eu o cumprimentei. Não me importei, senti que tudo ficara tenso novamente com a sua volta. Subi para o quarto, entrei no banheiro, tomei um banho enquanto ele estava falando com Helena da viagem. Ele não parava de mimá-la e isso está errado. Prefiro que ela tenha menos desejos realizados para ter mais os pés no chão. As coisas não são tão fáceis como se imagina. A vida não é fácil.

Eu ouvia as vozes de ambos do banheiro. Eles estavam no quarto, sentados na cama. A felicidade dela foi grande com a surpresa da chegada dele em casa. Eu saí do banheiro ainda enrolada na toalha e o roupão por cima, e pedi licença a ambos para se retirarem e eu poder trocar de roupa.

— Por gentileza, filha, você pode ir para o seu quarto enquanto eu troco de roupa? Não posso me atrasar mais, querida.

— Ah, mamãe, mas você sempre trocou de roupa na minha frente. Você não está gorda, e eu não me incomodo se você ficar bem gorda.

Eu queria que ela sáísse porque não queria trocar de roupa na frente de Guilherme, e a pobre criança não entendia. Foi então que ele interveio.

Helena saiu e eu pensei que ele fosse fazer o mesmo. Ele apenas acompanhou a filha até a porta do quarto. Eu não tinha o que conversar com ele, sinceramente. E então, quando ele voltou, me surpreendi.

Já estava trocando de roupa apressadamente quando ele, de repente, entrou no quarto e trancou a porta. Seu olhar continha raiva e eu pensei: *Deus do céu, o que aconteceu com ele, qual será a personalidade que assumiu agora, a do médico ou do monstro?* Pelo visto, deveria ser a personalidade monstro do monstro. Quanta raiva! Falando entre os dentes e baixo para não ser ouvido. Imaginei que a viagem não havia sido proveitosa, as coisas não haviam dado certo. Ele parecia transtornado de ódio.

— Você pode me explicar o que diabos está acontecendo?

— Do que você está falando?

— Não se faça de idiota. Aliás, não queira me fazer de idiota.

— Eu não faço ideia do que você está falando. Seja claro, por favor, ou me deixe terminar de

trocar de roupa.

— Por que você está fazendo isso comigo, Luíza? O que foi que combinamos antes de nos casarmos? Nada de casos, nada de ser infiel. Eu a avisei de que você se arrependeria amargamente se viesse com esse tipo de comportamento.

— Você está louco!

— Estou louco mesmo? E o que essas mensagens em seu celular querem dizer?

Ele jogou meu celular em cima da cama e eu li as mensagens que haviam me enviado: *“Ontem foi o melhor dia da minha vida. Após oito anos, nunca pensei que poderia voltar a tê-la novamente.”* *“Eu ainda te amo, Luíza. Quero ficar com você.”* *“Cuidarei de sua filha como se fosse minha”.* *“Aquele homem não te merecia.”* E o remetente? Rodrigo. Definitivamente, Rodrigo estava delirando! Nem eu entendi porque ele havia enviado tais mensagens, não dei nenhuma esperança de que ficaria com ele. Eu lhe disse que eu e Guilherme estávamos casados. Todavia, não gostei de Guilherme haver bisbilhotado meu celular.

— Você não tinha o direito de bisbilhotar o meu celular.

— Tinha e tenho, sim. Ele passou a manhã tocando aviso de mensagens. Fiquei curioso. E não foi em vão. Eu não vou tolerar isso.

— A vida é minha e eu a vivo como quiser. Você não tem o que tolerar. Eu não sou sua propriedade ou sua escrava. Posso falar com quem eu quiser.

— Vive como eu quiser. O que foi que ele fez, hein? Está saudosista agora? Está querendo voltar a viver o passado com o janotinha? Você se abriu para ele? Você transou com ele?

— Para com isso, Guilherme, você está louco!

— Transar com ele é melhor do que transar comigo?

— Eu não sei. Não transei com ele nem com ninguém e você sabe muito bem disso. Para com esse papo, assim você vai me atrasar. Eu quero terminar de trocar de roupa, com licença agora, por favor.

— Eu não queria brigar com ele, então continuei vestindo minhas roupas, ignorando-o completamente. Definitivamente, eu não queria que minha vida se transformasse no inferno que Guilherme havia prometido.

— Você quer comparar agora o que é transar com ele e transar comigo? Ou você é tão vadiazinha que quer ficar com os dois?

— Não admito que você me ofenda dessa maneira. Eu já disse que não fiz nada com Rodrigo nem com ninguém.

— Deixa eu cheirar você, ainda está com o odor dele em seu corpo?

— Guilherme, você é doente!

— Fala, sua cínica! Você se lavou bem? Ou eu preciso dar banho em você para tirar a energia

dele de cima de você? Fala!

Eu pedia para que ele parasse com aquelas acusações, mas ele não parecia me ouvir, estava transtornado e pensei que, dessa vez, minha vida se transformaria verdadeiramente num inferno. De súbito, ele me puxou de forma nada delicada e me levou ao banheiro, abrindo o chuveiro bem forte enquanto puxava minha lingerie. Fiquei tão surpresa com toda aquela loucura dele que não tinha forças para reagir, não aguentei e chorei. Ele pegou o sabonete e esfregou em mim, em meus braços, em minha barriga, em meus seios, em meu ventre. Parecia um louco. Quando escorreguei na parede, chorando, ele parou... e me abraçou. Dizia que eu lhe pertencia. Então me beijou o pescoço, os lábios, sentia urgência e aquele beijo despertou de vez em mim um desejo adormecido por ele. Eu o beijei de volta, abri sua camisa molhada com toda a força, deixando os botões saltarem pelo chão, beijei seu peito, ele segurava meu rosto com as duas mãos e beijava minha boca num vai e vem frenético entre meus lábios e meu pescoço, eu tirei seu cinto e abri sua calça jeans e, completamente nus e molhados no chuveiro, ele me possuiu. Parecíamos dois leões famintos, mas a nossa fome era desejo, um desejo enorme de sexo. Dali ele me levou para a cama, e, sem nos preocupar com o fato de estarmos molhados, pois isso não interessava no momento, chegamos ao clímax. Mantivemo-nos abraçados por um tempo, seu corpo pesado em cima do meu, me permitia sentir seu coração bater acelerado, respiração ofegante, estávamos exaustos. Havíamos extravasado a libido que existia dentro de nós há muito tempo, e, confesso, eu queria isso desde a primeira vez em que nos reencontramos. Estávamos completamente extasiados! Adormecemos por um tempo, abraçados, e só acordei quando senti que o peso de seu corpo não fazia mais pressão sobre mim.

Quando levantei, ele não estava mais no quarto, e quando olhei no relógio, já passava das três da tarde. Eu tinha que voltar ao trabalho. Vesti-me e, quando perguntei sobre ele à empregada, ela disse que havia uns quinze minutos que ele saíra. “*Por que ele não me acordou?*” pensei. Lógico que ele não iria me acordar, ele jamais me pediria desculpas pelo tratamento que me dispensou. Senti-me ultrajada com seu abandono. Ele poderia ter ficado ao meu lado para permitir que eu me explicasse e se explicar por seu comportamento. Não me senti violada, senti apenas que eu queria, sim, aquilo há muito tempo, desde nossa viagem. Eu estava louca, eu queria mais, eu precisava de mais um pouco de Guilherme, mas se ele continuasse com a atitude de que sou sua posse, eu não teria sossego. De volta ao trabalho, Gilda tentou bisbilhotar minha vida, saber o motivo do meu atraso, mas não dei chance. Eu conhecia o tipo, iria falar horas e horas sobre o que eu fiz ou deixei de fazer.

— Nossa, Luíza! Você voltou iluminada! O que houve, você está linda!

— Continuo a mesma, Gilda. O que aconteceu em minha ausência?

— Aqui? Nada demais!

Então, continuamos o trabalho e as mensagens de Rodrigo também continuaram. Eram loucas mesmo. Eu tinha que dar um jeito nisso. Resolvi telefonar e marcamos de nos encontrar para o

almoço no dia seguinte. Mais tarde, quando cheguei em casa, Guilherme não havia chegado ainda. Eram onze horas e todos já estavam dormindo, menos eu, e nem sinal dele. Eu achei que fosse normal, visto que estive ausente duas semanas e precisava estar atualizado sobre o que havia acontecido no jornal.

Era madrugada, passei a mão no espaço ao lado da cama e não o encontrei. Onde ele estaria a uma hora daquelas e que horas eram mesmo? Tentei voltar a dormir, mas dormi pouco. Logo cedo, levantei-me, levei Helena na escola e fui trabalhar. Na hora do almoço, como combinado, fui encontrar Rodrigo.

— Eu acho que você não entendeu, Rodrigo. Casei-me com Guilherme porque quis.

— Ele te coagiu.

— Eu podia ter dito não. Ele não me obrigou a nada. Eu quis me casar com ele. Guilherme é um excelente pai para Helena. Eles se amam e estão felizes. Podemos ser amigos, mas se você insistir, nem minha amizade você terá.

— O que aconteceu com você, Luíza? Você não era assim.

Não vi que ele havia entrado e que estava ali, parado e de pé, puxando a cadeira para juntar-se a nós na mesa. Ele havia ouvido a conversa com Rodrigo e continuou minha frase, atrapalhando todo o diálogo que eu procurara estabelecer.

— Você não entendeu o que minha mulher disse? Nos casamos e somos uma família agora. Afaste-se de nós, doutor Rodrigo, ou eu posso destruir você.

— Tente. Você tem a imprensa, mas não tem a lei, a verdade.

— Eu tenho a opinião pública a meu favor. Já pensou, estampados nos jornais em letras garrafais “Promotor de Justiça tenta a todo custo destruir família, aliciando a lei a seu favor? E não ficaria por aí, meu caro doutor, eu iria além, vasculharia cada canto de sua medíocre vida, cada passo seu, cada infração sua, até de trânsito, eu estaria em sua casa, em seus pensamentos dia e noite, eu seria seu maior pesadelo.

— Chega, Guilherme! Para com isso! Eu não quero um escândalo. Vamos embora daqui. Perdoe-me mais uma vez, Rodrigo. Por favor, eu não queria te magoar novamente.

— Luíza, eu não te reconheço mais. Você era forte, tinha sonhos e agora está acabada, fragilizada por conta desse velho? Isso é próprio da síndrome de Estocolmo. Ele é um doente, Luíza.

— Cuidado, Dr. Rodrigo, eu o avisei.

— Por favor, Rodrigo, me perdoe. Eu falo com você depois.

— Não fala não, querida. Acho melhor você dizer a ele que nos pertencemos, meu amor. Isso há muito tempo. – E virando-se para Rodrigo, disse:

— Um telefonema só, uma mensagem de texto sequer para minha esposa, e você é um homem

destruído.

— Isso é uma ameaça?

— Eu não ameaço ratos.

— Então devo notificá-lo desde já?

— Como queira! Vamos, Luíza!

E ele me levou, segurando-me pelo cotovelo. Eu já o havia visto zangado comigo, mas pensei que as ameaças se resumissem apenas a mim e não aos outros. Fomos no carro dele, eu indaguei sobre o meu carro, mas ele disse que o levariam para casa. Quem o levaria, eu perguntei. Seus capangas?

— Você pode, por favor, me levar para o trabalho?

— De jeito nenhum. Você não trabalha mais hoje. Vamos para casa.

— Eu tenho muito que fazer.

— Não tem mais. Avisei a todos que você iria tirar a tarde de folga.

— Você é louco!

Num movimento brusco, ele acelerou o carro e mudou de faixa, fazendo um retorno, e nos levou diretamente para nossa casa. Subi de imediato para o quarto, e, em seguida, ele subiu atrás de mim. Mantive-me calma, não iria provocar sua ira ainda mais, não queria que ele falasse alto para a empregada não ouvir. Ainda bem que Helena ficava três vezes por semana o dia inteiro na escola por causa do *ballet* e dos esportes que praticava.

Ele trancou a porta atrás de si e, na sequência, veio ao meu encontro e me beijou. E, por mais que eu estivesse pensando em como tudo aquilo era loucura, não conseguia dizer não, não conseguia empurrá-lo e não querer seus beijos, pelo contrário, queria sempre, queria mais e mais, queria quando não estava com ele, quando não brigávamos, quando eu acordava e ele estava abraçado a mim com suas mãos em minha cintura e a perna prendendo as minhas. Eu não podia negar isso a mim mesma; também sentia que ele me queria, talvez não me amasse, mas me desejava assim como eu o desejava. Talvez fossem seus instintos de macho alfa que o faziam se comportar assim. Eu não posso dizer sobre outros, pois nunca os havia conhecido, mas Guilherme, para mim, era o amante perfeito, sempre cuidadoso, carinhoso e preocupado com o meu prazer. Ele sabia exatamente onde me tocar, onde me beijar e a intensidade dos movimentos que me faziam gritar de prazer. Olhávamo-nos todas as vezes em que íamos atingir o clímax, nos beijávamos e eu sentia seu líquido jorrando dentro de mim através de seus espasmos de prazer. Eu queria decifrar seu olhar nesse momento. Eu podia jurar que ele era o mesmo Guilherme que conheci há anos. Eu o olhava e sentia que estávamos perdendo muito tempo agindo daquela maneira. Eu não queria viver assim, não conseguiria aguentar dois anos brigando com alguém quando, na verdade, queria paz. Eu sabia que tínhamos uma ligação, deveria haver mais do que só desejo entre nós, eu podia sentir, mas não iria dizer isso a ele, ele teria que perceber.

— Você é minha, Luíza.

— Eu não sou de ninguém, Guilherme. Eu não sou sua, não sou seu brinquedo, seu fantoche. Você não é meu dono. — Eu disse isso com os olhos cheios de lágrimas. Não sei até quando aguentaria aquela situação.

— Você é minha, sim. — Ele falou, se aproximando de mim e me abraçando.

— Eu quero ficar sozinha, por favor.

— Nada disso. Vamos tomar um banho juntos. Temos a tarde toda para nós.

— Guilherme...

— Chega, Luíza. Eu já tive paciência demais com suas atitudes. Somos casados e está na hora de você compreender isso. Você é minha mulher e será em todos os sentidos daqui pra frente.

Então era isso, eu era apenas sua propriedade. Ele preparou um banho relaxante na banheira e, em seguida, puxou minha mão, me levando até o banheiro. E foi como se um botão fosse ligado em meu corpo, eu ansiava de desejo por aquele homem, ele havia se tornado meu vício em tão pouco tempo que era assustador.

— Somos muito bons juntos, Luíza. Você me enlouquece. Juntos nós somos como brasa e podemos causar um incêndio de grandes proporções.

Quando entramos na banheira, me cobri com os braços por instinto, e ele me lançou um olhar de espanto.

— Você está com vergonha de mim? Não acha que passamos desse estágio? — ele me perguntou, tirando o roupão e despidoradamente exibindo aquele corpo maravilhoso, cópia perfeita da estátua de David, monumental em toda a sua glória, exposta em Firenze, em seguida entrando na banheira também.

Senti vergonha por isso, pois pensava que antes ele não tinha tempo de olhar meu corpo e agora, ali, ele estava me analisando de cima a baixo, e totalmente desnudo de roupas e de pudores se mostrava pra mim. Percebi que, apesar do contato físico que tivemos nas últimas horas, eu nunca o olhara daquela maneira, não olhara seu corpo por inteiro. Ali, fechei os olhos e me descobri até ele chegar perto de mim e me abraçar. Entreguei-me ao abraço dele, aos seus beijos, queria que o tempo parasse, que ficássemos para sempre naquela sintonia, naquela união, naquele momento do mais puro amor. Dei-me conta de que a nossa conexão não era apenas desejo, sexo, eu não o havia esquecido, não fazia sentido dizer que não o amava quando eu percebi que, desde o primeiro dia em que o vi, me apaixonei por ele e o amo até agora. Percebi que não importava mais o que havia acontecido entre nós, não importava se, no passado, ele preferiu Marisa a mim, aquele momento não era nosso, o agora, sim. Chegou nossa vez.

Eu só tinha medo de dizer isso novamente... a ele. Eu não queria sofrer. Não podia permitir que

ele me controlasse dessa maneira e foi então que eu falei:

— Você pode possuir meu corpo, mas não minha alma.

— Não importa, eu quero qualquer um dos dois.

Nos amamos não uma, mas várias vezes, não entendia onde buscávamos tanto desejo, a brasa que havia em nossos corpos rapidamente incendiava ao simples contato de nossas mãos, sentíamos-nos insaciáveis. A delicadeza de seu toque em minha pele era excitante, quando ele sugava meus mamilos e sua língua descia em carícias ousadas por minha barriga e suas mãos em meu corpo até encontrar o centro onde mais me despertava prazer, era alucinante.

A paz reinou entre nós por alguns dias. E quão maravilhosos eles foram. Mas eu não me sentia inteira, feliz por completo. Não brigávamos, mas também não conversávamos. Ele era carinhoso e atencioso comigo, mas faltava diálogo. Eu não conseguia perdoar sem falar o que estava sentindo, por outro lado, o orgulho não permitia que eu dissesse que o amava. Acho que, na verdade, eu tinha medo de admitir para ele os meus sentimentos antes de saber o que ele sentia.

Capítulo 11

Desde a última vez em que fizemos amor, eu senti que não era invisível aos seus olhos, mesmo assim, eu estava insegura. O amava, mas ele me tratava como coisa sua, como ele mesmo já havia dito. “Você é minha”. Não, Guilherme, apenas o meu coração é seu. Mas eu quero que sejamos um só, pertençamos um ao outro. Não quero mais sofrer novamente tudo o que vivi há oito anos, quando você preferiu Marisa a mim. Eu também quero seu coração, seu corpo, sua alma. Eu pensava, mas não tinha coragem de dizer-lhe isso.

Eu acordava primeiro do que ele, e sempre o sentia me prendendo pela cintura e suas pernas nas minhas. Eu já estava me acostumando àquilo, mas nessa manhã foi diferente, ele havia se levantado primeiro e saído, eu estava sozinha. Soube durante o almoço, através de uma mensagem pelo celular, que ele iria viajar novamente e que passaria mais duas semanas fora, não sei para onde, sei apenas que o convênio entre o Corriere d’Italia e o seu jornal estavam indo de vento em popa, só pensei que ele mal havia acabado de chegar e já viajara de novo, o que estava realmente acontecendo?

Duas semanas depois e eu não falava mais com ele, ele apenas ligava e falava com Helena. Comecei a pensar que aquelas tardes e noites de amor que havíamos compartilhado não passavam de pura necessidade física dele. Ele viajou sem sequer me avisar com antecedência, e desde então só falava com Helena, nunca comigo.

Eu chegava ao trabalho e era sempre a mesma rotina, edição, reuniões, jornalistas, corre-corre, tudo normal na redação.

O dia diferente foi minha mãe telefonar e querer conversar seriamente comigo. Dona Marina não era dada a essas afetações, “*ah, eu preciso conversar seriamente com você, Luíza!*” Então algo muito sério havia acontecido com ela. Marcamos de nos encontrar em sua casa após o meu trabalho, que procuraria sair mais cedo. Para minha surpresa, estavam presentes Rodrigo e mais dois senhores, os quais vim a saber depois se tratarem de um psicólogo e um advogado.

Minha mãe nunca foi muito simpática ao meu namoro com Rodrigo na época, ela o achava bonzinho e solícito demais. Ela sempre dizia que as pessoas “boazinhas e solícitas” demais estão sempre escondendo algo muito perigoso por trás, e enquadrava Rodrigo nessa descrição. E por saber que ela pensava isso de Rodrigo, não entendi sua presença ali.

Quando sentamos, ele tomou a palavra. Então se tratava de um encontro com ele, Rodrigo havia recorrido à minha mãe para falar comigo? Tudo bem que da última vez que nos vimos, há algumas semanas atrás, foi terrível, mas ele recorrer a ela era assustador. Quando ele começou a falar, eu juro, quase morri de rir. Não acreditei naquilo, então ele se achava meu salvador, meu super herói?

Ele definitivamente ficara maluco e estava se metendo onde não era chamado. O que ele pensava que estava fazendo, uma intervenção? Ele estava se comportando como aquelas pessoas do programa Intervenção do canal de TV a cabo, onde se reúnem médicos, psicólogos e a família para pedir ao viciado cuja vida está uma droga, completamente errada e ele precisa se curar. Minha vida não era da conta de ninguém. Eu casei porque quis, no fundo, eu casei porque o amava. Eu poderia ter ido até o fim e dito não a Guilherme, se não o amasse. Mas eu disse sim e agora sabia o porquê. Minha mãe não falava absolutamente nada.

— Luíza, estou aqui porque sou seu amigo e gosto muito de você, e o assunto que eu quero falar é sério, talvez você não acredite no início, mas você é uma pessoa sensata e mais calma, você irá entender. Quando você me falou que havia se casado com... com...

— O nome dele é Guilherme!

— Bem, você se casou com Guilherme porque teve medo de que ele tomasse sua filha, você se tornou para ele uma vítima e ele, o criminoso. Ele coagiu você a se casar com ele.

— Sei. — Eu tinha que saber até onde ele iria chegar. Respondia monossilabicamente.

— Ele está cometendo um crime muito sério contra você, Luíza.

Pronto! Eu e Guilherme tentamos ao máximo esconder isso de nossa família, era um segredo nosso e eu cometi a insensatez de contar a Rodrigo. Eu nunca pensei que ele pudesse querer se intrometer em minha vida daquela maneira. Eu tinha que fazer alguma coisa, minha mãe jamais poderia saber de minha angústia quando me casei com Guilherme. Se bem que era chegada a hora de ela saber a verdade sobre meu casamento com ele e rezar para ela não fazer um escândalo.

— Rodrigo, você só pode estar maluco! Guilherme é meu marido, eu me casei porque quis. Casei com ele porque o amo! — Eu tinha que dizer isso na frente da minha mãe.

— Você não se casou porque quis, você se sentiu acuada, com medo de que ele sequestrasse sua filha.

— Eu o amo, Rodrigo. Amo minha família. Será que é tão difícil para você entender isso?

— Ele a domina, assedia sua mente, quando ele te chantageou assim, ele tomou conta de sua razão, fez você perder a capacidade de raciocinar.

— Rodrigo, eu acho que foi você quem perdeu a capacidade de raciocinar. Você está louco?

— Não, Luíza. É um tipo de violência doméstica.

— Rodrigo, isso é completamente sem cabimento. E você, mamãe, como permitiu uma coisa dessas? Como permitiu que Rodrigo chegasse aqui em casa com esses dois senhores para me dizer que estou sendo vítima de um crime?

— Do jeito que ele te tratou naquele dia, Luíza, foi assustador, ele tomou conta de você de um jeito doentio, ele está louco. Deixe-me ajudar você.

— Rodrigo, não há nada para me ajudar. Ele tinha razão. Eu faria a mesma coisa.

— Luíza, você precisa de ajuda. Dr. Cláudio é psiquiatra e pode provar que você está sofrendo, que está com problemas, nenhum juiz irá tirar sua filha de você. Você o defende por causa da síndrome de Estocolmo, mesmo livre, você o defende.

— Rodrigo, eu devo ter servido caipirinha no cálice sagrado, só pode ter sido isso. Você está completamente fora de si. Guilherme é um excelente pai!

— Ele pode ser o pai dela, mas você pode se livrar dele.

— Eu não quero me livrar dele! Para com isso.

Minha mãe assistiu a tudo calada, e demonstrando irritação, resolveu interceder e pedir que aqueles homens se retirassem. Eu não pensei que isso pudesse acontecer, ele não me parecia tão desajustado quando nos encontramos antes.

— Rodrigo, eu acho melhor vocês deixarem minha filha em paz. Sinto muito que isso tenha acontecido aqui, filha, me perdoe. Dr. Cláudio, Dr. André, desculpem-me por isso, eu não sabia que isso iria acontecer, é muito constrangedora, embaraçosa e ridícula toda essa situação. Por favor, queiram me deixar a sós com minha filha.

— Você está nos expulsando de sua casa, Marina?

— Eu tenho esse direito, não acha, Rodrigo?

— Mas é a saúde de sua filha, ela está mal.

— Rodrigo, quem não está bem é você. Você é quem anda bastante perturbado. Agora deixe minha filha em paz, por favor. Você é quem me parece bastante obcecado por Luíza.

— Eu não vou permitir que ele faça nada de mal a você.

— Ele não vai fazer nada de mal a mim. Somos um casal comum, brigamos como qualquer casal, mas nos amamos e amamos nossa família e o que temos em comum, nossa filha.

Todavia, minha mãe não deixou por menos, quando eles foram embora, me pediu para falar tudo o que me afligia e, pela primeira vez, eu tive coragem de compartilhar tudo o que eu estava passando. Conte-i-lhe sobre como conheci Guilherme, sobre a viagem, sobre a primeira vez, sobre o casamento dele com Marisa, até nosso reencontro nos EUA. E, sim, eu falei sobre suas ameaças de roubar Helena de mim.

— Será que sua forma deturpada de tratá-la como sua posse não seja uma maneira de demonstrar que ama você? Talvez ele seja orgulhoso...

— Não dá para acreditar que ele me ama quando me trata dessa maneira, perdendo tanto tempo com brigas, com desdém.

— Você não o está tratando da mesma maneira? Diga-me com sinceridade, o que você sente por Guilherme?

— Mãe, eu nunca o esqueci. Ainda o amo como se fosse o primeiro dia em que nos vimos. Eu amo

o jeito louco dele, amo aqueles olhos verdes, amo aquele cabelo, a maturidade dele, seu jeito responsável; amo quando ele chega em casa e abraça a filha, ou corre para o quarto dela e a beija, mesmo quando ela está dormindo. Eu amo acordar pela manhã e estar presa a ele como se fosse sua propriedade. Eu amo aquele homem, mamãe, e não espero que ninguém compreenda esse amor que sinto por ele. Eu não esperava que vocês compreendessem há oito anos, não espero agora. Sei que parece coisa de outras vidas, eu poderia ter dez, doze anos, quarenta ou cinquenta, mas tenho certeza de que, a qualquer tempo, eu me apaixonaria por Guilherme. Por isso eu sei com toda a certeza do mundo de que não há falar em síndrome de Estocolmo ou qualquer outra coisa. Eu simplesmente o amo!

— Minha querida, eu entendo sim, mas será que não é melhor dizer a ele que você o ama?

— Eu tenho medo de que mais uma vez ele não me escolha.

— Não perca tempo, Luíza. Diga o que sente a Guilherme, quem sabe ele reconhece que sente o mesmo por você e a vida de vocês será mais fácil.

— Pode ser... eu queria que ele me escolhesse, que me dissesse “eu te amo, Luíza. Nunca te esqueci, você é o amor de minha vida.” É querer demais, isso? É sonhar demais? Acho que esse dia nunca irá chegar.

— Será? Tenha fé, meu amor.

Depois de conversar com minha mãe, fui para casa, e pensei que ele pudesse estar lá com Helena, mas me enganei. Achei estranho ele não haver chegado ainda, passou a semana inteira sem me contatar, ficava me perguntando o que teria acontecido. Helena já estava dormindo e até me senti culpada por não tê-la colocado para dormir ou brincado um pouco com ela.

Eu o procurava na cama durante a madrugada e não o encontrava. Dessa vez, levantei, não consegui mais dormir, não me contive e telefonei para ele. Telefone desligado. Eu começava a ficar preocupada. Ele estava me evitando.

Mais uma noite e um dia e nada de Guilherme voltar. Eu estava separando a correspondência quando vi que veio endereçado um enorme envelope amarelo destinado a mim, mas com um remetente desconhecido.

Quando abri o envelope, tinha dentro fotos de Guilherme e uma mulher loura muito bonita, porém a tonalidade do louro de seu cabelo tornava-a vulgar. As fotos eram em um restaurante, ele segurava-lhe uma das mãos e tinham os rostos bem próximos, demonstrando intimidade um com o outro. Notava-se que foram tiradas por eles mesmos.

Dentro do envelope, ainda tinha um papel com letras recortadas de revista dizendo: “*Guilherme não é o santo que você pensa*”. Procurei ignorar aquilo, pois nunca achei que Guilherme fosse santo. Além disso, seria muito melhor não dar crédito a cartas anônimas.

Pela data das fotos, aquilo tudo havia ocorrido há poucos dias. Ele está viajando... com essa

mulher? Quem é ela? Se me enviaram as fotos, por que não disseram o nome dela e onde encontrá-la?

Naquele momento, senti raiva de Guilherme, que havia viajado e até então não entrara em contato comigo, apenas falava com a filha, senti raiva da pessoa que me enviou aquelas fotos com a intenção de me envenenar a alma, senti raiva de seu silêncio, de tudo. Eu sentia raiva de mim por haver me apaixonado novamente por Guilherme e, agora, encontrar-me naquela situação enquanto ele estava com outra mulher. Eu não merecia isso mais uma vez.

Eu pensei que estivéssemos começando a nos entender, que cedo ou tarde um de nós se renderia e declararia o amor que sentimos. Pelo visto, me enganei novamente. Eu não despertava mais sentimento algum nele, só o orgulho de ser sua posse.

Antes de ir para a cama, senti um pouco de fome e resolvi descer até a cozinha para tomar um copo de leite para relaxar. Desci as escadas e na cozinha peguei o leite e o esquentei. Acho que ele deveria estar vencido, pois o gosto era terrível. Eu o vomitei por completo. Credo, que gosto ruim. Olhei a caixa e ainda estava na validade. Mas por que eu havia sentido um gosto tão ruim nele? E que cheiro ruim! Desisti do leite, subi as escadas e me deitei, sentindo-me um tanto quanto fraca. Adormeci.

Acordei tarde e, após um banho, descí as escadas e ouvia vozes vindas da cozinha. Era Helena que falava com alguém. Meu coração pulou de alegria ao vê-lo, tive vontade de correr para os seus braços, mas me contive, sentia que havia uma barreira intransponível em volta dele, a qual eu não podia ultrapassar.

Cumprimentamo-nos apenas com um sorriso e um leve aceno de cabeça e mais nada. Decepção e frustração foram o que eu senti. Eu queria beijá-lo, fazer amor com ele, passar dias na cama compensando as noites em que eu não senti o calor de seu corpo.

Almoçamos todos juntos, Helena tomou conta da conversa, falava, demonstrava alegria com a volta do pai, falava dos presentes que ele trouxe, das promessas de saírem juntos que ele fez, dos passeios que haviam programado, enfim, falavam de tudo, apenas os dois. Senti-me totalmente excluída da conversa. Beijeí Helena e levantei-me da mesa. Eu não entendia por que ele mal havia me cumprimentado e agora não falava comigo, apenas me olhava quando Helena se referia a mim em algum assunto e, mesmo assim, sua expressão era indecifrável.

À noite, ele estava no escritório falando ao telefone quando entrei. Ele vestia uma calça jeans e uma camisa branca completamente aberta, deixando o peito e a barriga à mostra, e descalço. Ele gostava de ficar à vontade em casa. De imediato, ele interrompeu a ligação com um “depois nos falamos” para o interlocutor. Desligou o telefone e me olhou, calado. Com aquela recepção, eu mal sabia o que falar, logo eu, jornalista, que tinha sempre o que perguntar às pessoas que entrevistava, que se pressupõe, tenho o dom do diálogo. Eu mal articulava as palavras e piorava com o olhar dele

de indagação.

— Como foi sua viagem?

— Proveitosa.

— Só isso?

Eu insisti para prolongar a conversa, mas cinicamente me perguntou:

— Sentiu minha falta?

— O que você quer que eu responda?

— A verdade.

Não respondi. Então ele perguntou o que havia acontecido durante sua ausência. Respondi que nada demais, mas ele me olhou com um sorriso torto e irônico, como se não tivesse acreditado no que eu dissera.

— É mesmo? Nada aconteceu em minha ausência? — A pergunta foi acompanhada de certo cinismo que eu não conseguia entender. Novamente, respondi que não, que nada havia acontecido de diferente ou novo por aqui durante sua ausência. Eu ia saindo do escritório, quando voltei e resolvi falar sobre as fotos.

— Na verdade, aconteceu, sim, algo diferente. — Disse isso e me aproximei dele, entregando o envelope com as fotos que me enviaram.

— Acho que enviaram para a pessoa errada. Deveriam ser entregues a você.

— O que é isso?

— Veja você mesmo.

Ele abriu o envelope e não proferiu palavra alguma.

Então era verdade, Guilherme não era alguém em que eu pudesse confiar. Resolvi que, dali em diante, não mais me importaria com a vida dele, se viria para casa ou não, ou viajaria sem avisar.

Percebi que a gente não teria dado certo antes, tampouco daria agora, mesmo que fossem apenas dois anos. Eu não poderia mais viver aquela vida angustiante com ele, resolvi que era chegada a hora de dar um basta naquilo tudo. Foi um erro terrível deixar Guilherme entrar em minha vida novamente.

E foi assim durante os dias seguintes. Sofri calada. Mal nos falávamos e ele trabalhando sempre até tarde, ao telefone, reuniões pela internet.

E foi por esse motivo que resolvi aceitar um convite para uma confraternização com os jornalistas da turma de 2005. Seria um bom programa para o fim de semana. Helena e eu ficaríamos fora por dois dias. O fim de semana foi maravilhoso, o encontro foi em um resort numa praia no nordeste. Foi ótimo para ela.

Chegamos no domingo à noite e, em casa, Guilherme nos recebeu com cara de poucos amigos. Após Helena ter ido dormir, tomei um banho e deitei-me, quando ele chegou ao quarto.

— O que você pensa que está fazendo? Da próxima vez que você roubar minha filha dessa

maneira, eu coloco toda a polícia atrás de você por sequestro.

— Sequestro? Quem vai acreditar numa coisa dessas?

— Você não tinha esse direito de sair do Estado sozinha com ela sem me avisar.

— Ah, tinha, sim. Sempre fomos eu e ela, não lhe devo satisfações. E ademais, eu não fiz nada diferente do que você já não tenha feito antes. Eu não preciso da sua permissão, Guilherme.

— Você está muito enganada, eu posso denunciar você ao juizado de menores. Lembra da sentença do juiz?

— Sinceramente? Eu acho que você não vai fazer nada comigo. Mas eu sim. Posso te processar, sabia? Casei-me com você por coação, sob ameaça...

— Ah, então quer dizer que você está muito bem assessorada juridicamente. Processe-me e eu acabo com você!

— Ameace-me e eu faço muito pior!

— Não me provoque, Luíza. Você não sabe do que sou capaz.

— Engano seu, Guilherme. Eu sei bem do que você é capaz. Você é um hipócrita de marca maior. Você finge todo esse moralismo, mas faz exatamente o que critica nos outros. Faz exatamente o que tem medo que te façam.

— Do que você está falando?

— Não estou falando de absolutamente nada.

— O que há, Luíza? O que você quer?

— Eu quero minha liberdade de volta.

— Faça por onde merecer.

— Eu te odeio, Guilherme!

— E você acha o quê, que eu te amo?

Tudo o que eu queria era ouvi-lo dizer que me amava, mas não disse, agora tinha certeza de que ele me odiava, e isso doía, pois eu declarava que o odiava só por mágoa, mas ainda o amava tanto que chegava a doer.

Os dias passavam e nos falávamos apenas o suficiente, e ele me “intimou” a comparecer num coquetel de seu trabalho, não “ficava bem” ele ir sozinho. Era um coquetel em homenagem aos destaques do ano, dentre eles juristas, empresários, personalidades, políticos. Tentei me vestir o mais simples e elegante possível. Um vestido em lamê de seda prateado, curto com decote em v e alças largas, totalmente assimétrico. Ele delineava meu corpo e podia colocar apenas um par de brincos e um colar discreto. Percebi o vestido um pouco folgado, o que era normal, pois eu não me alimentava bem havia tempos e, além do mais, quase tudo o que comia, vomitava. Se isso ocorresse apenas pela manhã, eu diria que eram enjoos matinais por causa de uma gravidez, mas à noite eu

também passava mal. Era stress demais para uma pessoa só. Então prendi os cabelos em um coque desalinhado com alguns fios soltos, a maquiagem também foi discreta, evidenciei os olhos e um pouco de batom cor de boca. Nas mãos, uma *clutch* prata fosca. Os sapatos prateados altíssimos, combinando. Ele estava vestindo um paletó azul marinho e uma camisa branca, bem básico, mas muito bonito. Formávamos um casal perfeito.

No coquetel, fui apresentada a alguns empresários, políticos e juristas. Percebi que sempre em minha ausência uma mulher, que me parecia familiar, de cabelos loiríssimos quase brancos, se fazia presente e me olhava insistentemente, mas sempre que eu a encarava, desviava o olhar. Foi quando me lembrei daquele rosto pelo modo de sussurrar ao ouvido de Guilherme. Era a mesma mulher das fotos que me enviaram.

Mas quem diabos é ela, por que está aqui? Andei pelo salão sempre falando com as pessoas, um jurista ou empresário que me conhecia, me apresentava a outro, e foi assim que encontrei Rodrigo.

Ele estava também no coquetel e acredito que Guilherme não sabia, pois, se soubesse, não teria me deixado sozinha.

— Uau, Luíza! Você está estonteante. Linda! Como eu posso esquecer você se a visão que eu tenho é de uma deusa belíssima.

— Sem exageros, Rodrigo. Eu não estou com essa bola toda.

— Está ainda melhor do que estou falando. Quando eu dizia que te amava no passado, Lu, sempre foi verdade. Eu sempre te amei e ainda te amo.

— Eu continuo sem saber o que dizer... Sinto-me lisonjeada por você ainda nutrir tais sentimentos, mas...

— Mas ela é casada! Não era isso o que você ia dizer ao janota aí, meu amor? – Guilherme respondeu chegando ao meu lado e segurando minha cintura, olhando diretamente para Rodrigo com tom ameaçador.

— Por favor, Guilherme, você não vai fazer um escândalo aqui, vai? – perguntei com medo da última reação dele ao nos encontrar juntos.

— Não, de jeito nenhum, meu amor, você é livre para falar com qualquer um, até com a escória se quiser. Faz parte de sua profissão. A propósito, “doutor” Rodrigo, como andam suas investigações a meu respeito? Já tem material suficiente?

— Mas do que você está falando, Guilherme? – Perguntei-lhe sem entender nada do que ele estava falando. Rodrigo investigando a vida dele?

— Só ele pode responder essa pergunta, querida. Eu só não sabia que a função do ministério público era essa, bisbilhotar a vida alheia, principalmente a vida do marido da mulher que ele pensa que um dia será sua. Ah, vou deixar vocês a sós agora, ele pode te explicar melhor. Com licença e divirta-se, está uma ótima festa, não acha?

— Do que Guilherme está falando, Rodrigo?

— A única coisa que posso dizer é que o admiro por ter coragem de trazer a mulher e a amante para a mesma festa.

— Amante?

E Rodrigo apontou Guilherme com a mulher da foto. Nesse exato momento, ela tinha uma das mãos acariciando seu pescoço enquanto a outra repousava em seu peito. Minha vontade era torcer o pescoço daquela mulher, até sufocá-la, vê-la morrer diante de meus olhos, tamanha a raiva que senti.

— Por favor, não fique aborrecida comigo. A última coisa que fiz para te ajudar foi quando me reuni com aquele advogado e o psicólogo na casa de sua mãe. Você não quis minha ajuda, eu entendi, a síndrome de Estocolmo não é nada fácil de diagnosticar e de ser curada, mas, como seu amigo, tenho todo o direito de avisá-la. Seu inocente marido nunca deixou a amante e só casou com você para ter acesso à filha. Todos sabem que eles têm um caso há anos, não entendo como você nunca desconfiou. Eu já te disse, se você precisar de mim, qualquer tipo de ajuda, estou aqui para o que der e vier. Não importam suas ameaças, não tema deixá-lo.

— Eu prefiro que você não se meta em minha vida pessoal, Rodrigo. Até poderemos ser amigos, mas tudo tem um limite, e esse limite esbarra em minha vida com minha família.

— Ele não te merece, Luíza. Esse homem é um mau caráter. Mas tudo bem, meu amor, eu não queria deixar você nervosa ou triste, com o tempo você irá perceber.

— Você está passando dos limites, Rodrigo. Com licença, vou juntar-me ao meu marido.

Ao aproximar-me dos dois, sequer olhei para ele, apenas a desafiei com meu olhar, deixando que ela não tivesse dúvida alguma sobre o mal que eu queria causar-lhe naquele momento.

— Guilherme, meu bem, já podemos ir. — Ele me lançou um olhar de surpresa com minhas palavras carinhosas e de certa maneira, melosas.

— Claro, meu amor. Vamos! E saímos de mãos dadas, sequer olhei para aquela loura platinada e vulgar. Antes de chegarmos à saída, soltei sua mão e voltei ao salão em direção àquela mulher que me perturbava, tampouco, queria deixar barato.

— Eu sei o que você está fazendo. Não vou permitir que você destrua meu casamento, minha família. Estamos juntos e somos fortes. — Ela não demonstrou preocupação alguma e me respondeu desafiadora.

— Ele vai voltar para mim, querida. É só uma questão de tempo. Ele sempre volta.

— Não conte com isso, senhora. — Virei-me e encontrei Guilherme me olhando com aqueles olhos verdes indagadores e um sorrisinho cínico nos lábios. *Ah, que se dane se ouviu e não gostou! Cansei de ser boazinha e educada.* Levei minha mão até seu rosto e acariciei de leve, contornando seus lábios com meu polegar. Em seguida selei meus lábios nos seus, beijando-o faminta, na frente de

todos, para que soubessem que aquele homem podia até não me amar como eu o amava, mas era meu marido e estava comigo, e eu queria que aquela mulher tivesse certeza disso.

No caminho de volta para casa, não trocamos uma palavra sequer, foi perturbador. Eu não gostava daquele silêncio, mas também não queria brigas. Não estava me sentindo disposta a brigar ainda que ele quisesse, sentia um embrulho no estômago, queria chegar rápido em casa. Ele exalava um odor terrível de perfume barato. Mal chegamos, saí do carro e corri para o quarto. Enquanto eu tentava abrir o zíper de meu vestido, ele entrou e foi logo me abraçando.

— O que você está fazendo? - Perguntei-lhe. Ele já estava sem a gravata.

— Como “o que eu estou fazendo”? Este é nosso quarto, você é minha esposa... e eu estou louco de desejo por você.

Enquanto falava, ele se aproximava de mim, então me deixei ser beijada, não conseguia dizer não. Lembro-me de gostar de sentir o perfume dele, de sua loção pós-barba, mas o perfume que ele estava usando era terrível, era adocicado demais, e o que eu estava sentindo naquele momento era nojo.

Soltei-me rapidamente de seus braços e corri para o banheiro. Aquele perfume estava me matando! Vomitei o pouco que havia comido.

— Mas o que diabos está acontecendo com você?

— Não sei. Seu odor está terrível, não aguento senti-lo.

— Você comeu alguma coisa?

— Pouca coisa... nada demais.

— Está pálida. Deus, você está doente, mulher. Você está muito magra ultimamente.

— Eu não estou magra, tampouco doente. Você é que me adocece. Sua presença me deixa doente, louca, com esses enjoos todos.

— Vem, eu te ajudo a tirar a roupa.

— Eu não preciso de sua ajuda, foi apenas um mal estar... e a culpa é sua. Tome um banho, eu não aguento o cheiro do perfume barato da sua amiga que está impregnado em você.

— Mas do que é que você está falando? Estou usando o perfume de sempre.

— Não é o seu perfume que estou sentindo. É o perfume da sua amiga. Aquela mesma que passou a noite inteira com você. Eu a reconheci, Guilherme! É sua amante! Como você teve coragem? Eu te odeio por isso! — Ele não disse nada novamente.

Após um banho e escovar os dentes, deitei-me para tentar dormir, em seguida ele chegou na cama, havia tomado banho também, seus cabelos ainda estavam molhados.

Durante a madrugada, acordei com ele segurando minha cintura e as pernas em cima das minhas. Aproveitei que ele dormia e me aninhei ao seu corpo ainda mais. Eu senti tanta falta daquele aconchego. O perfume agora era só do seu corpo, da sua pele. Imediatamente, o senti reagir à minha aproximação e foi quando ele beijou meus cabelos, meu pescoço, suas mãos percorreram meu corpo,

meus seios, então me virei e o beijei, e deu-se início a um ritual de prazer e êxtase magníficos, cheio de ternura, de carícias, de palavras ditas sem nexos.

Capítulo 12

— Acorda, Luiza! — Sentia-me cansada, queria dormir o dia inteiro ou por dias seguidos, mas não podia, tinha que encarar Guilherme e o fato de ele ainda ter um caso com outra mulher. Ouvi a mesma frase e agora percebi que não era sonho. Era ele tocando meu rosto, acariciando meu corpo. Abri os olhos e o vi tão majestosamente bonito que senti vontade de chorar. Já havia tomado um banho, sinais de haver se barbeado, então me levantei e corri para o banheiro para meu ritual de enjoo matinais, não queria que ele me visse daquela maneira, portanto respondi que estava bem quando ele bateu à porta. Tomei também meu banho e, quando voltei ao quarto, ele havia forrado a cama e deitado novamente em cima da colcha. Achei tão carinhoso aquele gesto dele, nunca o havia visto fazer isso antes. O diabo estava mais sexy do que nunca sorrindo para mim, só não sabia por que ele sorria, da minha burrice talvez.

— Você pode sair, por favor, preciso vestir a roupa.

— Eu já não vi tudo? — Ele me olhava em um tom cinicamente desafiador, então, para tirar aquele ar de vitória da cara dele, de que só ele pode e é capaz de tudo, aceitei o desafio e me enchi de coragem para provocá-lo e dei início a um show particular de strip-tease contrário. Abri a toalha voluptuosamente, devagar, olhando em seus olhos, deixando-a cair aos meus pés enquanto percebia que ele mudava as feições, calando-se completamente com a boca entreaberta, e devagar lhe dei as costas, soltei os cabelos e os balancei como se estivesse em um comercial de shampoo, e abri as duas portas do guarda-roupa e as segurei por alguns segundos e, com os braços abertos, segurando-as, balancei os quadris dançando sensualmente. Depois, baixei apenas o tronco e escolhi na gaveta um conjunto de lingerie de renda branca e joguei ao seu lado. Peguei o hidratante e, com ele na mão, me aproximei da cama e peguei a calcinha, vestindo-a lentamente, e então comecei a besuntar o creme por todo o meu corpo, espalhando-o em círculos, acariciando propositadamente minhas pernas, a barriga, os seios com movimentos suaves e insinuantes. Nesse momento, não olhava mais para ele, fechei os olhos e fingi que ele não estava ali, que era imaginário. Se eu mantivesse a consciência de que ele estava realmente à minha frente, não teria coragem de ir adiante. Então o senti me segurar pelos quadris, posicionar uma de minhas pernas em seu ombro, beijar minha barriga e descer pelo meu ventre. Ele estava ajoelhado no chão na lateral da cama e eu de pé à sua frente, apoiando-me em seus ombros quando começou um ritual que me deixou em brasa e mesmo a umidade que já havia se formado em mim seria incapaz de apagar o fogo do meu corpo. O que ele fez comigo naquele momento foi pura tortura, me levando a uma total plenitude de sensações tão poderosas que me senti como se estivesse diante de um espelho vendo no que me transformava quando sentia prazer

com Guilherme. O grito que saiu de minha garganta foi gutural, quase senti dor de tão grande o portal de sensações indescritíveis que foi aberto. Foi bárbaro! Foi o momento mais erótico que já vivi em toda a minha vida. Não fui ao chão graças à sua força e percepção de tamanho clímax que me causou, me segurando no colo e deitando na cama novamente. Em seguida me penetrou, preenchendo-me com toda sua força e virilidade. Guilherme me completa totalmente. Sinto-me feliz quando ouço seus gemidos ao se derramar dentro de mim. É dessa maneira que sei que lhe dou prazer.

Com os batimentos cardíacos mais calmos, olhei em seu rosto. Ele estava deitado ao meu lado, com o cotovelo apoiado na cama, enquanto fazia círculos em minha barriga com a outra mão. Ele falou:

— O que aconteceu agora não faço com ninguém mais a não ser com você. Não tenho amante alguma, nunca tive desde que te reencontrei e isso há muito tempo. Não tenho nada com aquela mulher e nem quero, mas sei que você acredita que sim.

— Você ficou calado quando te mostrei as fotos.

— Eu fiquei com muita raiva da ousadia daqueles dois de infernizarem minha vida daquele jeito.

— Aqueles dois?

— Rodrigo e Regina. Marina me contou o que ele tentou fazer com você, Luíza. Tentou colocar em sua cabeça que você estava doente e por isso estava comigo.

— Mamãe contou para você? Ela contou tudo?

— Sim, o que Rodrigo fez levando um advogado e um psiquiatra para atestarem que você estava com a síndrome de Estocolmo. Idiota!

— Vocês viajaram juntos.

— Aquelas fotos são antigas, têm, no mínimo, quatro anos, alterar as datas no photoshop é a coisa mais fácil do mundo. Eu não nego que tivemos um caso, mas foi passageiro e desde então ela não para de me perseguir. No início, eu ignorava, mas chegou a um ponto em que tive que tomar minhas providências. E aí Rodrigo entrou na história. A ação que impetrei contra ela caiu em sua Vara e ele deu um jeito de desaparecer. Eles se juntaram e começaram a infernizar nosso casamento. Também me enviaram fotos suas com Rodrigo, de quando vocês se encontraram no shopping. Ele estava sempre te tocando. Você o olhava com carinho. A raiva que senti quase me fez colocar tudo a perder. Tentei me manter frio, mas quando vi as mensagens, a ousadia dele... Perdi a cabeça, descontei em você. Eu sabia de tudo e não acreditei em nada, mas você não sabia.

— E por que você não me contou antes? Por que deixou chegar a esse ponto?

— Eu tinha que reunir provas de que eles estavam em conluio querendo nos destruir.

— E por que você se importa? Se não é ela sua amante, pode ser qualquer outra.

— Eu não quero fazer você sofrer ainda mais. Eu fiquei com tanta raiva porque você me negou Helena que só queria me vingar de você. Eu não sou um monstro, mas sei que transformei sua vida

num inferno, mas, acredite, a minha vida também não foi fácil durante esse tempo em que estamos casados. E para evitar que nos machuquemos ainda mais, é melhor parar com essa brincadeira perigosa.

— Você está querendo dizer que vai me deixar, é isso?

— Sabe, Luíza, eu tenho certa admiração por você ser uma mulher linda, inteligente, independente, sempre soube o que queria, mas outras vezes eu te acho tão estúpida, tão cega. Eu entendo que te magoei no passado, até te abandonei de certa forma, não estando ao seu lado durante a gravidez, durante o nascimento de Helena, não te apoiando quando você precisava, mas, pelo amor de Deus, eu te amava e ainda te amo e não mereço mais tanto castigo. Eu já perdi minha filha por sete anos, já fui punido o bastante, não posso perder nem ela nem você novamente. Eu fiz de tudo para que você me amasse, tracei um plano maluco para forçar você a se casar comigo para te reconquistar, te ameacei, te desejei todos os dias da minha vida desde o dia em que te encontrei novamente. Não consegui te esquecer durante todos esses oito anos e você só me desprezou, só me odiou e odiou. Acontece que eu te amo, sua estúpida! E não vou te deixar ir nunca!

Eu ouvia tudo o que ele dizia e parecia que estava sonhando, não tinha certeza se estava acordada. Ele estava me escolhendo agora? Ele dizia que me amava? Será que não era um tipo muito cruel de brincadeira? E ele continuou falando e falando...

— Eu pensei que te forçando a se casar comigo, armando toda aquela loucura, aos poucos te conquistaria. Eu era o homem mais feliz do mundo quando nos casamos. E em você eu via tristeza, pavor. Confesso que, no início, quis te dar uma lição, mas eu não tinha muita paciência para brigar. Eu só queria te amar, mas você só dizia que me odiava. Eu não entendia porque eu te beijava e você correspondia, depois agia como se sentisse nojo de mim. Era muito confuso. E quando eu vi aquelas mensagens de Rodrigo pra você, me descontrolei. Achei que você havia se interessado por ele novamente. Fiquei louco de ciúmes, eu não aguentava mais e por isso te possuí daquela maneira imperdoável. Senti-me tão mal com o que fiz que passei a noite no jornal dormindo naquela cadeira horrível, eu não me perdoava e me achei um canalha. Para tentar fazer você mostrar algum sentimento por mim, viajei sem te avisar para te provocar ciúmes e você não demonstrou nada, mas quando, em seguida, você viajou com nossa filha, pensei que você houvesse fugido de mim. Eu não iria aguentar viver sem vocês duas. Vocês são tudo o que eu tenho de mais precioso na vida. Eu te amo muito mais do que da primeira vez em que te vi.

— Isso é uma brincadeira?

— Não é uma brincadeira! Eu amo você, minha menina. Eu queria te procurar todos esses anos, mas você me pediu naquele bilhete terrível que deixou para não procurá-la nunca mais. Isso eu podia fazer, eu só não podia nem queria te esquecer. Arrependi-me no momento em que você foi embora

daquele quarto de hotel, de ter dito todas aquelas idiotices. Como eu me odiei todos esses anos por ter sido tão burro. Eu não queria te perder, que se danasse o mundo se você era quase uma criança. Eu deveria ter enfrentado o preconceito das pessoas, o meu próprio, o de minha mãe, da sua...

— Seu grosso, estúpido, orgulhoso... por que você não disse isso antes? Eu também te amo, Guilherme.

— Eu sei que você me ama, mas é tão orgulhosa que foi incapaz de admitir isso pra mim há mais tempo. Eu ouvi o que você disse a Regina, e naquele momento, me senti o homem mais feliz do mundo. Você lutando por mim, por nosso casamento, nossa família. Você é mesmo uma criança mimada, Luíza! E eu amo isso em você.

— E você é um “velho” muito ranzinza, controlador, arrogante e excelente amante Guilherme. E é isso que eu também amo em você.

E nos beijamos, aliviados. Aquele beijo tinha o gosto mais saboroso do que qualquer fruta que existisse na natureza, sabíamos que era o primeiro de muitos infundáveis beijos. Aquelas palavras tiraram um peso enorme de nossos ombros. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sentia feliz. Sabíamos agora que nos amávamos, tínhamos certeza disso e que iríamos ficar juntos para sempre.

— Eu nunca te esqueci, Guilherme. Eu sempre te amei, sempre quis ficar com você. Eu te disse antes que te amaria para sempre. Eu sempre soube que era você.

— Estamos no mesmo estágio agora.

— Sempre estivemos, e veja só o tempo que perdemos. Eu te amo demais!

— Eu te amo muito mais, sua tonta boba!

EPÍLOGO

Depois de todas as declarações, tudo de muito bom aconteceu comigo e Guilherme. Sou feliz, principalmente agora que sei que amo e sou amada. Resolvemos fazer uma nova viagem de lua-de-mel e lá, nos canais de Veneza novamente, em nosso passeio de gôndola, dessa vez, com a certeza de que nos amamos, eu lhe dei a notícia que já sabia desde o início. Estamos grávidos! Ele levantou-se em plena gôndola e gritou aos ventos que ia ser pai. Eu nunca havia visto tanta felicidade numa só pessoa. Era quase palpável. Nossa única certeza é de que o amor que nasceu em nós naquele dia no shopping nunca mais morreu, tampouco se perdeu. Ele está dentro de nós e espalhado na família que estamos construindo juntos agora. Hoje vejo que Guilherme e eu estávamos em estágios diferentes quando nos conhecemos, ele me queria quando eu tivesse certeza do que realmente desejava, do que queria. Eu sempre tive essa certeza, mas ele não, por medo ou preconceito, me libertou. Mas eu voltei! Voltei porque eu o encontrei mais cedo do que imaginava. Encontrei o grande amor de minha vida, aquele que todos dizem existir, minha alma gêmea, Guilherme. Somos uma família feliz agora.

Guilherme me contou todos os detalhes das armações de Rodrigo e Regina. Quando, coincidentemente, a ação de Guilherme caiu em sua Vara, Rodrigo a procurou e juntou-se a ela para nos envenenar, alterando as datas das fotos e enviando-as para mim, marcando encontro comigo na casa de minha mãe, enviando torpedos e mandando que nos fotografassem para fazer o mesmo a Guilherme, e até dizendo diretamente que eles eram amantes na festa que fomos. Ele sabia o tempo todo que havíamos nos casado por causa da notinha no jornal que Guilherme havia posto e até o encontro no Shopping foi planejado. O pior é que o parvo sequer tem uma filha, a menina é sobrinha dele.

Ao final, ambos não se deram bem. Regina? Ela não pode ficar a menos de duzentos metros de distância da nossa família. Rodrigo está sendo investigado pela Corregedoria. É uma pena, uma carreira sólida, com todas as chances de encontrar alguém que o amasse e ser feliz... Se ele me amava ainda? Hoje vejo que é um amor doentio. Espero que ele encontre alguém que realmente o ame, pois eu já vim a esse mundo com a missão de estar com Guilherme. E ninguém podia mudar o que já estava escrito por Deus, Guilherme e eu juntos, para sempre.

..*.*